

A black and white illustration of a man and a boy in a field. The man, wearing a flat cap and a heavy sweater, stands behind the boy. The boy, wearing a striped shirt and overalls, holds a long-handled tool, possibly a rake or a hoe, and looks down at it. The background is a simple, textured field.

Roald Dahl

Danny, o Campeão do Mundo



Martins Fontes



*Danny,
o campeão do mundo*

Roald Dahl

*Danny,
o campeão do mundo*

*Ilustrações Cláudia Scatamacchia
Tradução Almiro Pisetta*



Martins Fontes
São Paulo 2002

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
DANNY THE CHAMPION OF THE WORLD.
Copyright © Felicity Dahl e demais Executores do Estate of Roald Dahl, 1975, 1991.
Copyright © 2002, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1ª edição
março de 2002

Tradução
ALMIRO PISETTA

Revisão da tradução

Valter Lellis Siqueira

Revisão gráfica

Renato da Rocha Carlos

Maria Fernanda Alvares

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação/Fotolitos

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dahl, Roald

Danny, o campeão do mundo / Roald Dahl ; tradução de Almiro Pisetta ; ilustrações de Cláudia Scatamacchia. – São Paulo : Martins Fontes, 2002. – (Escola de magia)

Título original: Danny the champion of the world.

ISBN 85-336-1472-1

I. Literatura infanto-juvenil I. Scatamacchia, Cláudia. II. Título.
III. Série.

02-0531

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3105.6867
e-mail: info@martinsfontes.com.br http://www.martinsfontes.com.br

Roald Dahl nasceu em 1916 no País de Gales, filho de pais noruegueses. Passou a infância na Inglaterra e, aos dezoito anos, foi para a África como empregado da companhia de petróleo Shell. Participou da Segunda Guerra Mundial como piloto da Real Força Aérea da Inglaterra. Começou a escrever quando era adido da embaixada inglesa em Washington. Seus livros para adultos e crianças são hoje traduzidos e apreciados no mundo todo. Roald Dahl morreu em 1990, aos setenta e quatro anos.

Cláudia Scatamacchia é de São Paulo. Seus dois avós eram artesãos. Cláudia já nasceu pintando e desenhando, em 1946. Quando criança, desenhava ao lado do pai, ouvindo Paganini. Lembra com saudade as três tias de cabelo vermelho que cantavam ópera. Lembra com respeito a influência do pintor Takaoka sobre sua formação. Cláudia recebeu vários prêmios como artista gráfica, pintora e ilustradora.

Almiro Pisetta, pai da Tatiana e da Glenda, avô da Bia e do Shindi, nasceu em Rio do Oeste, Santa Catarina, há quase seis décadas. Estudou Filosofia e Teologia, no Brasil, na Itália e na Espanha. É bacharel em Letras pela Duquesne University de Pittsburgh. É mestre e doutor pela USP, onde também lecionou Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana. Atualmente é professor de Literatura Inglesa no Unibero. Traduz com assídua frequência textos em prosa e brinca de traduzir poesia.

Este livro é para toda a família

PAT

TESSA

THEO

OPHELIA

LUCY

Índice

1. O posto de gasolina 1
2. O Gigante Amistoso 9
3. Carros, pipas e balões 17
4. O segredo bem guardado
e sombrio de meu pai 29
5. Os métodos secretos 43
6. O sr. Victor Hazell 55
7. O Baby Austin 65
8. O buraco 81
9. O dr. Spencer 97
10. O grande festival de tiros 107
11. A Bela Adormecida 119
12. Quinta-feira na escola 127
13. Sexta-feira 147
14. No bosque 155
15. O vigia 169
16. O campeão do mundo 177
17. O táxi 189

- 18. Em casa 197
- 19. Nana, nenê 205
- 20. Tchauzinho, sr. Hazell 217
- 21. A surpresa do dr. Spencer 231
- 22. Meu pai 241

1

O posto de gasolina

Quando eu tinha quatro meses, minha mãe morreu de repente e meu pai teve de cuidar de mim sozinho. Naquela época eu era assim.



Eu não tinha irmãos.

Assim, durante toda a minha infância, do meu quarto mês em diante, ficamos só nós dois, meu pai

e eu. Nós morávamos numa espécie de carroça de ciganos atrás de um posto de gasolina. Meu pai era dono do posto, da carroça e de um pequeno terreno que ficava atrás. E isso era tudo o que ele possuía no mundo. Era um posto muito pequeno, numa estradinha rural, rodeado por campos e colinas arborizadas.

Enquanto eu ainda era bebê, meu pai me dava banho, me alimentava, trocava minhas fraldas e fazia todas as outras coisas que uma mãe normalmente faz



pelo filho pequeno. Não é uma tarefa fácil para um homem, especialmente quando tem também de ganhar a vida consertando e abastecendo automóveis.

Mas meu pai parecia não se importar. Acho que todo o amor que ele sentia pela minha mãe quando ela estava viva agora ele dedicava a mim. Durante meus primeiros anos eu nunca tive um momento de infelicidade ou doença. Este sou eu no meu quinto aniversário.

Como vocês podem ver, eu era um moleque encardido, todo sujo de óleo e graxa, mas isso é porque eu passava o dia todo na oficina ajudando meu pai.

O posto tinha só duas bombas. Atrás delas havia um barracão de madeira que servia como escritório. No escritório só havia uma mesa e uma caixa registradora para guardar dinheiro. Quando a gente apertava o botão da caixa, tocava um sino e a gaveta pulava com um barulhão. Eu adorava aquilo.

O galpão quadrado de tijolos à direita do escritório era a oficina. Meu pai o construiu sozinho, com muito capricho, e era a única coisa realmente sólida no local. Ele dizia: “Você e eu somos engenheiros. Ganhamos a vida consertando motores e não podemos fazer um bom trabalho numa oficina caindo aos pedaços.” Era uma bela oficina. Tinha lugar para um carro e ainda sobrava espaço em volta para trabalhar. Tinha telefone, e assim os fregueses podiam marcar a hora para trazer seus carros.

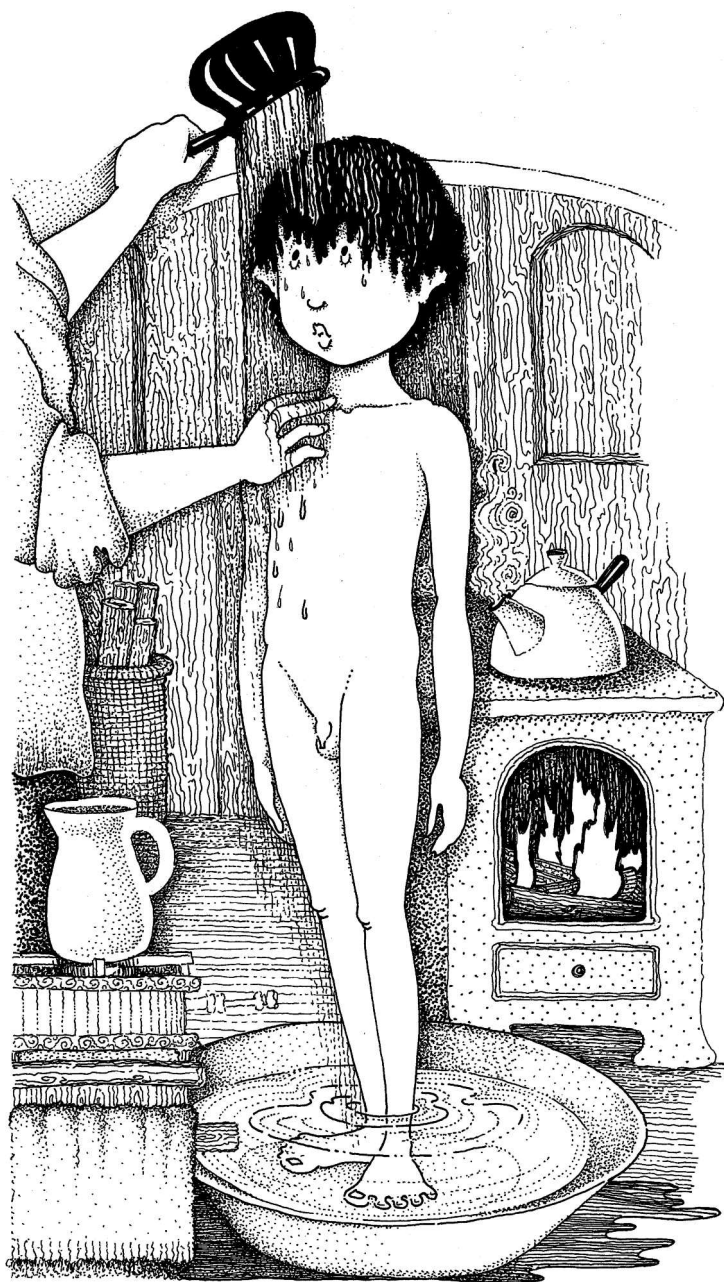
A carroça era nossa casa e nosso lar. Era uma carroça cigana de verdade, com rodas grandes e toda

pintada com delicados desenhos em amarelo, vermelho e azul. Meu pai dizia que ela devia ter pelo menos cinquenta anos. Dizia que muitas crianças ciganas tinham nascido e crescido dentro daquelas paredes de madeira. Puxada por um cavalo, a velha carroça deve ter vagado por milhares de quilômetros pelas estradas da Inglaterra. Mas agora suas andanças tinham acabado, e, como os raios de madeira das rodas estavam começando a apodrecer, meu pai, muito prevenido, a calçou com tijolos.

Havia apenas um cômodo na carroça, e não era muito maior que um bom banheiro moderno. Era um cômodo estreito, no formato da própria carroça, e junto à parede de fundo havia um beliche. A cama de cima era do meu pai, a de baixo era minha.

Embora tivéssemos luz elétrica na oficina, não tínhamos licença para puxá-la até a carroça. O pessoal da companhia de eletricidade dizia que não era seguro instalar cabos dentro de uma coisa velha e frágil como aquela. Assim, conseguíamos luz e calor do mesmo modo que os ciganos, anos atrás. Havia um fogão a lenha com uma chaminé que atravessava o teto, e isso nos mantinha aquecidos no inverno. Tínhamos um fogareiro a querosene para esquentar água ou fazer um ensopado, e uma lamparina pendurada no teto.

Quando eu precisava de um banho, meu pai esquentava uma chaleira de água e despejava numa bacia. Depois ele me despia e me esfregava todo, em pé. Acho que eu ficava tão limpo quanto se tivesse to-

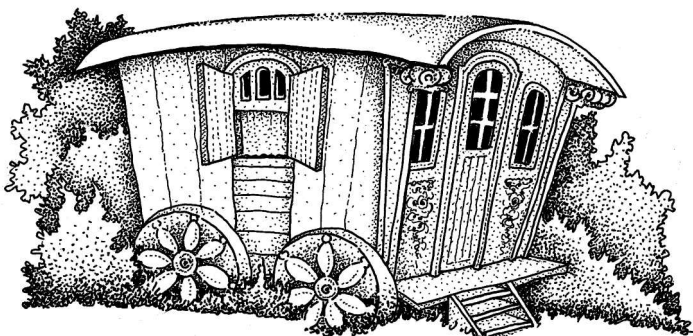


mado banho de banheira, ou ainda mais, pois não terminava o banho sentado na água suja.

Nossa mobília eram duas cadeiras, uma mesinha e uma pequena cômoda com gavetas. Não precisávamos de mais do que isso.

A privada era uma casinha de madeira meio esquisita, que ficava no terreno de trás, a uma certa distância da carroça. Era ótimo no verão, mas sentar lá fora no inverno, quando nevava, era como sentar numa geladeira.

Logo atrás da carroça havia uma velha macieira. Suas maçãs maravilhosas amadureciam em meados de setembro, e dava para colhê-las durante umas quatro ou cinco semanas. Alguns dos galhos da árvore ficavam bem em cima da carroça e, quando o vento soprava e as maçãs caíam durante a noite, era quase sempre sobre nosso teto. Deitado no beliche, eu as ouvia cair fazendo *tum... tum... tum...* acima da minha cabeça, mas aqueles barulhos nunca me assustaram, pois eu sabia exatamente de onde vinham.

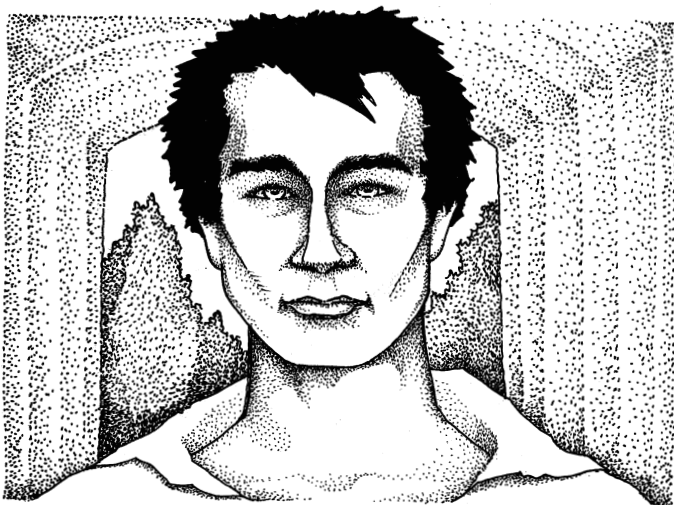


Eu realmente adorava morar naquela carroça cigana. Gostava dela especialmente nas noites em que eu me enfiava embaixo das cobertas e meu pai me contava histórias. A luz da lamparina ficava fraquinha e eu via as faíscas da madeira ardendo em brasa no velho fogão. Era maravilhoso ficar ali protegido e aconchegado em meu beliche, naquele quartinho. O melhor de tudo era a certeza de que, quando eu pegasse no sono, meu pai continuaria ali, bem perto de mim, sentado ao lado do fogo ou deitado na parte de cima do beliche.

2

O Gigante Amistoso

Meu pai, sem sombra de dúvida, era o pai mais maravilhoso e empolgante que qualquer garoto já teve. Aqui está uma foto dele.



Quem não o conhecesse bem até poderia achar que ele fosse carrancudo e sério. Não era. Na verdade, meu pai era uma pessoa muito divertida. Ele parecia tão sério porque nunca sorria com a boca. O sorriso estava todo em seus brilhantes olhos azuis; quando ele pensava em alguma coisa engraçada, eles lampejavam e, olhando com atenção, dava para ver uma minúscula fagulha dourada dançando em cada pupila. Mas a boca nunca se mexia.

Eu gostava que meu pai sorrisse com os olhos. Isso queria dizer que ele nunca me dava sorrisos falsos, pois é impossível fazer os olhos brilhar se a gente não está brilhando. Um sorriso com a boca é diferente. Dá para fingir um sorriso com a boca a qualquer momento apenas movendo os lábios. Também aprendi que um verdadeiro sorriso com a boca sempre vem acompanhado de um sorriso com os olhos. Por isso, tome cuidado se alguém lhe sorrir com a boca mas não com os olhos. Com certeza é um sorriso falso.

Meu pai não era o que se pode chamar de um homem instruído, e acho que ele não leu mais de vinte livros na vida. Mas era um contador de histórias maravilhoso. Ele inventava uma história para eu dormir todas as noites, e as melhores se transformavam em séries que duravam noites a fio.

Uma delas, que deve ter rendido pelo menos cinquenta noites, era sobre um enorme camarada chamado Gigante Amistoso, ou, abreviando, GA. O GA era três vezes mais alto que um homem comum, e

cada uma de suas mãos era do tamanho de um carrinho de pedreiro. Morava em uma enorme caverna subterrânea, não muito longe do nosso posto, só saindo de lá depois que escurecia. Na caverna ele tinha uma fábrica de pós na qual produzia mais de cem tipos diferentes de pó mágico.

Às vezes, enquanto contava suas histórias, meu pai dava grandes passadas, abanando os braços e mexendo os dedos. Mas a maior parte do tempo ficava sentado perto de mim, na beirada da minha cama, falando baixinho.

– O Gigante Amistoso faz seus pós mágicos com os sonhos das crianças – dizia ele.

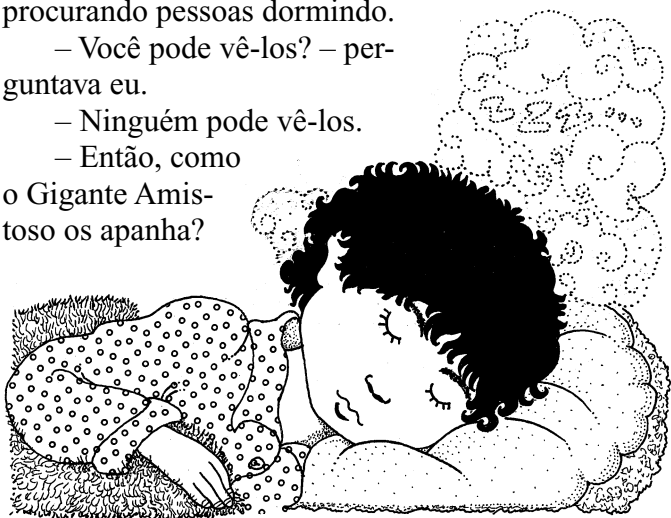
– Como? – perguntava eu. – Conte, papai.

– Os sonhos, meu querido, são coisas muito misteriosas. Flutuam pelo ar da noite como nuvenzinhas, procurando pessoas dormindo.

– Você pode vê-los? – perguntava eu.

– Ninguém pode vê-los.

– Então, como o Gigante Amistoso os apanha?



– Ah – dizia meu pai –, isso é que é interessante. Veja você, enquanto vaga pelo ar da noite, o sonho produz um minúsculo zumbido, um som tão suave e baixo que as pessoas comuns não conseguem ouvi-lo. Mas o GA pode ouvi-lo facilmente. Sua capacidade de audição é fantástica.

Eu adorava o olhar longínquo e concentrado de meu pai enquanto contava uma história. Seu rosto ficava pálido, sereno e distante, sem se dar conta de nada à sua volta.

– O GA – dizia ele – pode ouvir a pisada de uma joaninha sobre uma folha. Pode ouvir os sussurros das formigas que conversam enquanto correm pelo chão. Pode ouvir o estridente grito de dor de uma árvore quando um lenhador a fere com o machado. Meu querido, existe todo um mundo de sons à nossa volta que não conseguimos ouvir porque nossos ouvidos não são suficientemente sensíveis.

– O que acontece quando ele pega os sonhos? – perguntava eu.

– Ele os aprisiona em garrafas de vidro e as tampa bem apertado – dizia meu pai. – Ele tem milhares delas em sua caverna.

– Ele pega tanto os sonhos bons quanto os pesadelos?

– Sim – dizia meu pai. – Ele pega tudo. Mas usa apenas os sonhos bons em seus pós.

– E o que ele faz com os pesadelos?

– Ele os explode.

É impossível dizer o quanto eu amava meu pai.



Enquanto ele estava sentado perto de mim no beliche, eu colocava minha mão dentro da sua; então, ele dobrava os longos dedos em volta do meu pulso, segurando-o com firmeza.

– O que o GA faz com os pós depois que os fabrica? – perguntava eu.

– Quando a noite morre – dizia meu pai – ele vai rondando pelas vilas à procura das casas em que as crianças estão dormindo. Por causa de sua grande altura, ele consegue alcançar as janelas do primeiro andar e até do segundo, e, quando acha um quarto com uma criança adormecida, ele abre sua mala...

– Sua mala? – dizia eu.

– O GA sempre carrega uma mala e um maçarico – respondia meu pai. – O maçarico é do tamanho de um poste de luz. A mala é para os pés. Então ele abre a mala e seleciona o pó certo... e o coloca no maçarico... que introduz pela janela... e puf... ele sopra o pó... e o pó flutua pelo quarto... e a criança o respira...

– E daí? – perguntava eu.

– Daí, Danny, a criança começa a ter sonhos maravilhosos e fantásticos... e quando o sonho atinge seu momento mais maravilhoso e fantástico... o pó mágico faz efeito... e de repente o sonho não é mais um sonho, mas um acontecimento real... e a criança não está dormindo na cama... ela está bem acordada, está de fato no lugar do sonho e participando de tudo... participando mesmo... na vida real. Mas o resto fica para amanhã. Boa noite, Danny. Durma bem.

Meu pai me beijava e depois abaixava a luz da lamparina até a chama se apagar. Sentava-se diante do fogão a lenha, que agora produzia um agradável clarão vermelho no quarto escuro.

– Pai – murmurava eu.

– Que foi?

– Você já viu o Gigante Amistoso de verdade?

– Uma vez – dizia meu pai. – Só uma vez.

– Você viu! Onde?

– Foi lá fora atrás da carroça. Era uma noite de lua cheia, eu olhei para cima e, de repente, vi um homem tremendamente alto correndo pelo topo da co-

lina. Tinha um modo estranho de andar, com passadas largas, e sua capa preta esvoaçava atrás dele como as asas de um pássaro. Tinha uma grande mala numa das mãos e um maçarico na outra, e quando chegou à cerca viva do fim do campo ele simplesmente passou por cima dela como se ela nem existisse.

– Você ficou assustado, papai?

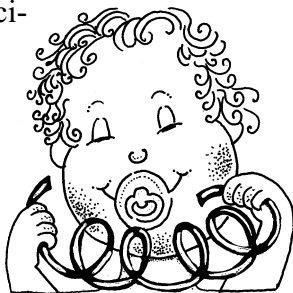
– Não. Foi emocionante vê-lo, e também um pouco estranho, mas não me assustei. Agora durma. Boa noite.

3

Carros, pipas e balões

Meu pai era um ótimo mecânico. Gente que morava a quilômetros de distância preferia trazer seus carros para ele consertar em vez de levá-los a uma oficina mais próxima. Ele era louco por motores. “Um motor a gasolina é uma coisa mágica”, disse-me ele certa vez. “Imagine mil pedacinhos diferentes de metal... se você os juntar da maneira correta... e depois os alimentar com petróleo... ligar uma pequena chave... de repente eles tomam vida... roncam, zumbem e rugem... fazendo as rodas do carro passar zunindo numa velocidade fantástica.”

Era inevitável que eu também me apaixonasse por motores e carros. Não esqueçam que, mesmo antes de andar, a oficina tinha sido minha sala de brinquedos,



pois onde mais meu pai poderia ficar de olho em mim o dia inteiro? Meus brinquedos eram as engrenagens cheias de graxa, as molas e os pistões que ficavam espalhados por toda parte, e eram, eu juro, muito mais divertidos que a maioria das coisas de plástico que se dão às crianças de hoje.

Assim, quase desde meu nascimento, comecei a ser treinado como mecânico.

Mas agora eu tinha cinco anos, e havia o problema da escola para resolver. A lei mandava que os pais mandassem os filhos para a escola aos cinco anos, e meu pai sabia disso.

Lembro que estávamos na oficina, no meu quinto aniversário, quando a conversa sobre a escola começou. Eu estava ajudando meu pai a trocar as pastilhas de freio das rodas de trás de um grande Ford quando, de repente, ele me disse:

– Sabe de uma coisa interessante, Danny? Você deve ser o melhor mecânico de cinco anos do mundo.

Aquele foi o melhor elogio que ele já me fizera. Eu fiquei muito contente.

– Você gosta deste trabalho, não é? – perguntou ele. – Toda esta bagunça de motores.

– Eu gosto mais do que tudo – respondi.

Ele se voltou para mim, me encarou e colocou gentilmente a mão no meu ombro.

– Quero ensinar você a ser um ótimo mecânico – disse. – E, quando você crescer, espero que se torne um engenheiro famoso, um homem que desenhe

motores novos e melhores para carros e aviões. Para isso – acrescentou – você vai precisar de uma educação muito boa. Mas eu ainda não quero mandá-lo para a escola. Em dois anos você vai ter aprendido o suficiente aqui comigo para ser capaz de desmontar um motor peça por peça e remontá-lo sozinho. Depois disso, você poderá ir para a escola.

Pode parecer que meu pai estava louco, tentando ensinar um garotinho a ser um perfeito mecânico, mas na verdade ele não estava. Aprendi rápido e adorei cada um daqueles momentos. E, para sorte nossa, ninguém veio bater em nossa porta para perguntar por que eu não ia à escola.

Assim, dois anos se passaram, e com sete anos, acredite quem quiser, eu podia realmente desmontar e remontar um pequeno motor. Eu digo desmontar mesmo, em peças, pistões, eixos e todo o resto. Chegara a hora de ir para a escola.

Minha escola ficava na vila mais próxima, a três quilômetros de distância. Não tínhamos carro, pois não podíamos comprar um. Mas a caminhada levava apenas meia hora, o que não me incomodava nem um pouco. Meu pai ia comigo. Insistia em ir. E quando a escola acabava, às quatro da tarde, ele estava sempre lá me esperando.

E assim a vida seguia. O mundo em que eu vivia consistia apenas no posto de gasolina, na oficina, na carroça, na escola e, claro, nas árvores, nos campos e caminhos da região. Mas eu nunca ficava entedia-

do. Era impossível ficar entediado na companhia de meu pai. Ele era um homem muito elétrico para isso. Maquinações, planos e novas idéias saltavam dele como as faíscas de uma pedra de amolar.

– O vento hoje está bom – disse ele num sábado de manhã. – Perfeito para empinar uma pipa. Vamos fazer uma pipa, Danny.

Então fizemos uma pipa. Ele me mostrou como juntar quatro varetas na forma de estrela, com mais duas varetas cruzando pelo meio, como reforço. Depois cortamos uma velha camisa azul de papai e esticamos o tecido sobre a estrutura da pipa. Adicionamos uma longa cauda feita de linha, com pedacinhos da camisa amarrados em intervalos ao longo dela. Achamos um rolo de barbante na oficina, e ele me ensinou como unir o barbante à estrutura para que a pipa ficasse bem equilibrada ao voar.

Fomos até o topo do morro atrás do posto para soltar a pipa. Era difícil acreditar que aquele objeto, feito apenas de varetas e um pedaço de camisa velha, pudesse realmente voar. Segurei o barbante enquanto meu pai segurava a pipa, e, no momento em que ele a soltou, ela pegou o vento e foi subindo como um enorme pássaro azul.

– Solte mais um pouco, Danny! – gritou. – Vá em frente! O quanto você quiser!

A pipa pairava cada vez mais alto. Logo ela virou apenas um pontinho azul dançando no céu, quilômetros acima de minha cabeça, e era emocionante

estar ali ligado a uma coisa tão distante e tão viva. Essa coisa distante puxava com força e se debatia no fim da linha como um peixe.

– Vamos voltar para a carroça – disse meu pai.

Então descemos o morro, eu segurando o barbante, e a pipa ainda puxando forte na outra extremidade. Quando nós chegamos à carroça, tomamos cui-



dado para o barbante não enroscar na macieira e fomos para os degraus da frente.

– Amarre-a no degrau – disse meu pai.

– Ela ainda vai ficar lá em cima? – perguntei.

– Vai, se o vento não diminuir – disse ele.

O vento não diminuiu. E vou lhes contar uma coisa. Aquela pipa ficou lá em cima durante toda a noite, e na hora do café da manhã do dia seguinte o pontinho azul ainda estava dançando e empinando no céu. Depois do café eu a descí e a pendurei cuidadosamente numa parede da oficina para empiná-la um outro dia.

Não muito tempo depois, numa noite agradável e tranqüila, quando não havia nenhum sopro de vento, meu pai me disse:

– Este é o tempo perfeito para soltar balão. Vamos fazer um.

Ele deve ter planejado tudo antecipadamente, porque já havia comprado quatro grandes folhas de papel de seda e um pote de cola na papelaria do sr. Witton, na vila. E agora, usando apenas papel, cola, tesoura e um pedaço de arame fino, ele fez um enorme e magnífico balão em menos de quinze minutos. Numa abertura, embaixo, amarrou uma mecha de estopa, e já estávamos prontos para a aventura.

Estava ficando escuro quando levamos o balão para o campinho atrás da carroça. Tivemos que usar uma garrafa de álcool e alguns fósforos. Eu segurava o balão no alto enquanto meu pai se agachava embai-

xo dele, despejando cuidadosamente um pouco de álcool na estopa.

– Aí vai – disse ele, colocando um fósforo na estopa. – Segure os lados, esticando o mais que puder, Danny!

Uma grande chama amarela subiu da mecha de estopa e entrou direto no balão.

– Vai pegar fogo! – gritei eu.

– Não vai, não – disse ele. – Olhe!

No início, nós dois afastamos as laterais do balão o mais possível para mantê-las longe da chama. Mas logo o ar quente encheu o balão, e o perigo acabou.

– Está quase pronto! – disse ele. – Está sentindo como ele flutua?

– Estou – disse eu. – Podemos soltar?

– Ainda não... Espere mais um pouco!... Espere até ele puxar com bastante força para voar!

– Agora está puxando! – disse eu.

– Certo! – ele gritou. – Pode soltar!

Vagarosa e magicamente, em absoluto silêncio, nosso maravilhoso balão começou a subir pelo céu noturno.

– Está voando! – gritei, batendo palmas e pulando. – Está voando! Está voando!

Meu pai estava quase tão entusiasmado quanto eu. A gente nunca sabe como eles vão subir antes de soltá-los. Cada um é diferente. – É uma beleza – disse ele. – Isto é mesmo uma beleza.

O balão ia cada vez mais alto, subindo muito rá-



pido no ar frio da noite. Era como uma bola de fogo mágica no céu.

– Outras pessoas vão vê-lo? – perguntei.

– Com certeza, Danny. Àquela altura, pode ser visto a quilômetros.

– O que vão pensar que é, pai?

– Um disco voador. Provavelmente vão chamar a polícia.

Uma pequena brisa encontrou o balão, carregando-o na direção da vila.

– Vamos segui-lo – disse meu pai. – Com um pouco de sorte, vamos encontrá-lo quando cair.

Corremos para a estrada. Corremos pela estrada. Continuamos correndo.

– Está caindo! – gritou meu pai. – A chama está quase se apagando!

Nós o perdemos de vista quando a chama se apagou, mas tínhamos uma noção aproximada do campo em que ele cairia; então pulamos uma porteira e corremos para o local. Por meia hora procuramos no campo no escuro, mas não conseguimos encontrar nosso balão.

Na manhã seguinte voltei sozinho para procurar de novo. Procurei em quatro grandes campos antes de achá-lo. Estava no fundo de um pasto cheio de vacas malhadas. As vacas estavam todas em volta do balão, fixando-o com os enormes olhos úmidos. Mas elas não o danificaram nem um pouco. Então eu o levei para casa e o pendurei ao lado da pipa, na parede da oficina, para um outro dia.

– Você pode empinar a pipa sozinho na hora que quiser – disse meu pai. – Mas nunca deve soltar o balão se eu não estiver junto. É muito perigoso.

– Certo – respondi.

– Prometa que nunca vai tentar soltá-lo sozinho, Danny.

– Prometo – disse eu.

Depois veio a casa da árvore que nós construímos no topo de um grande carvalho, no fim do nosso terreno.

E o arco-e-flecha, o arco feito de um galho de árvore nova com quatro pés de comprimento, e as flechas guarnecidas com plumas da cauda de perdizes e faisões.

E pernas-de-pau que me deixavam dois metros mais alto.

E um bumerangue que voltava e caía aos meus pés quase todas as vezes que eu o lançava.

E para o meu último aniversário houve algo talvez mais divertido que todo o resto. Durante dois dias antes do meu aniversário fiquei proibido de entrar na oficina porque meu pai estava trabalhando num segredo. E na manhã do meu aniversário saiu de lá uma máquina espantosa, feita de quatro rodas de bicicleta e um monte de caixas de sabão. Mas não era



um carrinho comum. Ele tinha um pedal de freio, um volante, um assento confortável e um forte pára-choque frontal para amortecer o impacto de uma batida. Chamei-o de Sabãoorro e quase todo dia eu o levava para o alto do morro atrás do posto e descia disparado em velocidades incríveis, correndo feito um cavalo xucro pelo terreno irregular.

Dá para perceber que ter oito anos de idade e morar com meu pai era muito divertido. Mas eu estava ansioso para chegar aos nove anos. Eu achava que ter nove anos seria muito mais legal que ter oito.

Os fatos mostraram que eu não estava cem por cento certo a esse respeito.

Meu nono ano foi, com certeza, mais *emocionante* que qualquer um dos outros. Mas nem todo ele foi o que se pode chamar de divertido.

4

O segredo bem guardado
e sombrio de meu pai

Este sou eu com nove anos. Esta foto foi tirada pouco antes de toda a confusão começar, quando eu não tinha nenhuma preocupação na vida.



À medida que crescerem, vocês vão aprender, assim como eu aprendi naquele outono, que nenhum pai é perfeito. Os adultos são criaturas complicadas, cheias de subterfúgios e segredos. Alguns têm subterfúgios mais evasivos e segredos mais profundos que outros, mas todos eles, incluindo seus pais, têm dois ou três hábitos secretos escondidos nas mangas que provavelmente deixariam você de queixo caído se os descobrisse.

O restante deste livro é sobre o hábito secreto mais particular de meu pai e sobre as estranhas aventuras a que nós fomos conduzidos por causa desse hábito.

Tudo começou numa noite de sábado. Era o primeiro sábado de setembro. Lá pelas seis horas meu pai e eu jantamos na carroça como de costume. Depois eu fui dormir. Meu pai me contou uma ótima história e me deu um beijo de boa noite. Caí no sono.

Por alguma razão acordei durante a noite. Fiquei deitado, atento ao ruído da respiração do meu pai na cama de cima. Eu não conseguia ouvir nada. Ele não estava lá, eu tinha certeza. Isso significava que ele tinha voltado para a oficina para terminar algum serviço. Era o que muitas vezes fazia depois de me pôr na cama.

Procurei escutar os ruídos normais da oficina, o tilintar de metal contra metal ou a batida de um martelo. Sempre me davam um grande conforto aqueles barulhos na noite, porque significavam que meu pai estava por perto.

Mas nessa noite não vinha nenhum som da oficina. O posto estava em silêncio.

Saí da cama e achei uma caixa de fósforos na pia. Risquei um e o ergui até um velho relógio pendurado na parede acima da chaleira. Eram onze e dez.

Fui até a porta da carroça.

– Pai – chamei baixinho. – Pai, você está aí?

Nenhuma resposta.

Havia uma pequena plataforma de madeira do lado de fora da porta da carroça, pouco mais de um metro acima do chão. Parado ali, olhei atentamente à minha volta.

– Pai! – gritei. – Onde você está?

Nenhuma resposta.

De pijama e descalço, desci os degraus da carroça e fui até a oficina. Acendi a luz. O velho carro no qual tínhamos trabalhado durante o dia ainda estava ali, mas meu pai não.

Eu já disse que ele não tinha carro. Então não havia como ter saído de carro. De qualquer forma, não faria isso. Eu tinha certeza de que ele, espontaneamente, nunca me deixaria sozinho no posto de madrugada.

Nesse caso, pensei, ele deve ter desmaiado de repente por causa de um mal terrível, ou então caiu e bateu a cabeça.

Eu ia precisar de uma luz se quisesse encontrá-lo. Peguei o farolete na bancada da oficina.

Olhei no escritório. Dei a volta e procurei atrás da oficina e atrás do escritório.

Desci pelo campinho até o banheiro. Estava vazio.
– Pai! – gritei no escuro. – Pai! Onde você está?

Corri de volta para a carroça. Iluminei a cama dele para ter certeza absoluta de que não estava lá.

Não estava no beliche.

Fiquei parado na carroça escura e, pela primeira vez na vida, senti uma ponta de pânico. O posto ficava muito distante da fazenda mais próxima. Peguei o cobertor da minha cama e o coloquei em volta dos ombros. Então saí da carroça e sentei na plataforma, com os pés no primeiro degrau da escada. O grande campo do outro lado da estrada estava pálido e deserto ao luar. O silêncio era mortal.

Não sei por quanto tempo fiquei ali sentado. Pode ter sido uma hora. Podem ter sido duas. Mas não cochilei. Eu queria me manter atento o tempo todo. Se escutasse com bastante atenção poderia ouvir alguma coisa que me dissesse onde ele estava.

Então, finalmente, bem distante, ouvi um fraco ruído de passos na estrada.

Os passos se aproximavam cada vez mais.

Toc... Toc... Toc... Toc...

Seria ele? Ou seria outra pessoa?

Eu ainda estava sentado, olhando para a estrada. Ela desaparecia numa escuridão nebulosa iluminada pela lua.

Toc... Toc... Toc... Toc... faziam os passos.

Então surgiu uma figura através da neblina.

Era ele!



Pulei degraus abaixo e corri para a estrada ao seu encontro.

– Danny! – gritou ele. – O que houve, meu Deus?

– Eu pensei que tinha acontecido algo horrível com você – disse eu.

Ele pegou minha mão e me levou para a carroça em silêncio.

– Eu nunca deveria ter feito isso. Mas você nunca acorda, não é?

– Aonde você foi, pai?

– Você deve estar exausto – disse ele.

– Não estou nada cansado. Podemos acender a luz um pouco?

Meu pai acendeu o pavio da lamparina pendurada no teto e uma pequena chama amarela iluminou o interior da carroça com sua luz pálida.

– Que tal uma bebida quente? – perguntou.

– Sim, por favor.

Ele acendeu o fogareiro e colocou a chaleira para ferver.

– Eu decidi uma coisa – disse ele. – Vou contar a você o segredo mais profundo e sombrio de toda a minha vida.

Eu estava sentado no beliche olhando meu pai.

– Você me perguntou onde eu estava – disse ele.

– A verdade é que eu estava no bosque do sr. Hazell.

– Bosque do sr. Hazell! – gritei. – Fica a quilômetros de distância!

– Dez quilômetros e meio – disse meu pai. – Sei

que não deveria ter ido. E sinto muito mesmo ter ido, mas senti um desejo incontrolável... – sua voz se arrastava.

– Mas por que você queria ir até o bosque do sr. Hazell?

Ele punha chocolate em pó e açúcar em duas canecas, muito lentamente, nivelando cada colherada como se estivesse medindo remédio.

– Você sabe o que significa caça clandestina? – perguntou ele.

– Caça clandestina? Não sei, não.

– Significa ir até os bosques na calada da noite e voltar com alguma coisa para a panela. Em outros lugares os caçadores caçam todo tipo de coisa, mas por aqui são sempre faisões.

– Você quer dizer *roubar*? – disse eu, consternado.

– Nós não vemos a coisa dessa maneira – disse meu pai. – A caça clandestina é uma arte. Um grande caçador é um artista.

– E é isso que você estava fazendo no bosque do sr. Hazell, pai? Caçando faisões escondido?

– Eu estava praticando a arte – disse ele. – A arte da caça clandestina.

Fiquei chocado. Meu próprio pai um ladrão! Aquele homem meigo e adorável! Não podia acreditar que ele pudesse entrar sorrateiramente nos bosques de madrugada para furtar aves valiosas de propriedade alheia.

– A chaleira está fervendo – disse eu.

— Ah, é mesmo. — Ele despejou água nas canecas e me trouxe a minha. Depois pegou a dele e sentou-se no canto da minha cama.

— Seu avô — disse ele —, meu pai, era um magnífico e esplêndido caçador clandestino. Foi ele quem me ensinou tudo sobre essa arte. Peguei dele a febre da caça quando eu tinha dez anos e nunca mais sarei. Imagine você, naquela época quase todos os homens de nossa vila iam para os bosques à noite para caçar faisões clandestinamente. E não faziam isso só pelo amor ao esporte, mas porque precisavam de comida para suas famílias. Quando eu era garoto, as coisas eram ruins para muita gente na Inglaterra. Havia muito pouco trabalho, e algumas famílias passavam fome literalmente. Entretanto, a alguns quilômetros de distância, no bosque de algum ricoço, milhares de faisões estavam sendo alimentados como reis duas vezes por dia. Então você pode culpar meu pai por às vezes sair por aí e voltar com uma ou duas aves para alimentar a família?

— Não — disse eu. — Claro que não. Mas nós não estamos passando fome, pai.

— Você não entendeu o x da questão, Danny! Você não entendeu nada. Caçar clandestinamente é um esporte tão fabuloso e emocionante que, quando você começa a praticá-lo, ele entra no seu sangue e você não consegue parar! Imagine — disse ele, levantando do beliche e balançando a caneca no ar —, imagine apenas por um minuto que você está totalmente sozinho lá

naquele bosque escuro, cheio de vigias escondidos atrás das árvores, e os vigias estão armados...

– Armados – disse eu engasgando. – Eles não têm armas!

– Todos os vigias têm armas, Danny. É principalmente por causa dos animais predadores, raposas, arminhos e doninhas que vão atrás dos faisões. Mas também nunca deixam de atirar num caçador se o encontram.

– Pai, você está brincando.

– De jeito nenhum. Mas eles só atiram pelas cos-



tas, quando você está tentando escapar. Eles gostam de queimar suas pernas a uns trinta metros de distância.

– Eles não fazem isso! – gritei. – Eles podem ir para a cadeia por atirar em alguém!

– Você pode ir para a cadeia por caçar clandestinamente – disse meu pai. – Havia agora um brilho e uma faísca em seus olhos que eu nunca tinha visto antes. – Danny, quando eu era garoto, muitas foram as noites em que eu entrei na cozinha e vi meu velho pai debruçado sobre a mesa, com minha mãe em pé ao seu lado desencravando as balas de seu traseiro com uma faca de descascar batatas.

– Não é verdade – disse eu, começando a rir.

– Você não acredita em mim?



– Sim, eu acredito em você.

– No fim da vida, ele estava tão cheio de minúsculas cicatrizes esbranquiçadas, que elas pareciam flocos de neve.

– Não sei por que estou rindo – disse eu. – Não é engraçado, é horrível.

– É o que costumavam chamar de “traseiro de caçador” – disse meu pai. – E não havia um homem em toda a vila que, de alguma forma, não sofresse um pouco disso. Mas meu pai era o campeão. Como está o chocolate?

– Ótimo, obrigado.

– Se você estiver com fome, podemos fazer um banquete noturno – disse ele.

– De verdade, pai?

– Claro.

Meu pai pegou a lata do pão, a manteiga e o queijo e começou a fazer sanduíches.

– Deixe-me explicar a você esse negócio da falsa caça aos faisões – disse ele. – Em primeiro lugar, ela é praticada apenas por ricos. Apenas gente muito rica pode ter criações de faisões só pelo prazer de caçá-los quando crescidos. Esses milionários idiotas gastam somas enormes todos os anos comprando filhotes de faisões e criando-os em gaiolas até que cresçam o suficiente para serem soltos nos bosques. Lá, as aves jovens andam sem rumo como bandos de galinhas. São protegidas pelos vigias e alimentadas duas vezes por dia com o melhor milho, até ficarem tão gordas que mal conseguem voar. Depois contratam-



se batedores que andam pelo bosque batendo palmas e fazendo um barulhão para conduzir os faisões semidomesticados para os imbecis armados. Depois é só *bang-bang-bang*, e as aves vão caindo. Você quer geléia de morango em um destes?

– Sim, por favor – disse eu. – Um com geléia e outro com queijo. Mas pai...

– O quê?

– Como é que você pega os faisões quando os caça clandestinamente? Você tem uma arma escondida lá em cima?

– Uma arma! – gritou ele indignado. – Os caçadores de verdade não atiram nos faisões, Danny, você não sabia? Naqueles bosques, se você atirar com uma *arma de brinquedo*, os vigias vão cair em cima de você.

– Então como você faz?

– Ah – disse meu pai, e suas pálpebras tombaram sobre os olhos, disfarçada e misteriosamente. Espalhou uma grossa camada de geléia de morango num pedaço de pão, ganhando tempo. – Esses são grandes segredos – disse ele. – Segredos muito grandes, na verdade. Mas eu reconheço que, se meu pai pôde contá-los para mim, então talvez eu possa contá-los para você. Você gostaria que eu fizesse isso?

– Sim – respondi. – Conte agora mesmo.

5

Os métodos secretos

— Todos os melhores métodos de capturar faisões foram descobertos pelo meu velho — disse meu pai. — Ele estudou a caça clandestina como um cientista estuda ciências.

Meu pai pôs meus sanduíches num prato e o trouxe até minha cama. Coloquei o prato no colo e comecei a comer. Estava faminto.

— Sabe, na verdade meu pai costumava manter um bando de galos selvagens no quintal para praticar — disse meu pai. — O galo é muito parecido com o faisão. Eles também são estúpidos e gostam do mesmo tipo de comida. A única diferença é que o galo é mais manso. Então, sempre que meu pai inventava um novo método de apanhar faisões, ele o testava antes com os galos para ver se funcionava.

Meu pai largou um sanduíche meio comido na beira da pia e ficou me olhando por cerca de vinte segundos.

– Você promete que não vai contar para ninguém?

– Prometo.

– O negócio é o seguinte – disse ele. – Este é o primeiro grande segredo. Bem, é mais que um segredo, Danny. É a descoberta mais importante de toda a história da caça clandestina.

Ele achegou-se um pouquinho mais. Seu rosto estava pálido na pálida luz da lâmpada do teto, mas os olhos brilhavam como estrelas.

– Então lá vai – disse ele, e de repente sua voz se tornou suave, sussurrante e confidencial. – *Os faisões* – murmurou – *são loucos por uvas passas.*

– Esse é o grande segredo?

– Isso mesmo – disse ele. – Pode não impressionar muito quando dito assim, mas acredite que é isso mesmo.

– Uvas passas? – disse eu.

– Simples uvas passas. É como uma *mania* deles. Você joga algumas uvas passas para um bando de faisões e eles começam a brigar por elas entre si. Meu pai descobriu isso quarenta anos atrás, assim como descobriu as outras coisas que já vou lhe contar.

Meu pai fez uma pausa e olhou por sobre os ombros como se quisesse certificar-se de que não havia ninguém na porta da carroça ouvindo. O método número um – disse ele baixinho – é conhecido como *Pêlo de cavalo paralisante*.

– *Pêlo de cavalo paralisante* – murmurei.

– É isso aí – disse meu pai. – E é excelente porque é completamente silencioso. Não há grasnidos,

bater de asas ou qualquer outra coisa quando o faisão é capturado com o *Pêlo de cavalo paralisante*. E isso tem grande importância porque, não se esqueça, Danny, quando se está nos bosques à noite e as grandes árvores estendem os galhos lá no alto como negros fantasmas, tudo é tão silencioso que se consegue ouvir os movimentos de um rato. E em algum lugar no meio daquilo tudo os vigias estão à espreita, de ouvidos atentos. Estão sempre lá, parados feito pedras encostados em árvores ou atrás de um arbusto com suas armas engatilhadas.

– O que acontece com o *Pêlo de cavalo paralisante*? – perguntei eu. – Como funciona?

– É muito simples – disse ele. – Primeiro você pega algumas uvas passas e põe de molho na água durante a noite para inchá-las e amaciá-las. Depois pega um pouco de pêlo de cavalo bem duro e corta em pedaços de um centímetro.

– Pêlo de cavalo? – indaguei. – Onde se consegue pêlo de cavalo?

– Arrancando do rabo do cavalo, é claro. Não é difícil se você ficar de lado durante a operação, para não levar um coice.

– Vá em frente – disse eu.

– Então você corta os pêlos em pedaços de um centímetro. Depois enfia um desses pêlos no meio de uma uva passa de modo que fique apenas um pedacinho de pêlo aparecendo de cada lado. É só isso. Agora você está pronto para pegar um faisão. Se você quiser pegar mais de um, prepare mais uvas passas.

Então, quando a noite chega, você se esconde no bosque. Você deve estar lá antes de os faisões subirem nas árvores para se empoleirar. Depois você espalha as uvas passas. Logo vem um faisão e engole uma.

– O que acontece daí? – perguntei eu.

– Aí está a descoberta do meu pai – disse ele. – Em primeiro lugar, o pêlo de cavalo faz com que a uva passa fique entalada na garganta do faisão. Ela não o machuca. Apenas fica ali e dá uma comichão. É como se você tivesse migalhas de pão presas na garganta. Mas depois disso, acredite se quiser, *o faisão não sai mais do lugar!* Ele fica completamente grudado no chão, bombeando o pescoço bobo para cima e para baixo como um pistão, e você só precisa sair do esconderijo e pegá-lo.

– Isso é verdade mesmo, pai?

– Eu juro que é – disse meu pai. – Quando o faisão está com o *Pêlo de cavalo paralisante*, você pode ligar uma mangueira em cima dele que ele não se mexe. É mais uma dessas coisas inexplicáveis. Mas é preciso um gênio para descobri-la.

Meu pai fez uma pausa, e havia um lampejo de orgulho em seus olhos enquanto revivia a memória de seu próprio pai, o grande inventor da caça clandestina.

– Então esse é o método número um – disse ele.

– Qual é o número dois? – perguntei eu.

– Ah – disse ele – o número dois é mesmo uma beleza. É um rasgo de puro brilhantismo. Até lembro o dia em que ele foi inventado. Eu tinha quase a

mesma idade que você tem agora, e era uma manhã de domingo quando meu pai entrou na cozinha segurando um enorme galo branco. “Acho que encontrei”, disse ele. Havia um sorrisinho em seu rosto, um brilho de vitória no olhar; ele entrou rápido e sem ruído e colocou a ave no centro da mesa da cozinha. “Caramba”, disse ele, “descobri uma boa desta vez.”

“Uma boa o quê?” disse mamãe, olhando da pia. “Horácio, tire essa ave imunda da minha mesa.”

“O galo tinha um chapeuzinho de papel na cabeça, como uma casquinha de sorvete virada para bai-



xo, e meu pai apontava orgulhosamente para ele dizendo: “Toque nele. Vamos, toque. Faça o que você quiser com ele. Ele não vai se mexer nem um centímetro.” O galo tentava livrar-se do chapéu de papel com a pata, mas o chapéu parecia estar preso e não caía. “Nenhuma ave do mundo vai fugir se você cobrir seus olhos”, disse meu pai, cutucando o galo com o dedo e empurrando-o pela mesa. O galo não dava o mínimo sinal de vida. “Pode ficar para você”, disse meu pai para mamãe. “Você pode ficar com ele, torcer-lhe o pescoço e servi-lo no jantar para celebrar o que eu acabo de inventar.” E logo me pegou pelo braço, me levou porta afora e lá fomos nós pelos campos até chegar à grande floresta do outro lado da pequena Hampden, que outrora pertencera ao Duque de Buckingham. E em menos de duas horas pegamos cinco lindos faisões bem gordos, e foi tão fácil quanto comprá-los numa loja.

Meu pai fez uma pausa para respirar. Seus olhos reluziam enquanto fitavam o maravilhoso mundo da sua juventude.

– Mas, pai – perguntei –, como você coloca o chapéu de papel na cabeça do faisão?

– Você nunca adivinharia, Danny.

– Conte.

– Preste atenção – disse ele, olhando de relance por sobre os ombros como se esperasse ver um vigia ou mesmo o próprio duque de Buckingham à porta da carroça. – É assim que se faz. Primeiro você cava um buraco no chão. Depois enrola um pedaço

de papel no formato de um cone e o coloca no buraco, com a abertura para cima, como um copo. Depois você unta o lado de dentro do copo de papel com cola e põe umas passas no fundo. Ao mesmo tempo, faz



uma trilha de passas pelo chão até o copo. Aí o velho faisão vem bicando ao longo da trilha e quando chega ao buraco enfia a cabeça no copo para pegar as passas, e o que acontece é que fica com um chapéu de papel preso sobre os olhos e não consegue ver mais nada. Não é uma idéia fantástica, Danny? Meu pai chamava esse método de *O chapéu grudento*.

– Foi esse que você usou esta noite? – perguntei eu.

Meu pai fez que sim com a cabeça.

– Quantos você pegou, pai?

– Bem – disse ele, parecendo um pouco encabulado. – Na verdade eu não peguei nenhum. Cheguei muito tarde. Quando cheguei lá, eles já tinham subido para se empoleirar. Isso mostra como estou fora de forma.

– Foi divertido do mesmo jeito?

– Maravilhoso – disse ele. – Simplesmente maravilhoso. Como nos velhos tempos.

Ele tirou a roupa e vestiu o pijama. Depois desligou a lâmpada do teto e subiu para sua cama.

– Pai – sussurrei.

– O que foi?

– Você tem feito isso com frequência depois de eu dormir, sem eu saber?

– Não – disse ele. – Hoje foi a primeira vez em nove anos. Quando sua mãe morreu e eu tive de cuidar de você sozinho, fiz um juramento de não caçar até que você tivesse idade suficiente para ficar sozi-

nho à noite. Mas hoje eu quebrei o juramento. Senti uma tremenda vontade de voltar aos bosques e não pude me conter. Sinto muito ter feito isso.



– Se você algum dia quiser ir de novo, eu não ligo – disse eu.

– Verdade? – disse ele, mais alto devido à emoção. – Verdade mesmo?

– É – disse eu. – Desde que você me avise de antemão. Promete que me avisa antes de ir?

– Você tem certeza de que não se importa?

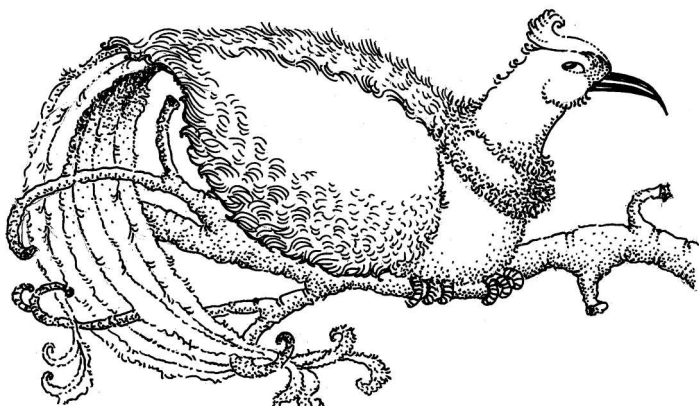
– Certeza absoluta.

– Ótimo – disse ele. – E nós teremos faisão assado para a ceia quando você quiser. É mil vezes melhor que frango.

– E um dia, pai, você me leva junto?

– Ah – disse ele –, acho que você é jovem demais para ficar andando pelo escuro. Eu não gostaria que você ficasse com o traseiro salpicado de chumbo na sua idade.

– Seu pai levava você na minha idade – disse eu.



Houve um breve silêncio.

– Vamos ver – disse meu pai. – Mas eu gostaria de voltar a praticar antes de fazer promessas, entende?

– Entendo.

– Eu não gostaria de levar você comigo antes de voltar à minha velha forma.

– Sei – disse eu.

– Boa noite, Danny. Agora durma.

– Boa noite, pai.

O sr. Victor Hazell

Na sexta-feira seguinte, enquanto jantávamos na carroça, meu pai disse:

– Se você concordar, Danny, vou sair amanhã à noite.

– Você quer dizer caçar?

– É.

– Vai ser no bosque do sr. Hazell outra vez?

– Vai ser sempre no bosque do sr. Hazell – disse ele. – Primeiro porque é lá que estão todos os faisões. Depois porque eu não gosto nem um pouco do sr. Hazell. Então é um prazer caçar suas aves.

Aqui eu preciso fazer uma pausa para contar algumas coisas sobre o sr. Victor Hazell. Ele era fabricante de cerveja e dono de uma enorme cervejaria. Era riquíssimo, e suas propriedades se estendiam por quilômetros por ambos os lados do vale. As terras ao nosso redor pertenciam todas a ele, tudo dos dois lados da estrada, tudo exceto o pequeno pedaço

de chão em que ficava nosso posto de gasolina. Aquele pedaço pertencia ao meu pai. Era uma pequena ilha no meio do vasto oceano da propriedade do sr. Hazell.

O sr. Hazell era um tremendo esnobe que tentava desesperadamente se encaixar naquilo que considerava o tipo certo de gente. Caçava com cães, promovia caçadas e vestia extravagantes coletes de pele. Todos os dias da semana passava pelo nosso posto em seu enorme Rolls-Royce prateado a caminho da cervejaria. Quando ia deslizando, às vezes podíamos ver de relance sua enorme e lustrosa cara de cerveja acima do volante, rosada como um presunto, toda macia e inchada de tanto beber.

– Não – dizia meu pai –, não gosto nem um pouco do sr. Hazell. Não esqueci o modo como ele falou com você no ano passado quando parou aqui para encher o tanque.

Eu também não havia esquecido aquilo. O sr. Hazell



havia parado em frente às bombas em seu reluzente Rolls-Royce e me havia dito:

– Encha o tanque e seja rápido. – Eu tinha oito anos naquela época. Ele não saiu do carro, apenas me deu a chave do tanque e ladrou: – E cuidado com suas mãos imundas, entendeu?

Não entendi e, então, eu disse:

– O que o senhor quer dizer?

Havia um chicote de couro no assento ao lado dele. Ele o pegou e apontou o cabo para mim como se fosse um revólver.



– Se você deixar qualquer marca de seus dedos sujos no meu carro – disse ele –, eu saio daqui e lhe dou uma boa surra.

Meu pai saiu da oficina antes de o sr. Hazell terminar de falar. Caminhou rapidamente até o carro e colocou as mãos na moldura da janela e se inclinou para o interior do veículo.

– Não gosto que falem com meu filho desse jeito – disse ele. – Sua voz soava perigosamente macia.

O sr. Hazell não olhou para ele. Permaneceu totalmente imóvel no banco do seu Rolls-Royce, e seus pequenos olhos de porco olhavam bem para a frente. Havia um leve sorriso de superioridade e complacência nos cantos da sua boca.

– Você não tinha motivo algum para ameaçá-lo – prosseguiu meu pai. – Ele não fez nada de errado.

O sr. Hazell continuou a agir como se meu pai não estivesse ali.

– Da próxima vez que ameaçar alguém com uma boa surra, eu sugiro que seja uma pessoa do seu tamanho – disse meu pai. – Como eu, por exemplo.

O sr. Hazell ainda não se movera.

– Agora vá embora, por favor – disse meu pai. – Não queremos servi-lo. – Pegou as chaves da minha mão e atirou pela janela. O Rolls-Royce arrancou em meio a uma nuvem de poeira.

No dia seguinte, um inspetor do Departamento de Saúde local chegou e disse que tinha vindo inspecionar nossa carroça.

– Para que você quer inspecionar nossa carroça?
– perguntou meu pai.

– Para ver se é um local adequado à habitação de humanos – disse o inspetor. – Hoje em dia não permitimos que as pessoas vivam em barracos sujos e caindo aos pedaços.

Meu pai mostrou-lhe o interior da carroça, que estava impecavelmente limpo como sempre e muito bem arrumado, e no fim o homem teve de admitir que ali não havia nada de errado.

Logo depois disso, outro inspetor apareceu e coletou uma amostra da gasolina de um dos tanques subterrâneos. Meu pai me explicou que eles estavam verificando se estávamos misturando gasolina de segunda com a de primeira, o que é um velho hábito praticado por trapaceiros donos de postos. É claro que não estávamos fazendo isso.

Difícilmente se passava uma semana sem que algum fiscal local aparecesse para verificar uma coisa ou outra, e não havia dúvida, disse meu pai, de que o braço comprido e poderoso do sr. Hazell estava por trás desses episódios tentando nos expulsar da nossa propriedade.

Assim, depois disso tudo, dá para perceber por que meu pai sentia um certo prazer em caçar os faisões do sr. Hazell.

Naquela noite pusemos as passas de molho.

O dia seguinte era dia de caça, e não pensem que meu pai não se preparou para isso. Desde a hora em que saiu do beliche de manhã, o alvoroço começou a

crescer dentro dele. Era um sábado, então eu não tinha aula, e passamos a maior parte do dia na oficina limpando os cilindros do Austin Seven do sr. Pratchett. Era um ótimo carrinho, fabricado em 1933, um pequeno milagre de motor que ainda funcionava tão suave que nem parecia ter mais de quarenta anos. Meu pai disse que esses Austins Sevens, mais conhecidos em seu tempo como Baby Austins, foram os primeiros carros pequenos bem-sucedidos. O sr. Pratchett, que tinha uma criação de perus perto de Aylesbury, tinha o maior orgulho do seu carrinho e sempre o trazia à nossa oficina para a manutenção.

Trabalhando juntos, soltamos as molas das válvulas e as retiramos. Desparafusamos a cabeça do cilindro e a removemos. Depois começamos a tirar a sujeira de dentro da cabeça e de cima dos pistões.

– Quero sair lá pelas seis horas – disse meu pai.
– Assim vou chegar ao bosque exatamente na hora do crepúsculo.

– Por que no crepúsculo? – perguntei eu.

– Porque no crepúsculo tudo dentro do bosque se torna velado e sombrio. Você pode enxergar e movimentar-se, mas não é fácil alguém ver você. E, quando o perigo ameaça, você sempre pode se esconder nas sombras, que são mais escuras que breu.

– Por que você não espera até que fique realmente escuro? – perguntei eu. – Aí você não poderia ser visto mesmo.

– Você não pegaria nada se fizesse isso – disse ele. – Quando a noite chega, todos os faisões voam e

se empoleiraram nas árvores. Os faisões são como todos os outros pássaros. Nunca dormem no chão. O crepúsculo – completou meu pai – começa por volta das sete e meia esta semana. E, como dá pelo menos uma hora e meia de caminhada até o bosque, não posso sair depois das seis.

– Você vai usar o *Chapéu grudento* ou vai ser o *Pêlo de cavalo paralisante*? – perguntei eu.

– *Chapéu grudento* – disse ele. – Gosto muito do *Chapéu grudento*.

– A que horas você vai estar de volta?

– Lá pelas dez – disse ele. – No máximo dez e meia. Prometo que às dez e meia estou de volta. Você tem certeza de que não se importa de ficar sozinho?

– Certeza absoluta – respondi. – Mas não vai acontecer nada com você, não é, pai?

– Não se preocupe comigo – disse ele, colocando os braços em volta dos meus ombros e me dando um abraço.

– Mas você disse que no tempo do seu pai não havia um só homem que não acabasse levando um chumbo mais cedo ou mais tarde.

– Tá certo – disse meu pai. – Foi o que eu disse, não é? Mas naquele tempo os bosques estavam muito mais infestados de vigias do que hoje. Havia um atrás de quase todas as árvores.

– Quantos existem agora no bosque do sr. Hazell?

– Poucos – disse ele. – Poucos mesmo.

Com o passar do dia eu pude notar que meu pai ia ficando cada vez mais impaciente e nervoso. Por

volta das cinco tínhamos terminado de trabalhar no Baby Austin e saímos com ele pela estrada para testá-lo.

Jantamos mais cedo, às cinco e meia. Era lingüiça com toucinho, mas meu pai quase não comeu nada.

Às seis em ponto ele me deu um beijo de despedida e me disse:



– Prometa que não vai ficar acordado me esperando, Danny. Vá para a cama às oito e durma. Certo?

Ele saiu pela estrada, e eu fiquei na plataforma da carroça, olhando-o partir. Gostava do seu jeito de andar. Dava aquelas passadas largas típicas dos camponeses acostumados a cobrir grandes distâncias a pé. Vestia um velho suéter azul-marinho e um boné mais velho ainda. Voltou-se e acenou para mim. Também acenei. Depois ele desapareceu numa curva da estrada.

O Baby Austin

Entrei na carroça, subi numa cadeira e acendi a lâmpada do teto. Eu tinha lição de fim de semana, e essa era a melhor hora para fazê-la. Coloquei meus livros sobre a mesa e me sentei. Mas era impossível me concentrar no trabalho.

O relógio marcava sete e meia. Era a hora do crepúsculo. Ele devia estar lá agora. Eu o imaginei com seu suéter azul-marinho e o boné de viseira, caminhando sorrateiramente pela trilha em direção ao bosque. Ele me contou que vestiu aquele suéter porque o azul-marinho quase não aparece no escuro. Preto era ainda melhor. Mas ele não tinha um suéter preto, e o azul-marinho era o segundo melhor. O boné também era importante porque a viseira deixa o rosto na sombra. Nesse exato momento ele devia estar passando pela cerca para entrar no bosque. Dentro do bosque eu podia imaginá-lo pisando com cuidado sobre o chão de folhas, parando, ouvindo, indo adiante novamente e a todo instante procuran-

do descobrir o vigia parado em algum lugar, ereto como um poste, ao lado de uma grande árvore, com uma arma embaixo do braço. Ele me dissera que os vigias quase não se movem quando estão no bosque procurando caçadores clandestinos. Ficam parados como mortos, encostados no tronco de uma árvore, e não é fácil reconhecer um homem imóvel naquela posição no crepúsculo, quando as sombras são escuras como breu.

Fechei os livros. Não adiantava tentar trabalhar. Em vez disso, decidi ir para a cama. Eu me despi, coloquei o pijama e fui para o beliche. Deixei a luz acesa e logo adormeci.

Quando abri os olhos novamente, a lamparina ainda queimava e o relógio na parede marcava duas e dez.

Dois e dez!

Pulei da cama e olhei para a cama de cima. Estava vazia.

Ele havia me prometido que estaria em casa até dez e meia o mais tardar, e ele nunca quebrava suas promessas.

Estava quase quatro horas atrasado!

Naquele momento, uma assustadora sensação de fatalidade tomou conta de mim. Desta vez alguma coisa tinha realmente acontecido com ele. Eu tinha certeza disso.

Espere, disse eu a mim mesmo. Não entre em pânico. A semana passada você entrou em pânico feito um bobo.

Sim, mas a semana passada a coisa era diferente. Ele não me havia feito nenhuma promessa na se-

mana passada. Desta vez ele disse: “Eu prometo estar de volta até as dez e meia.” Essas foram as palavras exatas. E ele nunca, absolutamente nunca, quebrou uma promessa.

Olhei novamente para o relógio. Ele havia deixado a carroça às seis, o que significava que *estava fora havia oito horas!*

Levei dois segundos para decidir o que fazer.

Muito depressa tirei o pijama e vesti *jeans* e camiseta. Talvez os vigias tivessem atirado nele, e ele estivesse tão mal que não podia nem andar. Vesti meu suéter, que não era nem azul-marinho nem preto. Era uma espécie de marrom pálido, mas tinha de servir. Talvez ele estivesse caído no bosque sangrando até morrer. Meus tênis também eram da cor errada. Eram brancos. Mas também estavam sujos, e isso tirava muito da sua brancura. Quanto tempo eu ia levar para chegar até o bosque? Uma hora e meia. Menos se eu corresse a maior parte do caminho, mas não muito menos. Quando me abaixei para amarrar os cadarços, notei que minhas mãos estavam tremendo. E sentia pontadas agudas no estômago como se ele estivesse cheio de agulhas.

Desci correndo os degraus da carroça e fui para a oficina pegar a lanterna. Uma lanterna é uma boa companhia quando você está sozinho fora de casa à noite, e eu queria a lanterna. Peguei-a e saí da oficina. Parei por um instante ao lado das bombas. A lua havia muito desaparecera, mas o céu estava claro e uma multidão de estrelas luzia sobre minha cabeça.

Não havia nenhum vento, nenhum tipo de som. À minha direita, sumindo na escuridão do campo, estendia-se a solitária estrada que levava ao perigoso bosque.

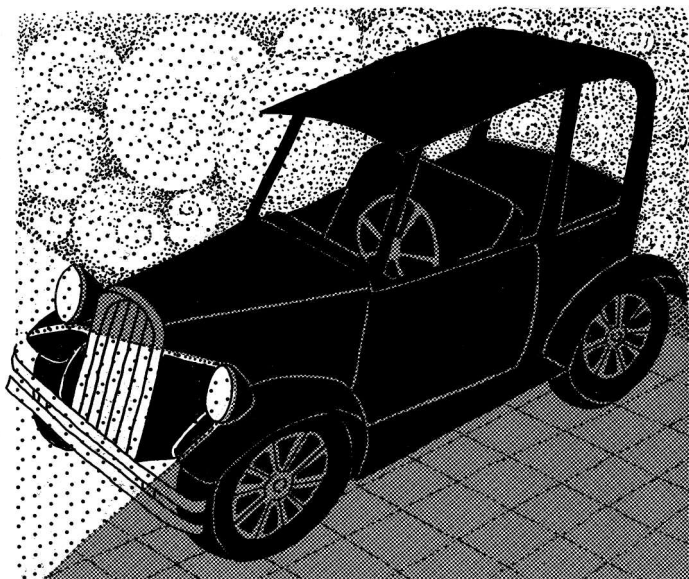
Dez quilômetros.

Graças a Deus, eu sabia o caminho.

Mas ia ser uma caminhada longa e difícil. Era preciso tentar manter um ritmo constante e não correr até não poder mais no primeiro quilômetro.

Naquele momento uma idéia maluca e maravilhosa me ocorreu.

Por que eu não ia com o Baby Austin? Eu sabia dirigir. Meu pai sempre me permitiu manobrar os car-



ros que vinham para o concerto. Ele me deixava levá-los para dentro da oficina e depois tirá-los de ré. E algumas vezes eu dirigia bem devagar em volta das bombas, em primeira marcha. Adorava fazer isso. E eu chegaria ao bosque muito, muito mais rápido se fosse de carro. Era uma emergência. Se ele estivesse ferido e sangrando, então cada minuto seria decisivo. Eu nunca havia dirigido na estrada, mas com certeza não encontraria nenhum outro carro a essa hora da noite. Iria bem devagar e me manteria bem perto da margem do lado certo.

Voltei à oficina e acendi a lâmpada. Abri a porta do carro e sentei no banco do motorista. Liguei a chave da ignição. Puxei o afogador. Achei o botão de partida e o pressionei. O motor engasgou uma vez mas depois pegou.

Agora as luzes. Havia um botão no painel, e eu o girei para ligar as lanternas. Acenderam. Procurei com o pé o pedal da embreagem. Mal podia alcançá-lo, e tinha de esticar os dedos para pressioná-lo até o fundo. Apertei e engatei a ré. Tirei o carro da oficina devagar.

Deixei-o ligado e voltei para apagar a luz. Era melhor deixar tudo parecendo o mais normal possível. O posto estava agora no escuro, exceto por uma pálida luz que vinha da carroça, onde a lamparina ainda estava queimando. Decidi deixá-la acesa.

Voltei para o carro. Fechei a porta. As lanternas eram tão fracas que era difícil perceber que estavam ligadas. Acendi os faróis. Ficou melhor. Procurei o

botão da luz alta com o pé. Encontrei. Testei e funcionou. Deixei a luz alta ligada. Se passasse por outro carro, tinha de lembrar de abaixar a luz, embora na verdade não houvesse luz suficiente nem para ofuscar uma barata. Os faróis não iluminavam muito mais que um par de lanternas.

Pisei na embreagem novamente e engatei a primeira. Era isso. Meu coração estava batendo tão forte que podia senti-lo na garganta. Dez metros adiante ficava a estrada principal. Estava escuro como breu. Soltei a embreagem bem devagar. Ao mesmo tempo, pisei bem pouquinho no acelerador com o dedão do pé direito e, furtivamente, ou melhor, maravilhosamente, o pequeno carro começou a inclinar-se e entrou em movimento. Pisei um pouquinho mais no acelerador. Saímos do posto e nos esgueiramos pela estrada escura e deserta.

Não vou fingir que não estava apavorado. Estava. Mas, misturado com aquele pânico horrível, havia um maravilhoso sentimento de euforia. A maior parte das coisas excitantes que fazemos na vida nos mata de medo. Elas não seriam excitantes se não fosse assim. Eu estava sentado muito ereto e apumado no meu banco, agarrando o volante com força e com as duas mãos. Meus olhos ficavam no nível do topo do volante. Seria bom ter usado uma almofada para ficar mais alto, mas agora já era muito tarde.

A estrada parecia horrivelmente estreita no escuro. Eu sabia que havia espaço suficiente para dois carros se cruzarem. Havia visto isso do posto milha-

res de vezes. Mas de onde eu estava não parecia assim. A qualquer momento algum veículo com faróis ofuscantes poderia vir rasgando em minha direção a noventa quilômetros por hora, um caminhão grande ou um daqueles ônibus que percorrem longas distâncias à noite, cheios de passageiros. Será que eu estava muito no meio da estrada? Estava. Mas não queria me afastar por medo de bater no barranco. Se eu batesse no barranco e quebrasse o eixo dianteiro, então tudo estaria perdido e eu nunca levaria meu pai para casa.

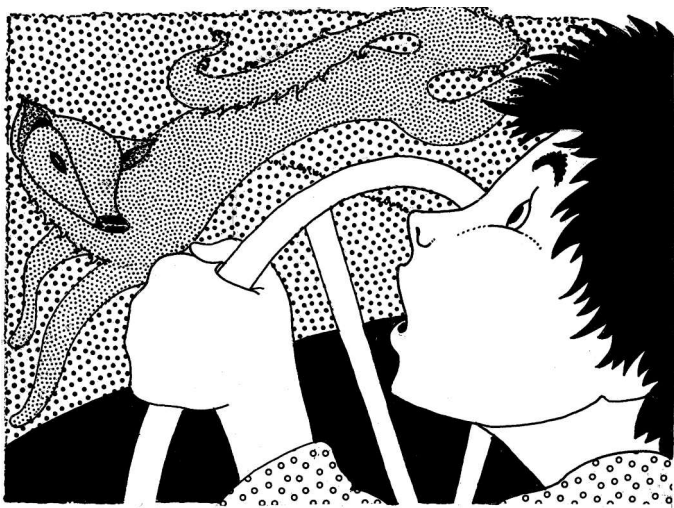
O motor estava começando a ratear e vibrar. Ainda estava em primeira. Era preciso trocar para a segunda marcha antes que o motor esquentasse demais. Eu sabia como a troca era feita mas nunca tinha trocado. Em volta do posto sempre ficava em primeira.

Bem, então lá vai.

Tirei o pé do acelerador. Pisei na embreagem e segurei. Peguei a alavanca do câmbio e puxei para trás, da primeira para a segunda. Soltei a embreagem e pisei no acelerador. O carrinho saltou para a frente como um cavalo chicoteado. Estávamos em segunda.

A que velocidade estaríamos? Olhei de relance para o velocímetro. Estava mal iluminado, mas dava para ver. Marcava trinta quilômetros por hora. Bom. Era uma boa velocidade. Eu ficaria em segunda. Comecei a imaginar quanto tempo levaria para fazer dez quilômetros andando a vinte e cinco quilômetros por hora.

A cento e vinte quilômetros por hora, dez quilômetros levariam cinco minutos.



A sessenta quilômetros por hora, eu levaria o dobro do tempo, dez minutos.

A trinta quilômetros por hora, o tempo dobraria de novo, vinte minutos.

Continuei andando. Eu conhecia cada pedacinho da estrada, cada curva, cada pequena elevação e depressão. Uma hora uma raposa pulou da cerca na minha frente e atravessou a estrada correndo com seu longo rabo peludo serpenteando na luz dos faróis. Eu a vi nitidamente, seu pêlo era marrom avermelhado, e o focinho, branco. Foi uma visão emocionante. Comecei a me preocupar com o motor. Sabia muito bem que ele, com certeza, iria superaquecer se eu dirigisse por muito tempo em primeira ou em segunda. Estava em segunda. Precisava mudar para a terceira. Respirei fundo e agarrei a alavanca do câmbio

novamente. Tirar o pé do acelerador. Embreagem. Alavanca para a frente, para o lado e para a frente de novo. Tirar o pé da embreagem. Consegui! Pisei no acelerador. O velocímetro subiu para cinquenta. Segurei o volante bem firme com as duas mãos e fiquei no meio da estrada. A essa velocidade, eu logo chegaria lá.

O bosque do sr. Hazell não ficava na estrada principal. Para chegar lá era preciso virar à esquerda numa entrada lateral e subir por uma trilha esburacada por cerca de quatrocentos metros. Se o chão estivesse molhado, não haveria jeito de chegar lá de carro. Mas não chovia havia uma semana, e, com certeza, o chão estaria seco e firme. Imaginei que deveria estar muito perto da entrada agora. Precisava ficar bem atento a isso. Não seria difícil perdê-la. Não havia nenhum portão nem nada que a indicasse. Era simplesmente uma abertura na cerca, larga o suficiente para permitir a passagem dos tratores da fazenda.

De repente, ao longe na minha frente, um pouco abaixo da moldura do céu noturno, vi uma mancha de luz amarela. Observei, tremendo. Isso era o que eu estava temendo o tempo todo. Rapidamente a luz se tornou mais forte, chegando cada vez mais perto, e em alguns segundos tomou forma de um grande feixe de luz branca dos faróis de um carro correndo em minha direção.

O local da minha conversão devia estar agora muito próximo. Eu estava desesperado para alcançá-lo e sair da estrada antes que aquele monstro me en-

contrasse. Pisei fundo para ganhar velocidade. O motorzinho rugiu. O ponteiro do velocímetro pulou de cinquenta para cinquenta e cinco e, depois, para sessenta. Mas o outro carro se aproximava depressa. Seus faróis eram como dois olhos ofuscantes. Iam ficando cada vez maiores, e logo toda a estrada à minha frente estava iluminada como se fosse dia, e *ZUM!* a coisa passou por mim feito uma bala. Foi tão perto que eu pude sentir seu vento pela minha janela aberta. E, naquela pequena fração de segundo em que ficamos lado a lado, vislumbrei o brilho da sua lataria pintada de branco e percebi que era a polícia.

Não me atrevi a olhar para ver se eles estavam parando e voltando atrás de mim. Tinha certeza de que parariam. Qualquer policial do mundo pararia se passasse de repente por um garoto num carrinho se arrastando por uma estrada deserta às duas e meia da madrugada. Meu único pensamento era ir embora, escapar, sumir, mesmo que só Deus soubesse como eu ia fazer isso. Pisei mais fundo ainda no acelerador. Então, de repente, vi a pequena abertura na cerca à esquerda, iluminada pela fraca luz dos faróis. Não havia tempo para frear ou diminuir a velocidade, então eu virei rapidamente a direção e rezei. O carrinho saiu violentamente da estrada, entrou pela abertura, bateu no chão, saltou no ar, depois deslizou de lado por trás da cerca e parou.

A primeira coisa que fiz foi desligar todas as luzes. Não sei bem o que me impulsionou a fazer isso, a não ser a certeza de que devia me esconder, e eu

sabia que, quando se está escondendo de alguém no escuro, não se deve acender luzes que mostrem onde se está. Fiquei imóvel no carro escuro. A cerca era muito espessa e não dava para ver através dela. O carro tinha saltado e deslizado de tal maneira que agora estava fora da trilha. Estava atrás da cerca numa espécie de campo, virado na direção do posto, escondido bem perto da cerca. Eu pude ouvir o carro da polícia. Ele havia parado uns cinquenta metros adiante na estrada, e agora estava manobrando e voltando. A estrada era muito estreita para virar numa manobra



só. Então o ronco do motor ficou mais alto e ele voltou com o motor a toda, e os faróis clareando tudo. Passou zunindo pelo lugar onde eu estava escondido e acelerou noite adentro.

Aquilo significava que o policial não havia me visto sair da estrada.

Mas certamente ele voltaria para me procurar. E, se voltasse bastante devagar, provavelmente veria a entrada. Então pararia e sairia do carro. Viria andando pela entrada e olharia atrás da cerca, e então... então sua lanterna iluminaria meu rosto, e ele diria: “O que está havendo, filho? Qual é a grande idéia? Aonde você pensa que vai? De quem é este carro? Onde você mora? Onde estão seus pais?” Ele me faria acompanhá-lo ao posto policial e, por fim, arrancaria de mim toda a história, e meu pai estaria perdido.

Fiquei quieto feito uma estátua e esperei. Esperei um longo tempo. Então ouvi o som de um motor voltando em minha direção. Fazia um barulho terrível. Vinha voando baixo. Passou por mim zunindo como um foguete. Pelo jeito que ele estava forçando aquele motor, parecia ser um sujeito muito nervoso. Também devia estar confuso. Talvez estivesse pensando que tinha visto um fantasma. Um garoto fantasma dirigindo um carro fantasma.

Esperei para ver se ele voltaria.

Não voltou.

Liguei minhas luzes.

Pressionei o botão de partida. O carrinho pegou na primeira.

Mas e as rodas e o chassi? Eu tinha certeza de que alguma coisa havia se quebrado quando ele pulou da estrada para a trilha.

Engatei a marcha e comecei a avançar suavemente. Prestei atenção a algum barulho horrível. Não havia nenhum. Consegui tirá-lo da grama e trazê-lo de volta para a trilha.



Agora eu ia bem devagar. A trilha era extremamente irregular e esburacada, e o aclive era muito íngreme. O carrinho dava saltos e solavancos o tempo todo, mas ia avançando. Então, por fim, à minha frente e à direita, parecendo uma gigantesca criatura negra agachada no cume da montanha, eu vi o bosque do sr. Hazell.

Logo cheguei lá. Árvores imensas subiam em direção ao céu por todo o lado direito da trilha. Parei o carro. Desliguei o motor e as luzes. Saí, levando a lanterna.

Lá estava a habitual cerca separando o bosque da trilha. Esgueirei-me por ela e, de repente, estava dentro do bosque. Quando olhei para cima, as árvores haviam se fechado sobre a minha cabeça como o teto de uma prisão, e eu não conseguia ver a menor nes-



ga de céu ou uma única estrela. Não podia ver absolutamente nada. A escuridão era tão sólida à minha volta que eu podia quase tocá-la.

– Pai! – gritei. – Pai, onde você está?

Minha vozinha estridente ecoou pela floresta e esvaneceu. Fiquei à espera de uma resposta, mas não veio nenhuma.

O buraco

Talvez eu não consiga descrever como é estar sozinho na tenebrosa escuridão daquele bosque silencioso àquela hora da madrugada. A sensação de solidão era sufocante, o silêncio era profundo como a morte, e os únicos ruídos eram os que eu mesmo fazia. Tentei me manter absolutamente imóvel pelo maior tempo possível para ver se conseguia ouvir alguma coisa. Fiquei um longo tempo à escuta. Segurava a respiração e prestava atenção novamente. Tinha a sensação estranha de que todo o bosque estava à escuta comigo, as árvores e os arbustos, os animaizinhos escondidos no chão e os pássaros empoleirados nas árvores. Todos estavam escutando. Até o silêncio estava escutando. O silêncio escutando o silêncio.

Acendi a lanterna. Um facho de luz brilhante estendeu-se diante de mim como um longo braço branco. Assim era melhor. Agora eu, pelo menos, podia ver onde estava indo.

Os vigias também poderiam ver. Mas já não ligava para os vigias. A única pessoa que me preocupava era meu pai. Eu o queria de volta.

Mantive a lanterna acesa e me embrenhei no bosque.

– Pai! – gritei. – Pai! É o Danny! Você está aí?

Eu não sabia em que direção estava indo. Apenas ia em frente e chamava, andava e chamava. E, cada vez que eu chamava, eu parava e escutava. Mas não vinha nenhuma resposta.

Depois de um tempo, minha voz começou a falhar. Comecei a dizer coisas bobas como: “Oh, pai, por favor, me diga onde você está! Por favor, responda! Por favor, por favor...” E eu sabia que, se não me controlasse, o desespero tomaria conta de mim, e eu simplesmente desistiria e cairia desmaiado embaixo das árvores.

– Você está aí, pai? Você está aí? – gritei. – É o Danny!

Fiquei imóvel, escutando, escutando, escutando e, no silêncio que se seguiu, eu ouvi, ou pensei ter ouvido, muito fraco, uma voz humana.

Congelei e continuei à escuta.

Sim, lá estava ela novamente.

Corri em direção ao som.

– Pai! – gritei. – É o Danny! Onde está você?

Parei de novo e escutei.

Desta vez a resposta veio alta o suficiente para eu entender as palavras.

– Estou aqui! – disse a voz. – Bem aqui!

Era ele.

Fiquei tão nervoso que minhas pernas começaram a tremer.

– Onde você está, Danny? – gritou meu pai.

– Estou aqui, pai! Estou indo.

Com o facho de luz iluminando à minha frente, corri em direção à voz. As árvores agora eram maiores e mais espaçadas. O chão era um tapete de folhas secas



do ano passado e era bom para correr. Já não chamava pelo meu pai. Eu simplesmente ia correndo.

De repente sua voz soou bem diante de mim.

– Pare, Danny, pare! – gritou ele.

Parei de chofre. Iluminei o chão com a lanterna. Não podia vê-lo.

– Onde você está, pai?

– Aqui embaixo. Venha bem devagar. Mas tenha cuidado. Não caia aqui dentro.

Avancei engatinhando. Então vi o buraco. Fui até a borda, iluminei o fundo, e lá estava meu pai. Ele estava sentado no fundo do buraco e, olhando para cima, disse:

– Olá, meu filho maravilhoso. Obrigado por ter vindo.

– Você está bem, pai?

– Parece que meu tornozelo está quebrado – disse ele. – Aconteceu quando eu caí aqui dentro.

O buraco havia sido cavado no formato de um quadrado, cada lado medindo cerca de dois metros. Mas era sua profundidade que assustava. Era de pelo menos quatro metros. Os lados tinham sido cortados bem perpendiculares na terra, provavelmente com uma escavadeira, e nenhum homem poderia sair dele sem ajuda.

– Dói? – perguntei.

– Sim – disse ele. – Dói muito. Mas não se preocupe com isso. O negócio é que *eu tenho de sair daqui antes de amanhecer*. Os vigias sabem que estou aqui e voltarão assim que clarear.

– Eles cavaram a cova para pegar gente? – perguntei.

– Foi – disse ele.

Corri a lanterna pela parte de cima do buraco e vi como os vigias o haviam coberto com gravetos e folhas, e como a coisa toda veio abaixo quando meu pai pisou nela. Era o tipo de armadilha que os caçadores, na África, preparam para pegar animais selvagens.

– Os vigias sabem quem você é? – perguntei.

– Não – disse ele. – Dois deles vieram e iluminaram o buraco, mas eu cobri o rosto com os braços e eles não puderam me reconhecer. Eu os ouvi tentando adivinhar. Tentaram um monte de nomes, mas não disseram o meu. Então um deles gritou: “Nós descobriremos quem você é logo de manhã, meu rapaz. E adivinhe quem virá conosco para tirá-lo daí?” Eu não respondi. Não queria que eles escutassem minha voz. “Nós lhe diremos quem vem”, disse ele. “O sr. Hazell em pessoa virá com a gente para lhe dizer olá!” E o outro disse: “Menino, não quero nem pensar no que ele vai fazer quando puser as mãos em você!” Os dois deram risada e depois foram embora. Ai! Meu pobre tornozelo!

– Os vigias foram embora, pai?

– Sim – disse ele. – Foram embora dormir.

Eu estava ajoelhado na beira do buraco. Queria muito descer e confortá-lo, mas isso seria loucura.

– Que horas são? – perguntou. – Ilumine aqui para eu poder ver. – Fiz como ele pediu. – São dez para as

três – disse ele. – Eu tenho de estar fora daqui antes do nascer do sol.

– Pai – disse eu.

– Sim?

– Eu trouxe o carro. Eu vim no Baby Austin.

– Você *o quê?* – gritou ele.

– Eu queria chegar aqui rápido, então o tirei da oficina e vim direto para cá.

Ele ficou sentado me olhando. Eu mantive a lanterna apontada para um lado para não ofuscar seus olhos.

– Você quer dizer que veio dirigindo o Baby Austin até aqui?

– É.

– Você é louco – disse ele. – Você é louco de pedra.

– Não foi difícil – respondi.

– Você podia estar morto – disse ele. – Se alguma coisa tivesse batido em você naquela coisinha, você teria sido esmagado feito uma sardinha.

– Foi tudo bem, pai.

– Onde ele está agora?

– Logo ali fora do bosque, na trilha esburacada.

Seu rosto estava transido de dor e branco como uma folha de papel.

– Você está bem? – perguntei.

– Sim – respondeu. – Estou bem. – Ele estava tremendo todo, embora fosse uma noite quente.

– Se pudéssemos tirar você daí, tenho certeza de

que poderia ajudá-lo a ir até o carro – disse eu. – Você poderia se apoiar em mim e andar numa perna só.

– Eu nunca vou sair daqui sem uma escada – disse ele.

– Uma corda não serviria? – perguntei.

– Uma corda! Sim, claro! Uma corda serviria! Tem uma no Baby Austin! Está embaixo do banco de trás! O sr. Pratchett sempre carrega uma corda de rebocar caso o carro quebre.

– Vou pegá-la – disse eu.

– Espere aí, pai.

Eu o deixei e corri de volta pelo caminho que havia per-



corrido, iluminando à minha frente com a lanterna. Encontrei o carro. Levantei o banco de trás. A corda de reboque estava lá, emaranhada no macaco e na chave de roda. Eu a peguei e pendurei no braço. Esquivei-me pela cerca e corri de volta para dentro do bosque.

– Onde você está, pai? – gritei.

– Bem aqui – respondeu ele.

Com sua voz a me guiar eu não tive dificuldade em encontrá-lo dessa vez.

– Peguei a corda – disse eu.

– Ótimo. Agora amarre uma ponta na árvore mais próxima.

Sempre usando a lanterna, amarrei uma ponta da corda em volta da árvore mais próxima. Desci a outra ponta para meu pai. Ele a agarrou com as duas mãos e se ergueu para ficar em pé, sobre a perna direita. Dobrando o joelho, ele mantinha o pé esquerdo erguido no ar.

– Caramba – disse ele. – Isso dói.

– Você acha que vai conseguir, pai?

– Tenho de conseguir. A corda está bem amarrada?

– Está.

Deitei-me de bruços com as mãos pendendo para dentro do buraco. Eu queria ajudar a puxá-lo assim que ele estivesse ao meu alcance. Fiquei com a lanterna nele o tempo todo.

– Preciso escalar apenas com as mãos – disse ele.

– Você consegue – assegurei eu.

Vi as juntas dos seus dedos cerradas enquanto ele agarrava a corda. Então ele foi subindo, mão após mão, e logo que ficou ao meu alcance eu agarrei um de seus braços e puxei o quanto pude. Saiu do buraco deslizando sobre o peito e o estômago, ele puxando a corda e eu puxando seu braço. Deitou-se no chão, respirando rápido e alto.

– Você conseguiu! – disse eu.

– Deixe-me descansar um instante.

Esperei, ajoelhado a seu lado.

– Tudo bem – disse ele. – Agora o próximo passo. Me dê uma mão, Danny. Você vai ter de fazer a maior parte do trabalho daqui em diante.

Eu o ajudei a se equilibrar quando ele se levantou sobre o pé bom.

– De que lado você prefere que eu fique? – perguntei.

– À minha direita. Senão você vai ficar batendo no meu tornozelo machucado.

Fiquei do lado direito dele, e ele colocou as duas mãos nos meus ombros.

– Vá em frente, pai – disse eu. – Você pode se apoiar mais forte.

– Ilumine o chão com a lanterna para que possamos ver aonde estamos indo – disse ele.

Fiz como ele pediu.

Ele tentou dar uns pulinhos com o pé direito.

– Tudo certo? – perguntei.

– Tudo – disse ele. – Vamos.

Mantendo o pé esquerdo erguido e se apoiando em mim com as duas mãos, começou a pular para a frente numa perna só. Eu me arrastava ao seu lado, tentando andar exatamente na velocidade dele.

– Diga quando quiser descansar.

– Agora – disse ele. Paramos. – Preciso me sentar. – Eu o ajudei a se abaixar até o chão. Seu pé esquerdo pendia impotente do tornozelo, e, toda vez que tocava o chão, meu

pai pulava de dor.

Sentei-me ao seu lado sobre as folhas escuras que cobriam o chão do bosque. Pingava suor de seu rosto.

– Dói muito, pai?

– Dói quando pulo – disse ele. – Cada vez que eu pulo é uma dor de matar.

Sentou no chão descansando por alguns minutos.

– Vamos tentar novamente – disse.



Ajudei-o a se levantar e lá fomos nós. Dessa vez eu coloquei o braço em volta da cintura dele para dar um apoio maior. Ele pôs o braço direito em volta dos meus ombros e se apoiou bem em mim. Era melhor desse jeito. Mas como ele era pesado! Minhas pernas dobravam e envergavam a cada pulo.

Pulo...

Pulo...

Pulo...

– Vamos indo – arquejou ele. – Vamos lá. Nós vamos conseguir.

– Lá está – disse eu, apontando com a lanterna.

– Estamos quase chegando.

Pulo...

Pulo...

Pulo...

Quando chegamos à cerca, minhas pernas cederam e nós dois caímos no chão.

– Desculpe – disse eu.

– Tudo bem. Você pode me ajudar a passar pela cerca?

Não sei exatamente como ele e eu passamos por aquela cerca. Ele rastejou um pouco, eu a puxei, e pouco a pouco nos esquivamos para o outro lado na trilha. O carrinho estava apenas a dez metros dali.

Sentamos no barranco coberto de capim debaixo da cerca para tomar fôlego. O relógio dele marcava quase quatro horas da manhã. O sol só se levantaria em duas horas; então, tínhamos muito tempo.

– Devo dirigir? – perguntei.

– Você precisa – disse ele. – Eu só tenho um pé.

Ajudei-o a pular até o carro, e depois de um pouco de esforço ele conseguiu entrar. Sua perna esquerda estava dobrada por baixo da direita, e aquela coisa toda devia ser uma agonia para ele. Eu me sentei no banco do motorista ao seu lado.

– A corda – disse eu. – Nós a deixamos no bosque.

– Esqueça. Não tem problema.

Liguei o motor e acendi as luzes. Dei ré, fiz a volta e logo estávamos morro abaixo na trilha esburacada.

– Vá devagar, Danny – disse meu pai. – Dói demais nos buracos. – Ele tinha uma das mãos no volante, ajudando a levar o carro.

Chegamos ao fim da trilha e viramos na estrada.

– Você está indo bem – disse ele. – Continue assim.

Agora que estávamos na estrada principal, mudei para a segunda marcha.

– Acelere e coloque em terceira – disse ele. – Você quer que eu o ajude?

– Acho que consigo – disse eu.

Mudei para a terceira.

Com a mão de meu pai no volante, eu não tinha medo de bater na cerca nem de nada, então pisei fundo no acelerador. O ponteiro do velocímetro subiu para sessenta e cinco.

Alguma coisa grande com luzes brilhantes veio correndo em nossa direção.

– Vou pegar o volante – disse meu pai. – Solte-o completamente. – Ele manteve o carrinho perto da lateral da estrada enquanto um enorme caminhão de leite passou correndo. Foi a única coisa que encontramos no caminho de casa.

Ao nos aproximarmos do posto, meu pai disse:

– Vou ter de ir ao hospital por causa disto. É preciso imobilizar o pé corretamente e engessá-lo.

– Quanto tempo você vai ficar no hospital?

– Não se preocupe, estarei em casa antes de anoitecer.

– Você vai conseguir andar?

– Vou. Eles colocam um negócio de metal dentro do gesso, e uma ponta sai para fora por baixo do pé. Vou poder andar com isso.

– Vamos para o hospital agora?

– Não – disse ele. – Vou me deitar no chão da oficina e esperar até a hora de chamar o dr. Spencer. Ele vai arrumar tudo.

– Chame-o agora – disse eu.

– Não. Eu não gosto de acordar médicos às quatro e meia da manhã. Nós o chamaremos às sete.

– O que você vai dizer a ele, pai? Quer dizer, sobre o que aconteceu?

– Vou dizer a verdade – disse meu pai. – O dr. Spencer é meu amigo.

Chegamos ao posto e eu estacionei o carro bem em frente à porta da oficina. Ajudei meu pai a sair. Então, eu o abracei pela cintura para ele percorrer, aos pulos, a pequena distância até a oficina.

Dentro da oficina ele se apoiou na bancada de ferramentas e me disse o que eu deveria fazer.

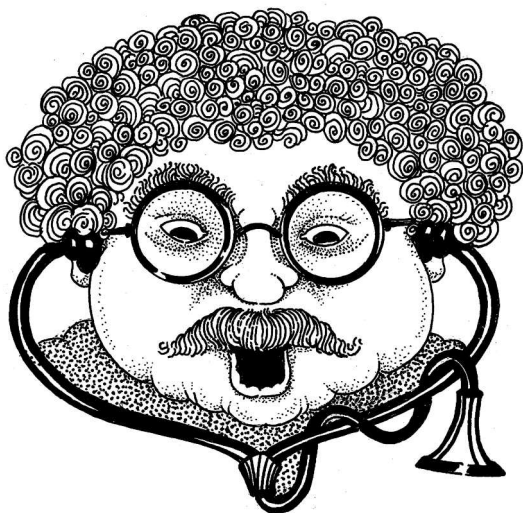
Primeiro espalhei algumas folhas de jornal pelo chão oleoso. Depois corri até a carroça e peguei dois cobertores e um travesseiro. Estendi um cobertor no chão sobre o jornal. Ajudei meu pai a se deitar nele. Então coloquei o travesseiro sob sua cabeça e o cobri com o outro cobertor.

– Coloque o telefone aqui embaixo para que eu possa alcançá-lo – disse ele.

Fiz como ele pediu.

– Você quer alguma coisa, pai? Que tal uma bebida quente?

– Não, obrigado. É melhor eu não beber nada. Logo vou tomar uma anestesia, e não se deve comer



ou beber nada antes. Mas tome alguma coisa você. Vá tomar café da manhã. Depois vá para a cama.

– Eu queria esperar aqui até o médico chegar – disse eu.

– Você deve estar morto de cansaço, Danny.

– Eu estou bem – respondi.

Achei uma velha cadeira de madeira, puxei-a para perto dele e me sentei.

Ele fechou os olhos e pareceu dormir.

Meus olhos também começaram a fechar-se. Eu não conseguia mantê-los abertos.

– Desculpe pela trapalhada toda – eu o ouvi dizendo.

Devo ter caído no sono depois disso, porque a próxima coisa que escutei foi a voz do dr. Spencer dizendo para meu pai:

– Meu Deus, William, o que você andou aprontando?

Abri os olhos e vi o médico debruçado sobre meu pai, que ainda estava deitado no chão da oficina.

O dr. Spencer

Certa vez meu pai me contou que o dr. Spencer vinha cuidando das pessoas do nosso distrito havia cerca de quarenta e cinco anos. Tinha agora mais de setenta e poderia ter se aposentado fazia muito tempo, mas ele não queria se aposentar, e seus pacientes tampouco gostavam dessa idéia. Era um homem baixinho, com mãos e pés pequenos e um rostinho redondo, marrom e enrugado como uma maçã seca. Era uma espécie de elfo, pensava eu cada vez que o via. Um tipo de elfo muito antigo, com um punhado de cabelos brancos e óculos com aro de aço; um elfo ligeirinho e esperto com olhos vivos, sorriso aberto e falar rápido. Ninguém tinha medo dele. Muitas pessoas o amavam, e ele era especialmente meigo com as crianças.

– Qual tornozelo? – perguntou ele.

– O esquerdo – disse meu pai.

O médico ajoelhou-se no chão e tirou de sua mala uma tesoura grande. Então, para minha surpresa,

começou a cortar a perna da calça do meu pai, abrindo-a até o joelho. Separou o tecido e olhou para o tornozelo, mas sem tocar nele. Olhei também. O pé parecia estar torcido para o lado, e havia um inchaço enorme abaixo do osso do tornozelo.

– É sério – disse o dr. Spencer. – É melhor levá-lo ao hospital agora mesmo. Posso usar seu telefone?

Ligou para o hospital e pediu uma ambulância. Depois falou com mais alguém sobre tirar algumas chapas de raio X e fazer uma operação.

– Como está a dor? – perguntou o dr. Spencer. – Você quer que eu lhe dê algum remédio?

– Não – disse meu pai. – Vou esperar até chegar lá.

– Como você quiser, William. Mas como aconteceu isso? Você caiu nos degraus daquela carroça doida?

– Não exatamente – disse meu pai. – Não.

O médico esperou que ele prosseguisse. E eu também.

– Na verdade – disse ele devagar – eu estava rondando lá no bosque do sr. Hazell... – parou de novo e olhou para o médico ainda ajoelhado ao seu lado.

– Ah – disse o médico. – Sim, entendo. E como está aquilo hoje em dia? Cheio de faisões?

– Pilhas deles – disse meu pai.

– Uma bela caça – disse o doutor suspirando um pouco. – Eu só queria ser jovem o suficiente para voltar lá. – Ele olhou para cima e viu que eu o estava en-

carando. – Você não sabia que eu costumava caçar um pouco, não é, Danny?

– Não – disse eu, completamente atônito.

– Muitas noites – prosseguiu o doutor –, depois de terminar o expediente, eu costumava sair de fininho pela porta de trás e ir correndo pelos campos para um de meus lugares secretos. Às vezes eram faisões, às vezes eram trutas. Havia um monte de enormes trutas escuras no riacho naquele tempo.

Ele continuava ajoelhado no chão ao lado do meu pai.

– Tente não se mover – disse ele. – Fique quase imóvel.

Meu pai fechou os olhos cansados, e depois os abriu de novo.

– Que método você usava para os faisões? – perguntou.

– Passas com gim – disse o dr. Spencer. – Eu costumava deixar as passas de molho no gim por uma semana e depois as espalhava pelo bosque.

– Isso não funciona – disse meu pai.

– Eu sei que não – disse o médico. – Mas era muito divertido.

– Um único faisão – disse meu pai – precisa comer pelo menos dezesseis passas encharcadas de gim antes de ficar bobo o suficiente para você o pegar. Meu pai provou isso com galos.

– Eu acredito em você – disse o médico. – É por isso que eu nunca peguei nenhum. Mas eu era bom

com as trutas. Você sabe como pegar uma truta, Danny, sem usar vara de pesca?

– Não – respondi. – Como é?

– Você faz cócegas nela.

– *Cócegas?*



– É – disse o médico. – As trutas gostam de ficar na beira do rio. Então você vai pela margem, sem fazer nenhum ruído, até ver uma grande... você chega por trás dela... deita de bruços... então devagar, muito devagar, você põe a mão dentro da água... e a desliza por baixo dela... e começa a acariciar a barriga dela com a ponta do dedo...

– E ela vai deixar você fazer isso? – perguntei.

– Ela adora isso – disse o médico. – Ela gosta tanto que chega a dormir. E, assim que ela cochila, você rapidamente a agarra e tira da água.

– O método funciona – disse meu pai. – Mas só um grande artista consegue isso. Eu tiro o meu chapéu para o senhor.

– Obrigado, William – disse gravemente o dr. Spencer. Ele se levantou, foi até a porta da oficina e olhou para ver se a ambulância estava chegando. – A propósito – disse ele por sobre o ombro –, o que aconteceu lá no bosque? Você caiu numa toca de coelho?

– Era um buraco ligeiramente maior – disse meu pai.

– O que você quer dizer?

Meu pai começou a descrever como havia caído naquele buraco enorme.

O médico se voltou e fitou meu pai.

– Eu não acredito nisso! – exclamou ele.

– É a pura verdade. Pergunte ao Danny.

– Era fundo – disse eu. – Fundo de assustar.

– Mas meu Deus do céu! – gritou o homenzinho, pulando de raiva. – Ele não pode fazer isso! O Victor

Hazell não pode sair por aí cavando armadilhas de tigre em seu bosque para pegar seres humanos! Eu nunca ouvi uma coisa tão repugnante e monstruosa em toda a minha vida!

– É nojento – disse meu pai.

– É pior que isso, William! É diabólico! Você sabe o que isso significa? Significa que gente decente como você e eu não pode nem sair e se divertir um pouco à noite sem o risco de quebrar uma perna ou um braço. Pode-se até quebrar o pescoço!

Meu pai concordou com a cabeça.

– Nunca gostei desse Victor Hazell – disse o dr. Spencer. – Certa vez eu o vi fazer uma coisa sórdida.

– O quê? – perguntou meu pai.

– Ele tinha horário marcado comigo no meu consultório. Precisava tomar uma injeção de alguma coisa, esqueci o nome. De qualquer modo, estava eu olhando pela janela quando ele chegou à minha porta em seu impressionante Rolls-Royce. Eu o vi descer e também vi meu velho cachorro Bertie cochilando no degrau da porta. Sabe o que aquele detestável do Victor Hazell fez? Em vez de passar por cima do Bertie, ele o chutou com sua bota de montaria.

– Ele não fez isso! – disse meu pai.

– Ah, fez sim senhor.

– E o que você fez?

– Eu o deixei plantado na sala de espera enquanto escolhia a agulha mais velha e cega que consegui encontrar. Depois passei-lhe uma lixa de unha na

ponta para deixá-la ainda mais cega. Quando terminei, ela estava mais grossa que a ponta de uma caneta esferográfica. Então o chamei e pedi-lhe que abaixasse as calças e se curvasse, e quando eu enfiei aquela agulha em seu traseiro mole ele gritou feito um porco esfaqueado.

– Beleza – disse meu pai.

– Ele nunca mais voltou desde então – disse o dr. Spencer. – Pelo que eu lhe sou muito grato. Ah, aí está a ambulância.

A ambulância parou na porta da oficina, e dela saíram dois homens de uniforme.

– Tragam-me uma tala para perna – disse o médico. Um dos homens tirou da ambulância uma espécie de tábua de madeira fina. O dr. Spencer se ajoelhou mais uma vez ao lado do meu pai e, cuidadosamente, colocou-lhe a tábua embaixo da perna. Depois prendeu bem a perna à tábua. Os homens da ambulância trouxeram a maca e a colocaram no chão. Meu pai subiu nela sozinho.

Eu ainda estava sentado na minha cadeira. O dr. Spencer veio até mim e colocou a mão no meu ombro.

– Acho melhor você vir para casa comigo, meu jovem – disse ele. – Você pode ficar conosco até que seu pai volte do hospital.

– Ele não vai voltar para casa hoje? – perguntei.

– Vou – disse meu pai. – Vou estar de volta esta noite.

– Eu preferiria que você passasse esta noite lá – disse o dr. Spencer.

– Eu vou voltar hoje à noite – disse meu pai. – Obrigado por se oferecer para ficar com o Danny, mas não será necessário. Ele vai ficar aqui mesmo até eu voltar. Acho que ele vai dormir a maior parte do dia, não é, querido?

– Acho que sim – respondi.

– Apenas feche o posto e vá para a cama, está bem?

– Tá, mas você vai voltar logo, né, pai?

Eles o carregaram para dentro da ambulância na maca e fecharam as portas. Eu fiquei do lado de fora da oficina com o dr. Spencer, olhando aquela coisa grande e branca deixar o posto.

– Você precisa de alguma ajuda? – perguntou o médico.



- Não, obrigado.
- Então vá para a cama e durma.
- É o que vou fazer.
- Me ligue se precisar de alguma coisa.
- Está bem.

O maravilhoso pequeno médico entrou no carro e foi embora pela estrada na mesma direção da ambulância.

O grande festival de tiros

Assim que o médico foi embora, fui até o escritório e peguei a placa que dizia DESCULPE, ESTAMOS FECHADOS. Pendurei-a em uma das bombas. Então fui direto para a carroça. Estava muito cansado para me despir. Não tirei nem meus velhos tênis imundos. Apenas me joguei na cama e adormeci. Eram oito e cinco da manhã.

Mais de dez horas depois, às seis e meia da tarde, fui acordado pela ambulância que trazia meu pai de volta do hospital. Eles o carregaram para dentro da carroça e o deitaram na cama de baixo.

– Oi, pai – disse eu.

– Oi, Danny.

– Como você está se sentindo?

– Um pouco mole – disse ele, caindo no sono quase imediatamente.

Logo que os homens da ambulância foram embora, o dr. Spencer chegou e foi até a carroça dar uma olhada em seu paciente.

– Ele vai dormir até amanhã de manhã – disse. –
Aí vai acordar se sentindo bem.

Acompanhei o médico até seu carro.

– Estou muitíssimo feliz por ele estar em casa –
disse eu.

O médico abriu a porta do carro mas não entrou.
Olhou para mim muito sério e disse:

– Quando você comeu pela última vez, Danny?

– Comer? – disse eu. – Bem... eu... é... – logo descobri quanto tempo fazia. Não havia comido nada desde o jantar com meu pai no dia anterior. Já haviam passado quase vinte e quatro horas.

O dr. Spencer entrou no carro e saiu com um negócio grande e redondo embrulhado em papel impermeável.

– Minha mulher me pediu que lhe desse isto – disse ele. – Acho que você vai gostar. Ela é uma ótima cozinheira.

Ele me empurrou o pacote, depois pulou para dentro do carro e foi embora rapidamente.

Eu fiquei ali segurando nas mãos aquela coisa grande e redonda. Observei o carro do médico descer pela estrada e desaparecer na curva, e depois que ele se foi eu ainda continuei ali olhando a estrada vazia.

Um pouco depois me virei e subi os degraus para dentro da carroça com meu precioso pacote. Coloquei-o no centro da mesa mas não o abri.

Meu pai estava deitado no beliche num sono profundo. Vestia um pijama do hospital, listado de azul e marrom. Fui até ele e delicadamente ergui o cober-

tor para ver o que haviam feito com ele. Um gesso branco e grosso cobria a parte inferior da perna e todo o seu pé, exceto os dedos. Havia um negócio de metal esquisito saindo por debaixo do pé, provavelmente para ele poder andar. Eu tornei a cobri-lo e voltei para a mesa.

Com muito cuidado, comecei a abrir o presente do médico e, quando terminei, vi à minha frente a maior e mais bonita torta do mundo. Era toda coberta, por cima, pelos lados, por baixo, com uma rica massa dourada.

Peguei uma faca e cortei uma fatia. Comecei a comer com as mãos, em pé. Era uma torta fria



de carne. A carne era rosada e macia, sem gordura ou cartilagem, e havia ovos cozidos enterrados como tesouros em lugares diferentes.

O gosto era absolutamente delicioso. Quando terminei o primeiro pedaço, cortei outro e comi. Deus abençoe o dr. Spencer, pensei. E Deus abençoe a mulher dele também.

Na manhã seguinte, uma segunda-feira, meu pai estava de pé às seis horas.

– Me sinto ótimo – disse ele. Começou a mancar em volta da carroça para testar a perna. – Quase não dói! – gritou. – Posso levar você para a escola!

– Não – disse eu. – Não.

– Nunca deixei de fazer isso, Danny.

– São três quilômetros até a escola – disse eu. – Não faça isso, pai.

Então, naquele dia, eu fui à escola sozinho. Mas ele insistiu em ir comigo no dia seguinte. Eu não pude impedi-lo. Colocou uma meia de lã sobre o pé de gesso para manter os dedos aquecidos, e fez um buraco por baixo para passar o pino de metal. Ele andava com a perna um pouco esticada, mas se movimentava rápido como sempre, e o metal ia *tinindo* na estrada cada vez que ele pisava.

E, assim, a vida no posto de gasolina voltou ao normal, ou *quase* ao normal. Digo “quase” porque as coisas, definitivamente, não eram mais como antes. A diferença estava em meu pai. Uma mudança se instalou nele. Não era uma grande mudança, mas suficiente para eu ter certeza de que alguma coisa o preo-

cupava muito. Ele ficava pensativo por longos períodos, e havia silêncios entre nós, especialmente na hora do jantar. Eu sempre o via sozinho e imóvel em frente ao posto, fitando a estrada na direção do bosque do sr. Hazell.

Muitas vezes eu tinha vontade de perguntar qual era o problema e, se eu tivesse perguntado, tenho certeza de que ele me contaria de imediato. De qualquer forma, sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu saberia tudo.

Não tive que esperar muito.

Cerca de dez dias depois que ele voltou do hospital, estávamos sentados, na plataforma da carroça, olhando o pôr-do-sol por trás das grandes árvores no topo dos montes do outro lado do vale. Já havíamos jantado, mas ainda não era hora de dormir. A noite de setembro estava quente, bela e muito silenciosa.

– Sabe o que me faz pular de raiva? – disse ele subitamente. – Eu levanto de manhã me sentindo muito bem. Aí, lá pelas nove horas, todos os dias da semana, aquele enorme Rolls-Royce prateado passa zunindo pelo posto e eu vejo o carão inchado do sr. Victor Hazell atrás do volante. Sempre vejo. Não posso evitar. E, enquanto passa, ele sempre vira a cabeça na minha direção e me olha. Mas é o *jeito* como ele olha que me enfurece. Há um ar zombeteiro sob seu nariz e um sorriso afetado nos lábios, e, embora eu apenas o veja por três segundos, isso me deixa louco da vida. E o pior é que eu fico doido pelo resto do dia.

– Eu não o culpo – disse eu.

Caiu um silêncio entre nós. Esperei para ver o que vinha depois.

– Vou lhe contar uma coisa interessante – disse ele afinal. – A estação de caça aos faisões começa no sábado. Sabia disso?

– Não, pai, não sabia.

– Ela sempre começa dia primeiro de outubro – disse ele. – E todos os anos o sr. Hazell celebra a ocasião com um grande dia de abertura do festival de caça.

Eu me perguntei o que isso tinha a ver com o meu pai ficar louco da vida, mas sabia que havia alguma ligação.

– É um evento muito famoso, Danny, esse festival de caça do sr. Hazell.

– Vem muita gente? – perguntei.

– Centenas de pessoas – disse ele. – Eles vêm de quilômetros de distância. Duques e lordes, barões e baronetes, comerciantes riquíssimos e todos os ilustres do condado. Eles vêm com seus cães, armas e esposas, e o dia inteiro o barulho dos tiros ecoa pelo vale. Mas eles não vêm porque gostam do sr. Hazell. Em segredo todos o desprezam. Todos o acham uma pessoa detestável.

– Então por que eles vêm, pai?

– Porque é a melhor caça de faisões do sul da Inglaterra, por isso é que eles vêm. Mas para o sr. Hazell é o dia mais importante do ano e ele paga qualquer preço para fazer dele um sucesso. Todo verão ele com-

pra centenas de filhotes de faisões e os coloca no bosque, onde os guardas os alimentam, vigiam e engordam até a chegada do grande dia. Sabia, Danny, que criar e manter um simples faisão até ele estar pronto para o abate custa tanto quanto cem bengalas de pão?

– Não pode ser!



– Eu juro – disse meu pai. – Mas para o sr. Hazell a festa vale cada centavo gasto. E você sabe por quê? Porque faz com que ele se sinta importante. Por um dia no ano ele se torna o tal no seu mundinho, e até o duque Fulano de Tal bate nas costas dele e tenta se lembrar do seu primeiro nome quando se despede.

Meu pai esticou a mão e coçou o gesso duro logo abaixo do joelho esquerdo.

– Dá coceira – disse ele. – A pele coça por baixo do gesso. Então eu coço o gesso e finjo estar coçando a pele.

– E resolve?

– Não – disse ele. – Não resolve. Mas escute, Danny...

– Sim, pai?

– Quero lhe dizer uma coisa.

Ele começou a coçar de novo o gesso na perna. Esperei que ele prosseguisse.

– Queria lhe dizer o que eu mais gostaria de fazer neste momento.

Lá vem, pensei. Lá vem alguma coisa grande e doida. Eu podia adivinhar que era alguma coisa grande e doida só de olhar para o rosto dele.

– É um segredo de morte, Danny. – Ele fez uma pausa e olhou com cuidado em volta. E, embora não houvesse uma viva alma num raio de três quilômetros ao nosso redor naquele momento, ele se debruçava sobre mim e falava sussurrando. – Eu gostaria de encontrar um meio de tirar tantos faisões do bosque do sr. Hazell que não sobrasse nenhum para o

grande dia de abertura da caça dia primeiro de outubro.

– Pai! – gritei eu. – Não!

– Psiu – disse ele. – Escute. Se eu pudesse achar um jeito de capturar uns duzentos faisões de uma só vez, então a festa do sr. Hazell seria o maior fracasso da história!

– Duzentos! – disse eu. – *É impossível!*

– Apenas imagine, Danny – prosseguiu ele –, que triunfo, que vitória gloriosa seria! Todos os duques, lordes e homens famosos chegariam em seus carrões... e o sr. Hazell andaria empertigado feito um pavão dando as boas-vindas e dizendo coisas como “Muitos faisões para o senhor este ano, lorde Thistlewaite” e “Meu caro sir Godfrey, esta é uma boa temporada para faisões, uma ótima temporada na verdade” ... e então lá iriam eles com suas armas embaixo do braço... e tomariam suas posições rodeando o famoso bosque... e dentro do bosque um exército inteiro de batedores escondidos começaria a gritar, bradar e urrar no meio da vegetação para espantar os faisões em direção às armas de tocaia... e ora vejam... não haveria um único faisão em lugar algum! E a cara do sr. Victor Hazell ficaria mais vermelha que beterraba cozida! E então? Não seria a coisa mais fantástica e maravilhosa se pudéssemos pôr isso em prática, Danny?

Meu pai tinha ficado tão agitado que se levantou, desceu os degraus da carroça e começou a andar de um lado para outro à minha frente.

– Não seria? – gritou ele. – Não seria demais?

– Seria – disse eu.

– Mas como? – disse ele. – Como poderia ser feito?

– De jeito nenhum, pai. Já é difícil pegar duas aves no bosque, imagine *duzentas*.

– Eu sei disso – emendou meu pai. – São os vigias que dificultam tudo.

– Em quantos eles são? – perguntei eu.

– Os vigias? Três, e estão sempre rondando.



– E ficam a noite inteira?

– Não, a noite inteira não – disse meu pai. – Vão para casa logo que os faisões estão a salvo em cima das árvores, empoleirados. Mas nunca ninguém descobriu um jeito de pegar faisões empoleirados, nem mesmo meu pai, que era o maior perito do mundo. Está na hora de você ir para a cama – terminou ele. – Vá se deitar que depois eu conto uma história.

A Bela Adormecida

Cinco minutos depois eu estava de pijama em minha cama. Meu pai veio e acendeu a lâmparina pendurada no teto. Estava escurecendo mais cedo agora.

– Certo – disse ele. – Que tipo de história vamos ter hoje?

– Pai – disse eu. – Espere um pouco.

– O que foi?

– Posso perguntar uma coisa? Acabei de ter uma idéia .

– Diga – disse ele.

– Sabe aquele frasco de pílulas de dormir que o dr. Spencer lhe deu quando você voltou do hospital?

– Eu nunca usei aquilo. Não gosto dessas coisas.

– É, mas há algum motivo para que aquilo não funcione com faisões?

Meu pai balançou a cabeça tristemente, de um lado para outro.

– Espere – disse eu.

– Não há como, Danny. Nenhum faisão no mundo vai engolir aquelas cápsulas vermelhas nojentas. Você sabe disso.

– Você está esquecendo as passas, pai.

– As passas? O que elas têm a ver com isso?

– Agora escute – disse eu. – Escute, por favor. Nós pegamos uma uva passa. Deixamos de molho até ela inchar. Então fazemos um pequeno corte num lado dela com uma lâmina de barbear. Aí a gente a deixa oca. Depois abrimos uma cápsula vermelha e colocamos o pó dentro da uva passa. Aí a gente pega agulha e linha e costura o buraco direitinho...

Com o canto dos olhos eu vi a boca de meu pai começar a abrir devagar.

– Veja – disse eu. – Temos agora uma bela e deliciosa uva passa cheia de pó de pílula de dormir, que deve ser suficiente para adormecer qualquer faisão. Você não acha?

Meu pai estava olhando para mim com tal encantamento nos olhos que parecia estar tendo uma visão.

– Ah! meu filho querido – disse ele com suavidade. – Minha Nossa Senhora! Eu acho que você conseguiu! É! Acho! Acho, sim!

Logo ele estava tão agitado e extasiado que, por alguns segundos, não pôde dizer mais nada. Veio, sentou na beirada da minha cama e ali ficou, balançando devagar a cabeça para cima e para baixo.

– Você acha mesmo que vai funcionar? – perguntei eu.

– Sim – disse ele tranquilo. – Vai funcionar perfeitamente. Com esse método nós podemos preparar *duzentas* passas e tudo o que teremos a fazer será espalhá-las pelo chão na hora do pôr-do-sol e ir embora. Meia hora depois, quando escurecer e os vigias forem todos para casa, nós voltamos para o bosque... os faisões estarão em cima das árvores empoleirados... as pílulas começarão a fazer efeito... os faisões vão começar a ficar grogues... a cambalear e tentar manter o equilíbrio... e logo todos os que tiverem engolido *uma única passa* cairão inconscientes no chão. Eles cairão das árvores como maçãs! E tudo o que teremos de fazer será sair catando-os.

– Posso ir com você, pai?

– E eles nunca nos pegarão – disse meu pai sem me escutar. – Nós vamos simplesmente passear pelo bosque deixando cair umas passas aqui, outras ali, enquanto vamos indo, e, mesmo que eles *estejam* de guarda, não notarão nada.

– Pai – disse eu elevando a voz –, você *vai* me deixar ir junto?

– Danny, meu querido – disse ele colocando a mão no meu joelho e me olhando com seus olhos grandes e brilhantes como duas estrelas. – Se isso funcionar, nós vamos *revolucionar* a caça clandestina.

– É, pai, mas eu posso ir com você?

– Ir comigo? – disse ele, saindo finalmente do mundo dos sonhos. – Mas, meu garoto, claro que você

pode ir comigo! A idéia é sua! Você tem de estar lá para ver as coisas acontecerem! Vejamos, então! – gritou ele, saltando da cama. – Onde estão aquelas pílulas?

O pequeno frasco de cápsulas vermelhas estava ao lado da pia. Tinha estado ali desde que meu pai voltara do hospital. Ele o pegou, abriu a tampa e jogou as cápsulas sobre o meu cobertor.

– Vamos contá-las – disse ele.

Contamos juntos. Eram exatamente cinqüenta. – Não é suficiente – disse ele. – Nós precisamos de, no mínimo, duzentas. Depois gritou. – Espere! Espere aí. Não há problema! – Ele começou a recolocar com cuidado as cápsulas no frasco, e enquanto as colocava disse: – Tudo o que temos de fazer, Danny, é dividir o pó de uma cápsula para quatro passas. Em outras palavras, dar um quarto de dose. Assim, teremos o suficiente para encher as duzentas passas.

– Mas um quarto de pílula vai ser forte o suficiente para adormecer um faisão? – perguntei eu.

– Claro que vai, meu querido. Raciocine. Quantas vezes um faisão é menor que um homem?

– Muitas, muitas vezes menor.

– Taí. Se uma daquelas pílulas é suficiente para fazer um homem adulto dormir, é preciso apenas uma pequena parte para um faisão. O que daremos a eles servirá para nocauteá-los! Eles nem se darão conta do que aconteceu!

– Mas, pai, duzentas passas não serão suficientes para duzentos faisões.

– Por que não?

– Porque as aves mais gulosas com certeza engolirão mais de dez passas cada uma.

– Você tem razão – disse meu pai. – Tem mesmo. Mas não sei por quê, acho que não vai ser assim. Não se eu for cuidadoso e espalhar as passas por uma grande área. Não se preocupe com isso, Danny. Tenho certeza de que posso resolver esse problema.

– E você promete que eu posso ir junto?

– Claro – disse ele. – E nós podemos chamar esse método de “A Bela Adormecida”. Será um marco na história da caça clandestina!

Sentei imóvel na cama, olhando meu pai colocar cada cápsula dentro do frasco. Eu quase não conseguia acreditar no que estava acontecendo, que nós iríamos fazer aquilo de verdade, que ele e eu, sozinhos, tentaríamos roubar todo o premiado bando de aves do sr. Victor Hazell. Só de pensar, sentia em minha pele arrepios de eletricidade.

– Emocionante, não? – disse meu pai.

– Não ousou nem pensar, pai. Me faz ficar todo arrepiado.

– Eu também – disse ele. – Mas nós precisamos manter a calma daqui para a frente. Precisamos elaborar nossos planos com muito cuidado. Hoje é quarta-feira. O Festival de Tiros é no próximo sábado.

– Nossa! – disse eu. – São só três dias! Quando iremos ao bosque fazer o trabalho?

– Na noite anterior – disse meu pai. – Na sexta-feira. Assim eles não descobrirão que todos os faisões

desapareceram até que seja tarde demais, e a festa já tenha começado.

– Sexta-feira é depois de amanhã! Caramba, pai, teremos de correr se quisermos aprontar as duzentas passas até lá!

Meu pai se levantou e começou a andar de um lado para outro da carroça. – Eis o plano de ação – disse ele. – Ouça com atenção.

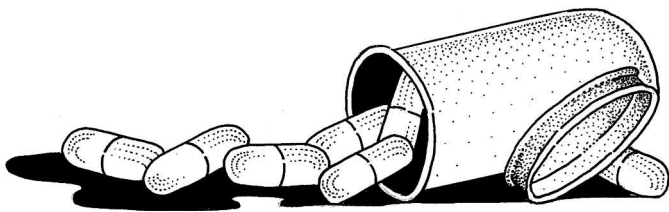
– Amanhã é quinta. Quando eu levar você para a escola, vou até a loja do Cooper na vila e compro dois pacotes de uvas passas sem sementes. À noite nós as colocamos de molho.

– Mas assim só teremos a sexta para preparar as passas – disse eu. – Cada uma tem de ser aberta, recheada com pó e costurada de novo, e eu estarei na escola o dia todo...

– Não vai, não – disse meu pai. – Você vai estar com um resfriado muito forte na sexta, e eu serei forçado a não deixar você ir à escola.

– Oba!

– Nós não abriremos o posto na sexta – prosseguiu ele. – Em vez disso ficaremos aqui preparando as passas. Juntos vamos conseguir facilmente. E à



noite sairemos estrada acima em direção ao bosque para fazer nosso trabalho. Tudo certo?

Ele parecia um general anunciando o plano de batalha para sua tropa.

– Tudo certo – disse eu.

– Lembre-se, Danny, nem um pio sobre este assunto para nenhum de seus colegas da escola.

– Pai, você sabe que eu não faria isso!

Ele me deu um beijo de boa-noite e diminuiu a lamparina, mas eu demorei muito a pegar no sono.

Quinta-feira na escola

O dia seguinte era uma quinta, e, antes de sairmos para ir à escola naquela manhã, fui atrás da carroça e apanhei duas maçãs da nossa árvore, uma para meu pai e uma para mim.

É uma coisa maravilhosa poder sair e se servir das suas próprias maçãs na hora que der vontade. É claro que isso só pode acontecer no outono, quando a fruta está madura, mas, mesmo assim, quantas famílias têm esse privilégio? Menos de uma em mil, eu acho. Nossas maçãs eram da variedade *golden*, e a sonoridade desse nome me agradava quase tanto quanto as maçãs.

Às oito horas saímos pela estrada em direção à minha escola na pálida luz do sol de outono, comendo as maçãs enquanto caminhávamos.

O pé de ferro do meu pai retinia na estrada cada vez que ele pisava.

– Você trouxe o dinheiro para comprar as passas?
– perguntei eu.

Ele pôs a mão no bolso das calças e fez as moedas tilintar.

– O Cooper vai estar aberto tão cedo?

– Vai – disse ele. – Ele abre às oito e meia.

Eu adorava aquelas caminhadas matinais até a escola. Nós conversávamos praticamente o tempo todo. Na maior parte do tempo era ele que falava e eu escutava, e quase tudo o que ele dizia era fascinante. Ele era um verdadeiro homem do campo. Os campos, os riachos, os bosques e todas as criaturas que viviam nesses lugares faziam parte da vida dele. Embora fosse mecânico, e muito bom por sinal, acho que poderia ter sido um ótimo naturalista se tivesse freqüentado uma boa escola.

Há muito tempo ele havia me ensinado os nomes de todas as árvores, flores silvestres e ervas que cresciam nos campos. Eu sabia reconhecer todos os pássaros não só de olhar, mas também de ouvir seu canto.

Na primavera caçávamos ninhos de pássaros pelo caminho, e quando encontrávamos um ele me colocava sobre os ombros para que eu pudesse ver os ovos. Mas ele nunca me deixava tocar neles.

Meu pai me dizia que um ninho com ovos era uma das coisas mais belas do mundo. O ninho dos tordos, por exemplo, era forrado de lama seca, lisa como madeira polida, com cinco ovos do mais puro azul com pontos pretos. E havia a cotovia, cujo ninho nós encontramos uma vez bem no meio de um campo, numa touça de capim. Quase não era um ni-

nho, era apenas uma pequena depressão no capim, e dentro dela havia seis ovinhos, marrons e brancos.

– Por que a cotovia faz seu ninho no chão, onde as vacas podem pisoteá-lo? – perguntei eu.

– Ninguém sabe por quê – disse meu pai. – Mas elas sempre fazem assim. O ninho dos rouxinóis também é no chão. Assim como o dos faisões, das perdizes e dos galos silvestres.

Em uma de nossas caminhadas, uma doninha pulou da cerca à nossa frente, e minutos depois eu já tinha aprendido um monte de coisas sobre aquela criaturinha maravilhosa. A parte que eu mais gostei foi quando meu pai disse: – A doninha é o animal mais corajoso que existe. A mãe luta até a morte pelos seus filhotes. Ela nunca os abandona, nem se tiver que defendê-los de uma raposa, que é cem vezes maior que ela. Ela fica ao lado do ninho e luta até morrer.

Uma outra vez, quando eu disse: – Ouça o gafanhoto, pai. – ele respondeu: – Não, não é um gafanhoto, querido. É um grilo. E você sabia que os grilos têm ouvidos nas pernas?

– Mentira!

– É a pura verdade. E o ouvido dos gafanhotos é na lateral da barriga. Eles têm sorte de poder ouvir, pois a maioria dos inúmeros insetos é surda como uma porta e vive num mundo silencioso.

Naquela quinta-feira, durante a caminhada para a escola, havia um velho sapo coaxando no brejo atrás da cerca enquanto passávamos.

– Está ouvindo, Danny?

– Estou – disse eu.

– É um macho de rã-gigante chamando sua mulher. Ele consegue isso inchando a barbela e deixando o ar sair com esse som.

– O que é barbela? – perguntei eu.

– É aquela pele frouxa no pescoço dele. Ele pode enchê-la como um balão.

– O que acontece quando a mulher dele o escuta?

– Ela vai pulando até ele. Fica muito feliz em ser solicitada. Mas eu vou contar a você uma coisa engraçada sobre o velho macho de rã-gigante. Muitas vezes ele fica tão encantado com o som de sua própria voz que a mulher dele tem de cutucá-lo várias vezes para fazê-lo parar e abraçá-la.

Aquilo me fez rir.

– Não ria tão alto – disse ele, piscando para mim.

– Nós homens não somos muito diferentes do macho de rã-gigante.

Separamo-nos no portão da escola, e meu pai se foi para comprar as passas. Outras crianças estavam entrando e se dirigindo para a porta da escola. Eu as acompanhei, mas em silêncio. Eu era guardião de um grande segredo, e uma palavra descuidada que eu dissesse poderia pôr a perder a maior expedição de caça clandestina que o mundo já tinha visto.

Nossa escola era apenas uma pequena escola de aldeia, uma construção térrea de tijolos vermelhos, feia e pequena. Acima da porta da frente havia um grande bloco de pedra cinza cimentado no tijolo, onde estava escrito: ESTA ESCOLA FOI ERIGIDA EM

1902 PARA COMEMORAR A COROAÇÃO DE SUA ALTEZA, O REI EDUARDO VII. Eu devo ter lido isso mil vezes. Sempre que eu entrava por aquela porta batia o olho ali. Suponho que era para ser assim mesmo. Entretanto é muito chato ler as mesmas velhas palavras muitas e muitas vezes, e eu sempre pensava em como seria bom se eles colocassem algo novo ali todos os dias, algo realmente interessante. Meu pai faria isso para eles muito bem. Ele escreveria com um pedaço de giz na lisa pedra cinza, e a cada manhã haveria algo novo. Ele poderia dizer coisas como: VOCÊ SABIA QUE A PEQUENA BORBOLETA DE TREVO AMARELO SEMPRE CARREGA SUA PARCEIRA NAS COSTAS? Ou, numa outra ocasião, ele diria: AS CARPAS TÊM HÁBITOS ENGRAÇADOS. QUANDO O MACHO SE APAIXONA POR UMA FÊMEA, ELE MORDE A BARRIGA DELA. E numa outra ocasião: VOCÊ SABIA QUE A MARIPOSA-CAVEIRA SABE GUINCHAR? Ou então: OS PÁSSAROS QUASE NÃO TÊM OLFATO. MAS ELES POSSUEM ÓTIMA VISÃO E ADORAM A COR VERMELHA. GOSTAM DAS FLORES VERMELHAS E AMARELAS, NUNCA DAS AZUIS. E talvez numa outra vez ele pegasse o giz e escrevesse: ALGUMAS ABELHAS TÊM LÍNGUAS QUE, DESENROLADAS, POSSUEM O DOBRO DO TAMANHO DA PRÓPRIA ABELHA. ISSO LHE PERMITE SUGAR O NÉCTAR DAS FLORES DE ABERTURA ESTREITA E COMPRIDA. Ou ele poderia escrever: APOSTO QUE VOCÊ NÃO SABIA QUE, EM ALGUMAS MANSÕES DO INTERIOR DA INGLATERRA, O MORDOMO AINDA TEM DE PASSAR A FERRO O JORNAL MATI-

NAL ANTES DE LEVÁ-LO À MESA DO PATRÃO NO CAFÉ DA MANHÃ.

Havia cerca de sessenta meninos e meninas em nossa escola, com idade entre cinco e onze anos. Tínhamos quatro classes e quatro professores.

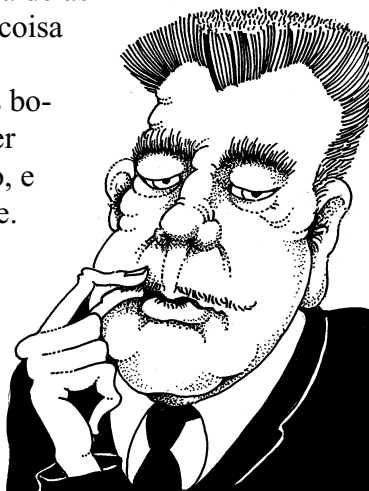
A sra. Birdseye ensinava na pré-escola, trabalhando com alunos entre cinco e seis anos, e era uma pessoa muito boa. Ela costumava ter uma sacola de balas de anis na gaveta da mesa, e todos os que faziam um bom trabalho ganhavam uma bala para chupar na hora, durante a lição. O truque da bala de anis é nunca morder. Se você ficar com ela rolando na boca, ela vai se dissolver sozinha e aí, bem no meio dela, você encontra uma sementinha marrom. É a semente de anis, e, quando você a esmaga entre os dentes, sente um gosto fabuloso. Meu pai me contou que os cães são loucos por anis. Quando não há raposas por perto, os caçadores arrastam uma sacola de anis por quilômetros e quilômetros pelos campos, e os cães de caça seguem o cheiro de que tanto gostam. Isso é conhecido como caça de arrasto.

As crianças de sete e oito anos tinham aulas com o sr. Corrado, que também era uma boa pessoa. Era um professor muito velho, provavelmente com uns sessenta anos ou mais, mas isso não parecia impedir sua paixão pela sra. Birdseye. Nós sabíamos que ele estava apaixonado porque sempre dava a ela os melhores pedaços de carne no almoço quando era sua vez de servir. E, quando ela sorria para ele, ele

retribuía o sorriso da maneira mais melada que se pode imaginar, mostrando todos seus dentes da frente, os de cima e os de baixo, e também a maioria dos outros.

Um professor chamado capitão Lancaster cuidava das crianças de nove e dez anos, o que me incluía esse ano. O capitão Lancaster, conhecido às vezes como Lankers, era um homem horrível. Tinha cabelos ruivos cor de cenoura, um bigode ruivo aparado curtinho e um temperamento terrível. Pêlos ruivos também saíam de suas narinas e ouvidos. Ele havia sido capitão do exército durante a guerra contra Hitler, e por isso ele mesmo se intitulava capitão Lancaster em vez de apenas mestre. Meu pai dizia que isso era uma idiotice. Havia milhões de pessoas ainda vivas, dizia ele, que também haviam lutado

na guerra, mas a maioria delas queria esquecer aquela coisa infernal, especialmente aqueles títulos militares bobos. O capitão Lancaster era um homem violento, e nós tínhamos pavor dele. Costumava sentar-se à sua mesa alisando o bigode vermelho e olhando para nós com aqueles aguçados olhos azuis, procurando proble-



mas. E, enquanto ficava ali sentado, franzia o nariz e fungava como um cachorro farejando uma toca de coelho.

O sr. Snoddy, nosso diretor, cuidava dos alunos mais velhos, de onze anos, e todos gostavam dele. Era um homenzinho roliço com um enorme nariz vermelho. Eu tinha pena dele por ter aquele nariz tão grande. Era tão grande e inflamado que a qualquer momento parecia que ia explodir, implodindo seu dono.

Uma coisa engraçada sobre o sr. Snoddy é que ele sempre trazia um copo de água para a classe, e ficava bebericando durante toda a lição. Pelo menos todo mundo *pensava* que era um copo de água. Todo mundo menos eu e o meu melhor amigo, Sidney Morgan. Nós sabíamos o que era, e foi assim que descobrimos. Meu pai cuidava do carro do sr. Snoddy, e eu sempre levava a conta do conserto para a escola para economizar a postagem. Um dia, durante o intervalo, fui até a sala do sr. Snoddy entregar-lhe uma conta e Sidney Morgan foi comigo, sem nenhum motivo especial.

Apenas aconteceu de estarmos juntos naquele momento. E, quando entramos, vimos o sr. Snoddy ao lado da mesa enchendo seu famoso copo de água com uma garrafa rotulada Gordon's Gin. Ele deu um pulo enorme quando nos viu.

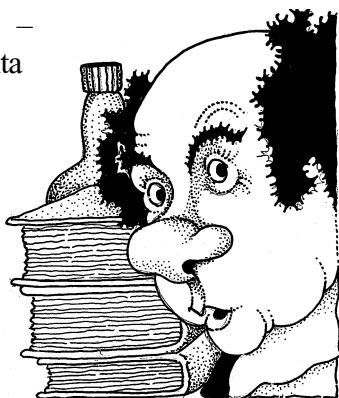
– Vocês deviam ter batido! – disse ele, escondendo a garrafa atrás de uma pilha de livros.

– Desculpe, senhor –
disse eu. – Trouxe a conta
do meu pai.

– Ah – disse ele –
Sim. Está bem. E *você*,
o que quer, Sidney?

– Nada, senhor –
disse Sidney Morgan. –
Não quero nada.

– Então podem ir, os
dois – disse o sr. Snoddy,
com a mão na garrafa atrás da pilha de livros. – Vão
embora.



Sáímos e, ainda no corredor, nós fizemos um
pacto de não contar nada daquilo que tínhamos visto
às outras crianças. O sr. Snoddy tinha sempre sido
bom para nós e queríamos retribuir mantendo entre
nós este grande segredo.

A única pessoa para quem eu contei foi meu pai,
que me disse:

– Eu não culpo o sr. Snoddy nem um pouco. Se
eu tivesse o azar de ter casado com a sra. Snoddy, eu
beberia alguma coisa um pouco mais forte que gim.

– O que você beberia, pai?

– Veneno – disse ele. – Ela é uma mulher me-
donha.

– Por que medonha? – perguntei.

– Ela é um tipo de bruxa – disse ele. – E a prova
é que ela tem sete dedos em cada pé.

– Como você sabe disso? – perguntei eu.

– O doutor Spencer me contou – respondeu meu pai. E para mudar de assunto acrescentou: – Por que você nunca convida o Sidney Morgan para vir brincar aqui?

Desde que eu tinha entrado na escola meu pai me incentivava a trazer meus amigos para casa para tomar um chá ou jantar. E todos os anos, cerca de uma semana antes do meu aniversário, ele dizia:

– Vamos fazer uma festa desta vez, Danny. Nós podemos fazer os convites, e eu vou até a vila comprar bolinhos, chocolates e um enorme bolo de aniversário com velinhas em cima.

Mas eu nunca aceitava essas sugestões e nunca convidei nenhuma criança para vir à minha casa depois da escola ou nos fins de semana. Não porque eu não tivesse bons amigos. Tinha vários. Alguns eram superamigos, como o Sidney Morgan. Talvez se eu morasse na mesma rua que eles e não longe, no campo, as coisas fossem diferentes. Mas também poderiam não ser. A verdadeira razão de eu não querer que ninguém me visitasse e brincasse comigo era porque eu me sentia muito bem só com meu pai.

A propósito, aconteceu uma coisa horrível naquela quinta depois que meu pai me deixou no portão da escola e foi comprar as passas. Estávamos tendo a primeira lição do dia com o capitão Lancaster, e ele tinha nos passado um monte de contas de multiplicar para fazer no caderno de exercícios. Eu estava sentado perto de Sidney Morgan na última

fileira, os dois mergulhados no trabalho. O capitão Lancaster estava sentado à mesa, olhando desconfiado para a classe com os aguados olhos azuis. Mesmo da última fila eu podia ouvi-lo bufando e fungando como um cachorro em frente a uma toca de coelho.

Sidney Morgan cobriu a boca com a mão e perguntou-me bem baixinho:

– Quanto é oito vezes nove?

– Setenta e dois – sussurrei em resposta.

O dedo do capitão Lancaster voou feito uma bala e apontou direto para o meu rosto.

– Você! – gritou ele. – Levante-se!

– Eu, senhor? – respondi.

– É, você, seu pequeno idiota!

Eu me levantei.

– Você estava conversando! – ladrrou ele. – O que você estava falando? – Ele berrava comigo como se eu fosse um pelotão de soldados desfilando. – Vamos, garoto! Desembuche!

Permaneci imóvel sem dizer palavra.

– Você está se negando a me responder? – gritou ele.

– Por favor, senhor – disse Sidney. – A culpa foi minha. Eu perguntei uma coisa a ele.

– Ah, perguntou, é? Levante-se!

Sidney ficou de pé ao meu lado.

– E o que exatamente você perguntou a ele? – disse o capitão Lancaster, falando mais baixo agora, o que significava muito mais perigo.

– Eu perguntei quanto é oito vezes nove – disse Sidney.

– E suponho que *você* respondeu? – disse o capitão Lancaster, apontando para mim novamente. Ele nunca chamava nenhum de nós pelo nome. Era sempre “você”, “garoto”, “garota” ou coisa do gênero. – Você respondeu a ele ou não? Fale, moleque!

– Respondi, senhor! – disse eu.

– Então vocês estavam colando! – disse ele. – Os dois colando!

Nós ficamos em silêncio.

– Colar é um hábito nojento praticado por moleques de rua e capetas! – disse ele.

De onde estava, eu podia ver toda a classe sentada absolutamente imóvel, olhando para o capitão Lancaster. Ninguém ousava se mexer.

– Vocês podem colar, mentir e trapacear nas suas casas – prosseguiu ele –, mas eu não vou permitir isso aqui!



Naquele momento, uma espécie de fúria cega tomou conta de mim e eu respondi aos gritos:

– Eu não sou trapaceiro!

Houve um silêncio terrível na sala. O capitão Lancaster levantou o queixo e me encarou com os aguados olhos azuis. – Você não só é trapaceiro como é insolente – disse ele devagar. – Você é um menino muito insolente. Venham até aqui. Os dois, venham até aqui.

Quando saí de minha carteira e comecei a andar para a frente da sala, já sabia exatamente o que ia acontecer. Eu tinha visto acontecer com outros muitas vezes, com meninos e meninas. Mas até ali nunca tinha acontecido comigo. Cada vez que eu via, aquilo me embrulhava o estômago.

O capitão Lancaster estava de pé dirigindo-se para a alta estante de livros que ficava encostada na parede à esquerda da sala. Alcançou a prateleira mais alta da estante e desceu a vara do terror. Essa vara era branca, branca como osso, muito longa e fina, com uma ponta curvada para segurar, como uma bengala.

– Você primeiro – disse ele, apontando para mim com a vara. – Estique a mão esquerda.

Era quase impossível acreditar que aquele homem iria me agredir fisicamente a sangue frio. Enquanto erguia minha mão com a palma virada para cima, eu olhava para ela, para sua pele rosada e para as linhas do destino que a percorriam, ainda não

conseguindo imaginar que alguma coisa ia acontecer com ela.

A comprida vara branca subiu no ar e desceu na minha mão com um estalo que pareceu um tiro de espingarda. Primeiro escutei o estalo e dois segundos depois senti a dor. Nunca senti uma dor como aquela em toda a minha vida. Era como se alguém estivesse pressionando um ferro em brasa contra minha mão. Eu me lembro de ter agarrado a mão machucada com a direita, enfiado as duas no meio das pernas e comprimido minhas pernas contra elas. Eu apertava, apertava o mais que podia como se estivesse tentando impedir que a mão se desmanchasse. Tentava não chorar alto, mas não podia conter as lágrimas que me desciam pelas bochechas.

Em algum lugar por perto, ouvi outro temível estalo e sabia que o pobre Sidney também tinha ganhado o dele.

Mas, ai, aquela dor medonha marcando e queimando minha mão! Por que não passava? Eu olhei para o Sidney. Ele estava fazendo o mesmo que eu, com as mãos enfiadas entre as pernas e a careta mais feia do mundo.

– Vão se sentar, os dois! – ordenou o capitão Lancaster.

Cambaleamos até nossas carteiras e nos sentamos.

– Agora prossigam com seu trabalho! – disse a voz aterrorizante. – E sem cola nem insolência!

A classe enfiou a cara nos livros como se fossem pessoas rezando na igreja.

Olhei para minha mão. Havia uma feia e longa marca atravessando a palma bem na junção com os dedos. Estava inchada no meio, e o inchaço era branco e vermelho em volta. Movi os dedos. Dava para mexer bem, mas doía para movimentá-los. Olhei para o Sidney. Ele me olhou rapidamente como se pedisse desculpa e voltou para suas contas.

Quando cheguei em casa da escola naquela tarde, meu pai estava na oficina.

– Eu trouxe as passas – disse ele. – Agora temos de colocá-las de molho. Pegue uma tigela de água para mim, Danny.

Fui até a carroça e peguei uma tigela com água até a metade. Levei até a oficina e coloquei sobre o balcão.

– Abra os pacotes e despeje tudo aí – disse meu pai. Essa era uma das melhores coisas nele. Ele não assumia o comando e fazia tudo sozinho. Fosse um trabalho difícil, como ajustar um carburador de um motor, ou uma tarefa fácil, como colocar passas numa bacia, ele sempre me deixava tomar a frente e fazer as coisas sozinho enquanto me observava, pronto para ajudar. Estava me observando agora enquanto eu abria o primeiro pacote de passas.

– Ei! – gritou ele, agarrando meu pulso esquerdo. – O que aconteceu com sua mão?

– Nada – disse eu, livrando o pulso.

Ele me fez abrir a mão. A grande marca vermelha cruzava a palma como uma queimadura.

– Quem fez isso? – gritou ele. – Foi o capitão Lancaster?

– Foi, pai, mas não é nada.

– O que aconteceu? – Ele segurava meu pulso tão forte que quase me machucava. – Diga exatamente o que aconteceu.

Contei tudo. Ele ficou ali, segurando meu pulso, seu rosto ficando cada vez mais branco, e eu pude ver o ódio começando a borbulhar perigosamente dentro dele.

– *Vou matá-lo!* – sussurrou ele quando eu terminei. – *Juro que vou matá-lo!* – Seus olhos estavam brilhando e seu rosto, completamente lívido. Eu nunca o tinha visto daquele jeito antes.

– Esqueça isso, pai.

– Não vou esquecer! – disse ele. – Você não fez nada de errado, e ele não tinha o menor direito de fazer isso. Então, ele chamou você de trapaceiro, né?

Eu fiz que sim.

Ele havia pego sua jaqueta do cabide de parede e a estava vestindo.

– Aonde você vai? – perguntei eu.

– Vou direto à casa do capitão Lancaster acabar com a vida dele.

– Não – gritei eu, agarrando-o pelo braço. – Não faça isso, pai, por favor! Não vai adiantar nada! Por favor, não vá!

– Eu tenho de ir – disse ele.

– Não! – gritei eu, pendurado em seu braço. – Você vai arruinar tudo! Só vai piorar! Por favor, esqueça isso!

Ele hesitou. Eu segurei firme seu braço. Ele estava calado, e pude ver o ímpeto de raiva desaparecendo de seu rosto devagar.

– É revoltante – disse ele.

– Posso apostar que fizeram isso com você na escola – disse eu.



– Claro que fizeram.

– E posso apostar que seu pai não foi correndo acabar com a vida do professor que lhe fez isso.

Ele me olhou, mas ficou calado.

– Ele não foi, né, pai?

– Não foi, Danny – disse ele baixinho.

Soltei seu braço, ajudei-o a tirar a jaqueta e a pendurei no cabide.

– Vou colocar as passas de molho agora – disse eu. – E não se esqueça de que amanhã eu estarei com um resfriado terrível e não poderei ir à escola.

– Sim – disse ele. – Está certo.

– Temos duzentas passas para rechear – disse eu.

– É – disse ele. – Temos.

– Espero que consigamos fazer a tempo – disse eu.

– Ainda dói? – perguntou. – A mão.

– Não – respondi. – Nem um pouco.

Acho que aquilo o satisfaz. E, embora eu o tenha visto olhar de vez em quando para minha mão o resto da tarde e da noite, ele não voltou mais ao assunto.

Naquela noite ele não me contou uma história. Sentou-se na beirada da minha cama e conversamos sobre o que iria acontecer no dia seguinte no bosque do sr. Hazell. Ele me fez ficar tão entusiasmado e apreensivo que não consegui pegar no sono. Acho que ele também ficou tão entusiasmado quanto eu, porque, depois que ele se trocou e subiu no beliche, eu o ouvi se virar e mexer a toda hora. Ele também não conseguia pegar no sono.

Lá pelas dez e meia ele desceu do beliche e colocou a chaleira no fogo.

– Qual é o problema, pai?

– Nenhum – disse ele. – Vamos fazer banquete à meia-noite?

– Vamos.

Ele acendeu a lâmpada do teto, abriu uma lata de atum e fez um sanduíche delicioso para cada um. Fez também chocolate quente para mim, e chá para ele. Depois recomeçamos a falar sobre os faisões e o bosque do sr. Hazell.

Era muito tarde quando conseguimos dormir.

13

Sexta-feira

Quando meu pai me acordou às seis horas na manhã seguinte, senti que aquele era o grande dia. Era o dia que eu esperava e o dia que eu temia. Era um dia de borboletas no estômago, só que não eram borboletas. Eram cobras. Eu tinha cobras no estômago desde o momento em que abri os olhos naquela sexta-feira de manhã.

A primeira coisa que fiz depois de me vestir foi pendurar a placa de DESCULPE, ESTAMOS FECHADOS em uma das bombas. Tomamos um rápido café da manhã e depois nos sentamos juntos à mesa da carroça para preparar as passas. Elas estavam roliças, macias e inchadas por causa da água, e quando as cortávamos com a lâmina de barbear a pele se abria e o recheio gelatinoso saía fácil, fácil.

Eu cortava as passas enquanto meu pai abria as cápsulas. Ele abria uma por vez e despejava o pó branco sobre um pedaço de papel. Depois o dividia em

quatro montinhos com a lâmina de uma faca. Cada montinho era cuidadosamente recolhido e colocado dentro de uma uva passa. Uma agulha e linha preta completavam o trabalho. A costura era a parte mais difícil, e meu pai fez a maior parte. Levava dois minutos para preparar uma passa do começo ao fim. Eu adorei fazer aquilo. Foi divertido.

– Sua mãe era ótima para costurar – disse meu pai. – Ela teria feito essas passas num minuto.

Eu não disse nada. Nunca sabia exatamente o que dizer quando ele falava da minha mãe.

– Você sabia que ela costumava fazer todas as minhas roupas, Danny? Tudo o que eu usava.

– Até as meias e suéteres? – perguntei eu.

– Sim – disse ele. – Mas eram tricotados. E tão rápido! Quando ela estava tricotando, as agulhas voavam tão ligeiro em seus dedos que não dava nem para ver. Era só um borrão. Eu me sentava à noite para observá-la tricotando, e ela falava dos filhos que teria. “Vou ter três filhos”, dizia ela. “Um menino para você, uma menina para mim e outro de quebra.”

Houve um breve silêncio depois disso. Então eu disse:

– Quando a mamãe estava aqui, pai, você saía sempre à noite ou foi só depois?

– Você quer dizer para caçar?

– É.

– Sempre – disse ele. – Pelo menos duas vezes por semana.

– Ela não ligava?

– Claro que não. Ela vinha junto.

– Não!

– Claro que sim. Ela sempre ia comigo antes de você nascer. Aí teve de parar. Dizia que não podia correr rápido o suficiente.

Pensei um pouco sobre essa extraordinária novidade. Depois disse:

– Ela ia junto porque amava você e queria ficar perto ou porque gostava de caçar, pai?

– Os dois – disse ele. – Ela ia por causa das duas coisas que você mencionou.

Eu estava começando a imaginar o imenso pesar que deve ter sido para ele quando ela morreu.

– Você não tinha medo de ela tomar um tiro? – perguntei.

– Tinha, Danny. Mas a companhia dela era maravilhosa. Sua mãe era uma ótima pessoa.

Por volta do meio-dia tínhamos preparado cento e trinta e seis passas. – Estamos indo bem – disse meu pai. – Vamos fazer uma pausa para o almoço.

Abriu uma lata de feijão e esquentou numa panela sobre a espiriteira. Cortei duas fatias de pão preto e coloquei-os em dois pratos. Meu pai despejou o feijão sobre o pão, levamos nossos pratos para fora e nos sentamos com as pernas balançando na plataforma da carroça.

Normalmente eu adorava feijão com pão, mas hoje não conseguia comer nada.

– Qual é o problema? – perguntou meu pai.

– Não estou com fome.

– Não se preocupe – disse ele. – Aconteceu a mesma coisa comigo na primeira vez em que saí. Eu tinha quase a mesma idade que você, talvez um pouco mais, e naquela época nós sempre tomávamos chá na cozinha às cinco. Posso me lembrar exatamente do que havia na mesa naquela tarde. Era minha comida favorita: torta de carne, e ninguém no mundo fazia uma torta de carne como minha mãe. Ela fazia numa panela bem grande, com massa Yorkshire bem marrom e crocante, cheia de bolhas enormes. Entre as bolhas dava para ver a lingüiça meio escondida na massa. Era fantástico. Mas naquele dia meu estômago estava tão revirado que não pude comer nada. Acho que o seu deve estar assim agora.

– O meu está cheio de cobras – disse eu. – E elas não param de mexer lá dentro.

– O meu também não está bem normal – disse meu pai. – Mas também esta não é uma operação normal, né?

– Não, não é, pai.

– Você sabe o que é isso, Danny? É o trabalho mais colossal e extraordinário em caça clandestina que alguém jamais fez na história do mundo!

– Não continue com isso, pai. Faz me sentir pior. A que horas vamos sair daqui?

– Já calculei tudo – disse ele. – Precisamos entrar no bosque uns quinze minutos antes do pôr-do-sol. Se chegarmos depois, todos os faisões terão subido para dormir e será tarde demais.

– A que horas é o pôr-do-sol?



– Nesta época é por volta das sete e meia – disse ele. – Assim, precisamos chegar às sete e quinze exatamente. Dá uma hora e meia de caminhada até o bosque, precisamos sair daqui às quinze para as seis.

– Então é melhor acabar aquelas passas – disse eu. – Ainda temos mais de sessenta para fazer.

Acabamos as passas com cerca de duas horas de folga. Elas formavam uma pilha numa travessa branca no meio da mesa.

– Não são maravilhosas? – disse meu pai, esfregando as mãos com força. – Aqueles faisões vão amar.

Depois disso ficamos fazendo hora na oficina até as cinco e meia. Aí meu pai disse:

– É isso! Está na hora de nos aprontarmos! Sairemos em quinze minutos!

Quando íamos para a carroça, uma perua se aproximou das bombas com uma mulher no volante e cerca de oito crianças atrás, tomando sorvete.

– Olha, eu sei que estão fechados – disse a mulher pela janela. – Mas será que vocês podiam, por favor, me vender alguns litros? Estou quase sem nada. – Era uma mulher bonita, de cabelos negros.

– Abasteça para ela – disse meu pai. – Mas seja rápido.

Catei a chave no escritório e destravei uma das bombas. Enchi o tanque, peguei o dinheiro e voltei o troco.

– Vocês normalmente não fecham tão cedo – disse ela.

– Nós temos de sair – disse eu, pulando de um pé para outro. – Vou sair com meu pai.

– Você está pulando feito um coelho – disse ela.
– Vai ao dentista?

– Não, senhora – disse eu. – Não vou ao dentista. Desculpe. Agora preciso ir.

14
No bosque

Meu pai saiu da carroça vestindo o velho suéter azul-marinho e o boné marrom com a viseira caindo sobre os olhos.

– O que tem aí embaixo, pai? – perguntei eu, olhando para o volume na cintura dele.

Ele levantou o suéter e me mostrou dois sacos de algodão fino mas muito grandes. Estavam bem presos em volta da barriga.

– Para carregar a mercadoria – disse ele sombrio.

– Ah...

– Vá vestir seu suéter – disse ele. – É marrom, né?

– É – disse eu.

– Então serve. Mas tire esses tênis brancos e calce os sapatos pretos.

Entrei na carroça, troquei os sapatos e vesti o suéter. Quando saí, meu pai estava em pé ao lado das bombas olhando ansiosamente para o sol, que agora estava apenas a largura da mão de um homem acima

da linha das árvores ao longo dos cumes da serra dos lados oposto do vale.

– Estou pronto, pai.

– Bom garoto. Vamos lá!

– Você pegou as passas? – perguntei eu.

– Estão aqui – disse ele, batendo no bolso da calça, onde havia outro volume. – Coloquei todas num pacote só.

Era um entardecer calmo e ensolarado, com manchas de nuvens brancas e brilhantes penduradas imóveis no céu, e o vale estava fresco e muito silencioso quando começamos a andar pela estrada que passava entre as montanhas em direção a Wendover. O metal embaixo do pé de meu pai fazia o barulho de um martelo batendo num prego cada vez que tocava a estrada.

– É isso aí, Danny. Lá vamos nós – disse ele. – Por Deus, eu queria que meu velho pai estivesse indo com a gente desta vez. Ele daria tudo para estar aqui agora.

– Mamãe também – disse eu.

– Ah, é – disse ele, suspirando. – Sua mãe *adoraria* estar aqui. Depois acrescentou: – Sua mãe era ótima para caminhar, Danny. E ela sempre trazia alguma coisa de volta para casa para enfeitar a carroça. No verão eram flores do campo ou gramíneas. Quando as gramíneas estavam com sementes, ela fazia arranjos lindos num vaso com água, especialmente quando colocava umas espigas de trigo ou cevada no meio. No outono ela colhia galhos com folhas e no inverno, bagas ou musgos.

Continuávamos indo. Então ele disse:

– Como você se sente, Danny?

– Ótimo – respondi. E era isso mesmo. Embora as cobras ainda estivessem se mexendo no meu estômago, eu não trocaria de lugar nem com o rei da Arábia naquele momento.

– Você acha que eles podem ter cavado outros buracos daqueles para pegar a gente? – perguntei eu.

– Não se preocupe com os buracos, Danny – disse meu pai. – Vou estar atento a eles desta vez. Iremos com cuidado e bem devagar quando estivermos no bosque.

– Vai estar muito escuro quando chegarmos lá?

– Não muito – disse ele. – Na verdade, bastante claro.

– Então como vamos fazer para que os vigias não nos vejam?

– Ah – disse ele. – Essa é a parte divertida da história. Essa é a essência do jogo. É o melhor jogo de esconde-esconde do mundo.

– Você diz isso porque eles estão armados?

– Bem – disse ele –, isso acrescenta um gostinho à coisa, sem dúvida.

Nós não conversamos muito depois disso. Mas, à medida que chegávamos perto do bosque, pude perceber que meu pai estava cada vez mais tenso devido ao alvoroço que crescia dentro dele. Começou a cantarolar uma canção horrível e, em vez de usar palavras, ele repetia “Tum-tídeli-tum-tídeli-tum-tum-tum”. Depois começava outra canção e “Pom-pídeli-pom-

pom-pom-pom, pom-pídeli-pom, pom-pídeli-pom”. Enquanto cantava, tentava manter o compasso com o tilintar de seu pé de ferro na estrada.

Quando se cansou daquilo, me disse:

– Vou lhe contar uma coisa interessante sobre os faisões, Danny. A lei diz que eles são pássaros silvestres, portanto só pertencem a você se estiverem em suas terras, sabia disso?

– Não sabia, pai.

– Assim, se um dos faisões do sr. Hazell voasse e pousasse no nosso posto – disse ele –, pertenceria a nós. Ninguém mais poderia tocá-lo.

– Quer dizer que nem o sr. Hazell, mesmo se o tivesse comprado quando filhote? – disse eu. – Mesmo se ele o tivesse comprado e criado no seu bosque?

– Exatamente – disse meu pai. – Assim que ele voa para fora de sua propriedade, ele já o perdeu. A não ser, é claro, que voe de volta para lá. É a mesma coisa que acontece com os peixes. Se uma truta ou um salmão nadar para fora de suas águas e entrar nas de outra pessoa, você não poderá sair por aí dizendo: “Ei, o peixe é meu, quero-o de volta.”

– Claro que não – disse eu. – Mas eu não sabia que o mesmo valia para os faisões.

– Vale para todo animal de caça – disse meu pai.

– Lebres, cervos, perdizes, galos silvestres. Qualquer caça.

Tínhamos andado por cerca de uma hora e quinze minutos e estávamos chegando à abertura da cer-

ca onde a trilha subia pela colina até o grande bosque onde viviam os faisões. Cruzamos a estrada e entramos pela abertura.

Subimos pela trilha e, quando alcançamos o topo, vimos o bosque à nossa frente, enorme e escuro, com o sol se pondo atrás das árvores atravessadas por pequenas faíscas de brilho dourado.

– Nenhuma conversa dentro do bosque – disse meu pai. – Fique bem perto de mim e tente não quebrar nenhum galho.

Cinco minutos depois estávamos lá. O bosque acompanhava a beira da estrada do lado direito, e apenas a cerca nos separava.

– Vamos entrar – disse meu pai. – Ele se esgueirou pela cerca engatinhando, e eu o segui.

Estava frio e escuro dentro do bosque. Não entrava luz do sol ali. Meu pai me pegou pela mão e começamos a avançar entre as árvores. Fiquei muito grato por ele ter segurado minha mão. Eu queria ter segurado a



sua desde o momento em que entramos no bosque, mas pensei que ele poderia desaprovar isso.

Meu pai estava muito tenso. Levantava bem os pés e pisava com muito cuidado sobre as folhas secas. Ficava mexendo a cabeça o tempo todo, os olhos corriam de um lado para outro, procurando algum perigo. Eu tentava fazer o mesmo, mas logo comecei a ver um guarda atrás de cada árvore e, então, desisti.

Prosseguimos assim por talvez quatro ou cinco minutos, penetrando devagar no bosque.

Então, surgiu um enorme pedaço de céu no alto da floresta à nossa frente, e eu sabia que devia ser a clareira. Meu pai tinha me contado que a clareira era o lugar onde as aves jovens eram introduzidas no bosque no início de julho, onde elas eram alimentadas e vigiadas pelos guardas e onde muitas ficavam por força do hábito até o começo da caçada.

– Há sempre muitos faisões na clareira – dissera meu pai.

– E também guardas, pai?

– Também – dissera ele. – Mas há grandes arbustos por toda a volta, e isso ajuda.

A clareira estava a cerca de setenta metros à nossa frente. Paramos atrás de uma grande árvore enquanto meu pai corria os olhos por toda a volta. Estava verificando com cuidado cada pequena sombra e cada parte do bosque.

– Vamos ter que engatinhar no próximo trecho – sussurrou ele, soltando minha mão. – Fique sempre bem atrás de mim, Danny, e faça exatamente o que

eu fizer. Se me vir deitar com o rosto no chão, faça o mesmo. Certo?

– Certo – sussurrei.

– Então, vamos lá.

Meu pai se abaixou apoiando-se nas mãos e nos joelhos e começou a engatinhar. Eu o segui. Movia-se surpreendentemente rápido, e eu tive trabalho para acompanhá-lo. A cada segundo olhava para mim para ver se estava tudo bem, e, cada vez que ele olhava, eu acenava com a cabeça e sorria.

Nós rastejamos, rastejamos, e por fim estávamos ajoelhados sem risco algum atrás de uma grande moita de arbustos bem na beirada da clareira. Meu pai me cutucou com o cotovelo e apontou para os faisões entre a folhagem.

O lugar estava coalhado de aves. Devia haver pelo menos uns duzentos faisões enormes andando emperdigados por entre os tocos de árvores.

– Veja o que eu queria dizer – sussurrou ele.

Era uma visão fantástica, o sonho de um caçador feito realidade. E como eles estavam perto! Alguns, a menos de dez passos do lugar onde estávamos ajoelhados. As fêmeas eram rechonchudas e marrom-creme. De tão gordas, as penas do peito quase arrastavam no chão quando andavam. Os machos eram esbeltos e elegantes, com longos rabos e manchas vermelhas e brilhantes em volta dos olhos, como se fossem óculos escarlates. Olhei para meu pai. Seu rosto estava transfigurado pelo êxtase. Tinha a boca um pouco aberta, e os olhos cintilavam ao fixar os faisões.

– Há um guarda – disse ele baixinho.

Eu congelei. Primeiro não tive nem coragem de olhar.

– Bem ali – sussurrou meu pai.

Não posso me mexer, disse a mim mesmo. Nem mesmo a cabeça.

– Olhe com cuidado – sussurrou meu pai. – Do outro lado, perto da árvore grande.

Vagarosamente movi os olhos na direção que ele indicou. Então eu o vi.

– Pai! – sussurrei.

– Não se mova agora, Danny. Fique bem abaixado.

– Sim, mas, pai...

– Está tudo bem. Ele não pode ver *a gente*.

Ficamos bem agachados, observando o guarda. Era baixinho, com



um boné na cabeça e uma enorme espingarda de cano duplo embaixo do braço. Ali em pé até parecia um pequeno poste.

– Não é melhor ir embora? – sussurrei.

A aba do boné do guarda fazia sombra em seu rosto, mas para mim parecia que ele estava olhando direto para nós.

– Não é melhor ir embora, pai?

– Silêncio! – disse ele.



Devagar, sem tirar os olhos do guarda, pôs a mão no bolso e tirou uma uva passa. Colocou-a na palma da mão direita e depois, com um rápido movimento do pulso, jogou-a pelo ar. Observei sua trajetória sobre os arbustos e a vi aterrissar a poucos metros de duas fêmeas que estavam ao lado de um toco. Ambas viraram rapidamente a cabeça na direção da passa. Então uma delas correu e, dando uma rápida bicada no chão, deve tê-la pegado.

Olhei para o guarda. Ele não havia se movido.

Eu podia sentir um filete de suor gelado descendo de um dos lados de minha testa até minha bochecha. Não ousei mexer a mão para limpá-lo.

Meu pai jogou uma segunda passa na clareira... depois uma terceira... e uma quarta... e uma quinta.

É preciso coragem para fazer isso, pensei. Uma coragem tremenda. Se eu estivesse sozinho, não teria ficado um segundo ali. Mas meu pai estava numa espécie de transe de caçador. Para ele era isso mesmo. Esse era o momento de perigo, a maior emoção de todas.

Ele ficou jogando as passas na clareira, rápida e silenciosamente, uma de cada vez. Seu pulso se movia e a passa subia, por cima dos arbustos, para cair entre os faisões.

Então, de repente, eu vi o guarda virar a cabeça para inspecionar o bosque atrás dele.

Meu pai também viu. Rápido como uma flecha, ele puxou do bolso o saco de passas e colocou tudo na palma da mão direita.

– Pai! – sussurrei eu. – Não!

Mas com um movimento amplo do braço ele arremessou todo o punhado, por sobre os arbustos, para a clareira.

Elas caíram tamborilando de leve, como gotas de chuva sobre folhas secas, e cada faisão que ali estava deve tê-las ouvido cair. Houve um alvoroço de asas e uma corrida em busca do tesouro.

A cabeça do guarda girou como se houvesse uma mola dentro do pescoço. As aves estavam todas ciscando feito doidas, catando passas. O guarda deu dois rápidos passos para a frente e, por um momento, pensei que iria investigar. Mas aí ele parou, seu rosto se ergueu e seus olhos começaram a passear devagar pela borda da clareira.

– Deite-se bem no chão – sussurrou meu pai. – Fique aí! Não mova um dedo!

Estirei-me no chão e pressionei um lado do rosto contra as folhas secas. O solo por baixo das folhas tinha um cheiro estranho e penetrante, como o de cerveja. Com o rabo de um olho, vi meu pai levantar um pouquinho a cabeça para observar o vigia. Ele continuou olhando.

– Você não *adora* isto? – sussurrou ele para mim. Não ousei responder.

Pareceu-me que já estávamos deitados ali havia cem anos.

Por fim, ouvi meu pai sussurrar:

– Acabou o pânico. Siga-me, Danny. Mas seja

muito cuidadoso, ele ainda está lá. *E fique bem abaixado o tempo todo.*

Ele começou a engatinhar de volta rapidamente, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Eu fui atrás. Continuava pensando no guarda que estava lá atrás de nós. Eu tinha muita consciência da presença daquele vigia e também tinha muita consciência do meu próprio traseiro, de como ele estava exposto no ar para todo mundo ver. Agora eu podia entender por que o “traseiro do caçador” era uma queixa muito comum neste negócio.

Continuamos de quatro por cerca de noventa metros.

– Agora corra! – disse meu pai.

Pusemo-nos de pé e corremos. Poucos minutos depois saímos pela cerca para a adorável e segura estrada aberta.

– Foi tudo maravilhoso! – disse meu pai, resfolegando. – Não foi tudo completamente maravilhoso? – Seu rosto estava vermelho e brilhando de triunfo.



– O vigia nos viu? – perguntei eu.

– De jeito nenhum! – disse ele. – E em alguns minutos o sol vai ter se posto, as aves vão se empoleirar e o vigia vai se mandar para casa para jantar. Aí só teremos que entrar de novo e nos servir. Vamos pegá-los do chão como se fossem pedrinhas!

Sentou-se na encosta gramada abaixo da cerca. Sentei-me perto dele. Ele colocou um braço em volta dos meus ombros e me deu um abraço.

– Você foi muito bem, Danny – disse ele. – Estou muito orgulhoso de você.

15

O vigia

Sentamos na encosta gramada abaixo da cerca, esperando a noite cair. O sol agora já havia se posto, e o céu era de um azul pálido e enfumado, com um leve verniz amarelo. No bosque atrás de nós as sombras e os espaços entre as árvores estavam passando de cinza para negro.

– Poderiam me oferecer qualquer lugar no mundo neste momento – disse meu pai. – E eu não sairia daqui.

Seu rosto estava afogueado de felicidade.

– Nós conseguimos, Danny – disse ele, colocando com ternura a mão sobre meu joelho. – Nós achamos um jeito. Isso não faz você se sentir bem?

– Demais – disse eu. – Mas foi um pouco assustador enquanto durou.

– Ah, mas é isso que é a caça clandestina – disse ele. – Deixa a gente apavorado. E é por isso que gostamos. Olhe, tem um falcão ali!

Olhei para onde ele apontava e vi um francelho pairando suntuoso no céu escuro sobre o campo arado além da trilha.

– É sua última chance de jantar – disse meu pai.
– Vai ter sorte se encontrar alguma coisa agora.

Exceto pelo veloz bater das asas, o falcão se mantinha absolutamente imóvel no céu. Parecia suspenso por algum fio invisível, como um pássaro de brinquedo pendurado no teto. Então, de repente, ele dobrou as asas e investiu na direção da terra numa velocidade incrível. Essa era uma visão que sempre me fazia vibrar.

– O que você acha que ele viu, pai?

– Um coelhinho talvez. Ou um rato, um preá. Nenhum deles tem chance quando há um francelho por perto.

Esperamos para ver se o falcão iria voar de novo. Não voou, o que significava que tinha pegado sua presa e a estava comendo no chão.

– Quanto tempo uma pílula de dormir leva para fazer efeito? – perguntei eu.

– Dessa eu não sei a resposta – disse meu pai. – Mas imagino que cerca de meia hora.

– Mas pode ser diferente com os faisões, pai.

– Pode ser. De qualquer forma, vamos ter de esperar um pouco para dar tempo de os vigias irem para casa. Vão sair logo que escurecer de vez. Trouxe uma maçã para cada um – acrescentou ele, pondo a mão no bolso.

– Uma maçã *golden* – disse eu sorrindo. – Muito obrigado.

Ficamos ali sentados mastigando.

– Uma das melhores coisas da maçã *golden* – disse meu pai – é que as sementes chacoalham quando ela está madura. Você sacode e as ouve chacoalhando.

Sacudi minha maçã meio comida. As sementes chacoalharam.

– Cuidado! – sussurrou ele bruscamente. – Alguém vem vindo.

Um homem tinha saído, de repente, da penumbra sem fazer ruído e já estava bem perto antes de meu pai vê-lo.

– É outro vigia – sussurrou ele. – Apenas não se mexa e não diga nada.

Observamos o vigia descer a trilha em nossa direção. Tinha uma arma embaixo do braço e um labrador preto andando no seu calcanhar. Parou a alguns passos de nós e o cachorro ficou atrás dele, olhando-nos por entre as pernas do guarda.

– Boa noite – disse meu pai, gentil e amigável.

Era um homem alto e ossudo, com olhos firmes, maxilares firmes, mãos firmes e perigosas.

– Conheço você – disse ele chegando mais perto. – Conheço vocês dois.

Meu pai não respondeu.

– Vocês são do posto de gasolina, não é?

Seus lábios eram finos e secos e havia uma espécie de crosta marrom sobre eles.

– Você é do posto de gasolina, este é seu garoto e vocês vivem naquela velha carroça imunda. Certo?

– De que estamos brincando? – disse meu pai. – De “adivinha o que é”?

O guarda deu uma cusparada, e eu vi a saliva aterrissar com um estalo num pedaço de terra seca a alguns centímetros do pé engessado do meu pai. Ficou ali feito um filhote de ostra.



– Mexam-se! – disse o homem. – Vão andando. Saiam daqui.

Quando falava, seu lábio superior subia até a gengiva, e eu pude ver uma fileira de pequenos dentes descoloridos. Um deles era preto. Os outros eram amarelados como sementes de romã.

– Acontece que esta é uma via pública – disse meu pai. – Por favor, não nos incomode.

O vigia trocou a arma do braço esquerdo para o direito.

– Você está fazendo hora – disse ele – com intenção de aprontar. Eu poderia prendê-lo por causa disso.

– Não poderia, não – disse meu pai.

Tudo isso me fez ficar bastante nervoso.

– Vejo que quebrou o pé – disse o guarda. – Não teria sido caindo em um buraco no chão?

– Foi uma ótima caminhada, Danny – disse meu pai colocando a mão no meu joelho. – Mas é hora de irmos para casa jantar. Ele se levantou e eu também. Descemos devagar e despreocupadamente pela trilha por onde tínhamos vindo, deixando o vigia parado ali, e logo ele desapareceu na penumbra atrás de nós.

– Aquele é o chefe dos vigias – disse meu pai. – O nome dele é Rabbetts.

– Vamos ter que ir para casa, pai?

– Para casa?! – exclamou meu pai. – Filho querido, estamos apenas começando! Entre aqui.

Havia uma porteira, à nossa direita, que levava a um campo, e nós a pulamos e sentamos atrás da cerca.

– O sr. Rabbetts também deve ir jantar – disse meu pai. – Não precisa se preocupar com ele.

Sentamos quietos atrás da cerca, esperando o vigia passar a caminho de casa. Já havia algumas estrelas, e uma bela lua crescente surgia sobre as montanhas atrás de nós a leste.

– Temos de ter cuidado com aquele cachorro – disse meu pai. – Quando passarem, segure a respiração e não mova um músculo.

– Mas o cachorro não vai sentir nosso cheiro de qualquer jeito? – perguntei eu.

– Não – disse meu pai. – Não há vento para carregar o cheiro. Veja! Aí vêm eles! Não se mexa!

O vigia vinha numa marcha lenta pela trilha, com o cachorro andando rápido e macio no seu calcanhar. Respirei fundo e segurei o ar enquanto eles passavam.

Quando já estavam a uma boa distância, meu pai se levantou e disse:

– Tudo livre. Esta noite ele não volta.

– Tem certeza?

– Tenho, Danny.

– E o outro, aquele da clareira?

– Também deve ter ido embora.

– Será que um deles não está nos esperando no fim da trilha? – perguntei eu. – Na abertura da cerca?

– Não haveria lógica nenhuma nisso – disse meu pai. – Há pelo menos vinte caminhos diferentes para chegar à estrada quando se sai do bosque do sr. Hazell. O sr. Rabbetts sabe disso.

Continuamos atrás da cerca por alguns minutos, apenas por precaução.

– Não é maravilhoso, Danny – disse meu pai –, pensar que neste momento há cerca de duzentos faisões empoleirados naquelas árvores, começando a ficar grogues? Logo estarão caindo dos galhos como gotas de chuva!

A lua crescente estava bem atrás das montanhas, e o céu estava cheio de estrelas quando pulamos de novo a porteira e começamos a subir a trilha em direção ao bosque.

O campeão do mundo

Dentro do bosque, não estava tão escuro quanto eu esperava; pequenos lampejos e cintilações da lua brilhante chegavam através das folhas e emprestavam ao lugar um aspecto frio e estranho.

– Trouxe duas lanternas – disse meu pai. – Vamos precisar delas mais tarde. Ele me deu uma daquelas lanterninhas de bolso no formato de uma caneta tinteiro. Acendi. Produziu um fecho de luz comprido e estreito, de brilho inesperado, e, quando o movia, era como se agitasse uma longa vara branca por entre as árvores. Desliguei.

Começamos a andar na direção da clareira onde os faisões haviam comido as passas.

– Esta – disse meu pai – vai ser a primeira vez na história mundial que alguém tenta caçar faisões empoleirados. Não é uma coisa maravilhosa poder andar por aqui sem se preocupar com os vigias?

– Você não acha que o sr. Rabbetts pode ter dado meia-volta e se escondido só para se certificar?

– Nunca – disse meu pai. – Ele foi embora para casa jantar.

Eu não conseguia parar de pensar que, se *eu* fosse o sr. Rabbetts e tivesse visto dois elementos suspeitos à espreita em volta do meu precioso bosque de faisões, eu certamente não teria voltado para casa para comer o *meu* jantar. Meu pai deve ter percebido meus temores porque, mais uma vez, pegou minha mão, dobrando seus longos dedos quentes em volta dos meus.

De mãos dadas trilhamos nosso caminho entre as árvores em direção à clareira. Em poucos minutos estávamos lá.

– Aqui está o lugar onde jogamos as passas – disse meu pai.

Olhei por entre os arbustos. A clareira estava pálida e nebulosa à luz do luar.

– Qual é o próximo passo? – perguntei eu.

– Vamos ficar aqui e esperar – disse meu pai. Mal podia ver seu rosto debaixo da viseira do boné, os lábios pálidos, o rosto afogueado, os olhos brilhando.

– Estão todos empoleirados, pai?

– Sim. Todos à nossa volta. Eles não vão muito longe.

– Eu poderia vê-los se alumiasse os galhos com a lanterna?

– Não – disse ele. – Eles vão bem alto e se escondem entre as folhas.

Ficamos esperando alguma coisa acontecer.

Nada acontecia. O bosque estava muito quieto.

– Danny – disse meu pai.

– Sim, pai?

– Fiquei imaginando como uma ave faz para manter o equilíbrio sentada num galho quando está dormindo.

– Eu não sei – respondi. – Por quê?

– É muito estranho – disse ele.

– O que é estranho?

– É estranho que uma ave não caia lá de cima assim que adormece. Pois se nós estivéssemos sentados em um galho e pegássemos no sono cairíamos na hora, não é?

– As aves têm garras e dedos longos, pai. Imagino que elas se seguram com eles.

– Eu sei disso, Danny. Mas continuo não entendendo por que esses dedos continuam agarrando o poleiro uma vez que a ave adormece. Com certeza tudo relaxa quando se adormece.

Esperei que ele prosseguisse.

– Estava pensando – disse ele. – Se uma ave pode manter o equilíbrio quando está adormecida, então não há razão nenhuma para que as pílulas as façam cair.

– Estão dopadas – disse eu. – Com certeza vão cair, pois estão dopadas.

– Mas não é apenas um tipo *mais profundo* de sono? – disse ele. – Por que deveríamos esperar que caíssem apenas devido a um sono *mais profundo*?

Houve um silêncio pesado.

– Eu devia ter testado com galos selvagens – acrescentou meu pai.

De repente o sangue parecia ter sumido de seu rosto. Estava tão pálido que eu pensei que ele ia desmaiar. – Meu pai teria testado com galos antes de mais nada – disse ele.

Naquele momento ouviu-se um suave baque vindo do bosque atrás de nós.

– O que foi isso? – perguntei eu.

– Psiu!

Ficamos ali escutando.

Tum!

– Outro! – disse eu.

Era um som forte e abafado, como se um saco de areia caísse no chão.

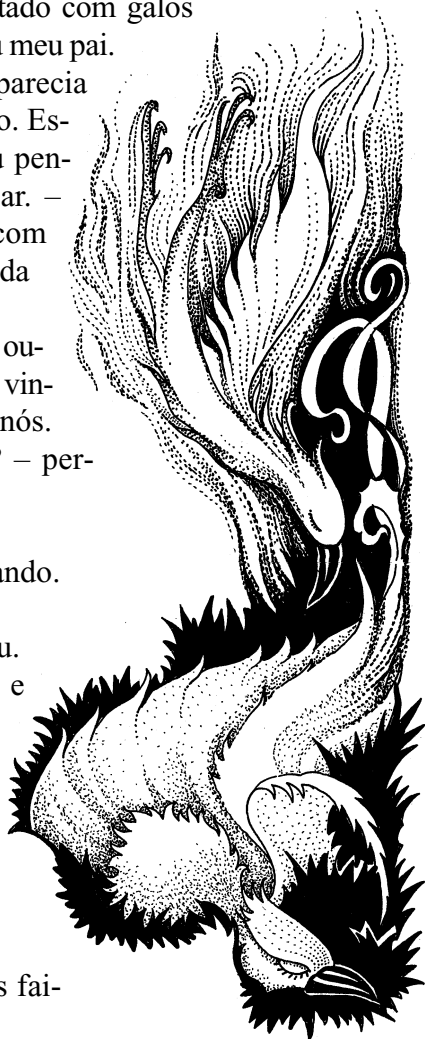
Tum!

– São os faisões!

– gritei eu.

– Espere!

– Só podem ser os faisões, pai!



Tum! Tum!

– Talvez você tenha razão, Danny!

Acendemos as lanternas e corremos na direção dos sons.

– Onde estão eles? – perguntou meu pai.

– Bem ali, pai! Dois deles bem ali!

– Achei que estivessem deste lado. Continue procurando. Não devem estar longe!

Procuramos cerca de um minuto.

– Aqui está um! – disse meu pai.

Quando cheguei perto, ele estava segurando um magnífico faisão macho com as duas mãos. Nós o examinamos de perto com as lanternas.

– Está dopado e no oitavo sono – disse meu pai.
– Não vai acordar por uma semana.

Tum!

– Aí está outro! – gritei.

Tum! Tum!

– Mais dois! – gritou meu pai.

Tum!

Tum! Tum! Tum!



– Minha nossa! – disse meu pai.

Tum! Tum! Tum! Tum!

Tum! Tum!

Os faisões começaram a chover das árvores à nossa volta. Pusemo-nos a correr feito loucos no escuro, alumando o chão com as lanternas.

Tum! Tum! Tum! Estes quase caíram em cima de mim. Eu estava bem embaixo da árvore quando eles caíram e os encontrei imediatamente – dois machos e uma fêmea. Estavam molengas e quentes, o toque de suas penas era maravilhoso e macio.

– Onde eu devo colocá-los, pai? – perguntei eu.

– Coloque-os aqui, Danny! Empilhe aqui onde há luz!

Meu pai estava na margem da clareira com a luz da lua iluminando-o inteiro, com uma penca de faisões em cada mão. Seu rosto brilhava, seus olhos estavam grandes, brilhantes e maravilhosos, e ele olhava em volta como uma criança que acaba de descobrir que o mundo inteiro é feito de chocolate.

Tum!

Tum! Tum!

– São muitos! – disse eu.

– É lindo! – gritou ele. Deitou as aves que estava segurando e correu para pegar mais.

Tum! Tum! Tum! Tum!

Tum!

Estava fácil encontrá-los agora. Havia um ou dois embaixo de cada árvore. Rapidamente peguei mais seis, três em cada mão, corri de volta e os deitei com os outros. Depois mais seis. Depois disso mais seis.

E ainda continuavam a cair.

Meu pai estava num furacão de alegria, correndo como um fantasma maluco por entre as árvores. Eu podia ver o brilho de sua lanterna dançando na escuridão, e, cada vez que encontrava uma ave, dava um gritinho de triunfo.

Tum! Tum! Tum!

– Ei, Danny! – gritou ele.

– Oi, estou bem aqui! Que foi, pai?

– O que você acha que o grande sr. Hazell diria se visse isto aqui?

– Nem fale nisso – disse eu.

Por três ou quatro minutos os faisões continuaram caindo. Depois pararam de repente.

– Continue procurando! – gritou meu pai. – Há muitos outros pelo chão!

– Pai! – disse eu. – Você não acha que devemos ir embora enquanto tudo está indo bem?

– Nunca! – gritou ele. – De jeito nenhum!

Continuamos procurando. Olhamos embaixo de cada árvore num raio de uns noventa metros da clareira, a norte, sul, leste e oeste, e acho que, no fim, encontramos quase todos eles. No ponto de coleta havia uma pilha de faisões do tamanho de uma grande fogueira.

– É um milagre! – ficava dizendo meu pai. – É um verdadeiro milagre! – Ele os olhava numa espécie de transe.

– Será que não deveríamos pegar uma meia dúzia cada um e ir embora rapidinho? – disse eu.

- Gostaria de contá-los, Danny.
- Pai! Agora não!
- Eu *preciso* contá-los.
- Não podemos fazer isso mais tarde?
- Um...
- Dois...
- Três...
- Quatro...

Ele começou a contá-los com cuidado, pegando uma ave de cada vez e colocando-a de lado com cuidado. A lua estava agora bem a pino, e toda a clareira brilhava, iluminada. Eu me sentia como se estivesse sob o clarão de poderosos holofotes.

– Cento e dezessete... cento e dezoito... cento e dezenove... *cento e vinte!* – gritou ele. – É um recorde absoluto! – Eu nunca o tinha visto tão feliz da vida. – O máximo que meu pai conseguiu pegar de uma vez foi quinze, e ele ficou bêbado por uma semana depois disso – disse ele. – Mas isto... isto, filho querido, é um *recorde mundial!*

– Suponho que seja – disse eu.

– E foi *você* quem conseguiu, Danny! A coisa toda foi idéia sua, antes de mais nada!

– Não fui eu, pai.

– Claro que foi! E você sabe o que isso faz de você, filhinho? Faz de você o campeão do mundo!

Levantando o suéter, ele desamarrou os dois grandes sacos de algodão que trazia presos à cintura.

– Aqui está o seu – disse ele me dando um. – Encha rápido!

A luz da lua estava tão clara que dava para ler o impresso na parte da frente do saco: J. W. CRUMP, MOINHOS KESTON, LONDRES, S.W. 17.

– Você não acha que aquele guarda de dentes mar-
rons está o tempo todo nos observando atrás de uma
árvore? – perguntei.

– Sem chance – disse meu pai. – Se ele estiver
em algum lugar, é no posto de gasolina esperando a
gente voltar com as presas.

Começamos a colocar os fai-
sões dentro dos sacos.



Eles eram macios, estavam com o pescoço caído, e a pele sob a plumagem ainda era quente.

– Não vamos conseguir carregar tudo isto até em casa – disse eu.

– Claro que não. Vai haver um táxi nos esperando na trilha à beira do bosque.

– Um *táxi*! – disse eu.

– Meu pai sempre usava táxi para grandes trabalhos – disse ele.

– Mas por que um táxi, meu Deus?

– É mais discreto, Danny. Ninguém sabe quem está dentro de um táxi a não ser o motorista.

– Que motorista? – perguntei eu.

– Charlie Kinch. E ele se sente muito feliz por cooperar.

– *Ele* também sabe da caça clandestina?

– O velho Charlie Kinch? Claro que sabe. No tempo dele, ele pegou mais faisões que todos os litros de gasolina que já vendemos.



Terminamos de encher os sacos e meu pai ajeitou o dele sobre os ombros. Eu não conseguia fazer o mesmo com o meu. Era pesado demais.

– Arraste – disse meu pai. – Vá arrastando pelo chão.

Meu saco continha sessenta e seis aves e pesava uma tonelada. Mas deslizava facilmente sobre as folhas secas, comigo andando na frente e puxando-o com as duas mãos.

Chegamos à orla do bosque e cruzamos a cerca em direção à trilha.

– Charlie, meu velho – disse meu pai, bem baixinho, e o homem atrás da direção enfiou a cabeça para fora à luz da lua, dando-nos um largo e malicioso sorriso desdentado. Ladeamos a cerca arrastando os sacos pelo chão atrás de nós.

– Olá, olá, olá – disse Charlie Kinch. – Mas o que é isso tudo?

17
O táxi

Dois minutos depois estávamos seguros dentro do táxi, percorrendo devagar a trilha pedregosa em direção à estrada.

Meu pai estava que não cabia em si de orgulho e alvoroço. A toda hora se inclinava para a frente e batia nas costas de Charlie Kinch dizendo:

– E aí, Charlie? Que tal esta caçada?

E Charlie Kinch olhava com os olhos arregalados para os enormes sacos bojudos.

– Meu Deus, homem! – dizia ele. – Como você fez isso?

– Foi o Danny que fez! – disse meu pai orgulhoso. – Meu filho Danny é o campeão do mundo.

Então Charlie disse:

– Imagino que os faisões vão estar escassos no grande dia da abertura da caçada do sr. Hazell, não é, Willum?

– Imagino que sim, Charlie – disse meu pai. – Imagino que sim.

– Todo aquele pessoal sofisticado – disse o velho Charlie. – Gente vindo de quilômetros de distância em carrões brilhantes, e não haverá uma única ave para eles abaterem!

Charlie Kinch ria e gargalhava tanto que quase saiu da trilha.

– Pai – disse eu –, o que você vai fazer com todos estes faisões?

– Dividi-los com nossos amigos – disse meu pai.
– Para começar, uma dúzia para o Charlie. Certo, Charlie?

– Pra mim tá bom – disse Charlie.

– Depois uma dúzia para o dr. Spencer. E outra para o Enoch Samways...

– O *sargento* Samways? – perguntei espantado.

– Claro – disse meu pai. – O Enoch Samways é um dos meus amigos mais antigos.

– O Enoch é um bom sujeito – disse Charlie Kinch. – É um rapaz simpático.

O sargento Enoch, como eu bem sabia, era o policial da vila. Era enorme, um homem rechonchudo, com um bigode preto espetado, que percorria nossa rua principal para cima e para baixo com o orgulho e a pose comedida de um homem consciente do cargo que ocupa. Os botões prateados de seu uniforme brilhavam como diamantes, e a simples visão de sua pessoa me assustava tanto que eu atravessava a rua sempre que ele se aproximava.

– O Enoch Samways gosta de um faisão assado como ninguém – disse meu pai.



– E eu calculo que ele também saiba algumas coisas sobre como capturá-los – disse Charlie Kinch.

Eu estava pasmo. Mas também folgava em saber que o grande sargento Samways era humano como todos nós. Talvez no futuro eu não me assustasse mais com ele.

– Você vai dividi-los ainda hoje, pai? – perguntei eu.

– Hoje não, Danny. Você deve sempre chegar em casa de mãos vazias depois de uma caçada clandestina. Nunca se pode ter certeza de que o sr. Rabbetts ou alguém de sua gangue não esteja esperando na porta de sua casa para ver se você está carregando alguma coisa.

– Ah, aquele lá é um velhaco, o sr. Rabbetts – disse Charlie Kinch. – A melhor coisa é despejar meio quilo de açúcar no tanque do carro dele enquanto ele não estiver olhando, daí ele não poderá bisbilhotar sua casa mais tarde. Nós sempre nos lembrávamos de pôr um pouco de açúcar no tanque dos vigias antes de ir caçar. Estou surpreso por você não ter pensado nisso, Willum, especialmente num grande trabalho como este.

– O que o açúcar faz? – perguntei eu.

– Ora, ele cola tudo lá dentro – disse Charlie Kinch. – Você tem de desmontar todo o motor para ele funcionar de novo depois que entra açúcar. Não é, Willum?

– Perfeitamente, Charlie – disse meu pai.

Saímos da trilha pedregosa para a estrada principal, Charlie Kinch engatou a quinta do velho táxi e fomos à vila.

– Você vai deixar as aves na casa da sra. Clipstone esta noite? – perguntou ele.

– Vou – disse meu pai. – Vá direto para lá.

– Por que a sra. Clipstone? – perguntei eu. – O que ela tem a ver com isso?

– A sra. Clipstone guarda os faisões de todo mundo – disse meu pai. – Eu não lhe contei?

– Não contou não, pai – disse eu, consternado. Agora eu estava mais atordoado que nunca. A sra. Grace Clipstone era a mulher do reverendo Lionel Clipstone, o pastor local.

– Sempre escolha uma mulher respeitável para guardar seus faisões – sentenciou meu pai. – Não é mesmo, Charlie?

– A sra. Clipstone é uma mulher muito esperta – disse Charlie.

Eu não podia acreditar no que eles estavam dizendo. Começava a parecer que simplesmente todo o distrito estava metido nessa maracutaia de caça clandestina.

– O pastor adora um faisão assado no jantar – disse meu pai.

– Quem não gosta? – emendou Charlie Kinch, começando a se chacoalhar todo de novo.

Estávamos agora passando pela vila. As luzes da rua estavam acesas, e os homens deixavam os bares voltando para suas casas, cheios de cerveja. Vi o sr.

Snoddy, meu diretor, um pouco cambaleante, tentando entrar escondido pela porta lateral de sua casa, mas o que *ele* não viu foi o rosto frio e feroz da sra. Snoddy na janela de cima, espiando.

– Sabe de uma coisa, Danny? – disse meu pai. – Fizemos uma boa ação para estas aves fazendo-as dormir dessa forma indolor. Elas teriam um dia horrível amanhã se não as tivéssemos pegado primeiro.

– Péssimos atiradores, a maioria daqueles caras – disse Charlie Kinch. – Pelo menos metade das aves acaba ferida e estropiada.



O táxi virou à esquerda e entrou pelos portões da casa paroquial. Não havia luzes acesas, e ninguém nos viu. Meu pai e eu descemos e descarregamos as aves no depósito de carvão dos fundos. Depois nos despedimos de Charlie Kinch e começamos a percorrer a pé as duas milhas de volta até o posto.

18

Em casa

Logo deixamos a vila para trás e estávamos no campo. Não havia ninguém à vista, apenas nós dois, meu pai e eu, cansados mas felizes, caminhando a passos largos na estrada sinuosa e enluarada.

– Não posso nem *acreditar*! – dizia meu pai. – Simplesmente não posso *acreditar* que nós conseguimos!

– Meu coração ainda está batendo forte – disse eu.

– O meu também! O meu também! Mas ah, Danny – disse ele colocando a mão no meu ombro –, não foi maravilhoso?

Estávamos andando bem no meio da estrada, como se ela fosse uma via particular passando pela nossa propriedade e nós fôssemos os donos de tudo o que observávamos.

– Você tem noção, Danny – disse meu pai –, de que nesta noite, nesta sexta-feira, trinta de setembro,

você e eu conseguimos apanhar *cento e vinte* faisões de primeira no bosque do sr. Victor Hazell?

Olhei para o meu pai. Seu rosto estava iluminado de felicidade e seus braços balançavam à medida que ele saracoteava pelo meio da estrada com aquele engraçado pé de metal que ia *clicando*.

– Faisão assado! – gritou ele para a lua e todo o campo. – O prato mais fino e suculento da face da Terra! Acho que você nunca comeu faisão assado, não é, Danny?

– Nunca – disse eu.

– Espere só! – exclamou ele. – Espere só até provar! Tem um sabor incrível! É simplesmente mágico!

– *Precisa* ser assado, pai?

– Claro que precisa ser assado! Nunca se deve cozinhar uma ave jovem. Por que a pergunta?

– Eu estava pensando em como vamos assar – disse eu. – Não tem de haver um forno ou algo assim?

– Claro – disse ele.

– Mas nós não temos forno, pai. Só temos uma espiriteira a parafina.

– Eu sei. E foi por isso que decidi comprar um forno.

– Comprar!

– É, Danny. Com um estoque grande e fabuloso desses em nossas mãos é importante que tenhamos o equipamento adequado. Vamos voltar para a vila amanhã de manhã para comprar um forno elétrico. Podemos comprar um no Wheeler. E colocaremos na oficina. Lá há muitas tomadas.

– Não vai ser muito caro?

– Nenhum gasto é demais para faisões assados – anunciou meu pai imponente. – E não se esqueça, Danny, antes de colocarmos a ave no forno, temos de pôr fatias de *bacon* sobre o peito para que ele fique bom e suculento. E molho de pão, também. Vamos ter de fazer um bom molho de pão. Nunca se deve comer faisão assado sem salpicá-lo com molho. Há três coisas que a gente deve sempre comer junto com faisão assado: molho de pão, pedaços de batata e nabos cozidos.

Houve meio minuto de silêncio enquanto ambos nos permitíamos o prazer de sonhar com essas iguarias maravilhosas.

– E vou lhe dizer o que mais precisamos ter – disse meu pai. – Temos de comprar um daqueles *freezers* onde dá para estocar as coisas por meses e meses sem que se estraguem.

– Pai! – disse eu. – Não!

– Mas você não vê, Danny, que, mesmo depois que tivermos dado algumas aves para nossos amigos, para o Charlie Kinch, o reverendo Clipstone, o doutor Spencer, o Enoch Samways e todos os outros, ainda vão sobrar umas cinqüenta para a gente? É por isso que vamos precisar de um *freezer*.

– Mas vai custar os tubos!

– E valer cada centavo! – disse ele. – Imagine, Danny, meu filho, quando tivermos vontade de um bom faisão assado para o jantar, vai ser só abrir a tampa do *freezer* e pegar! Nem reis e rainhas têm coisa melhor na vida!

Uma coruja voou atravessando a estrada à nossa frente, com grandes asas brancas batendo devagar à luz da lua.

– *Sua* mãe tinha um forno na cozinha, quando você era garoto, pai? – perguntei eu.

– Ela tinha uma coisa melhor que forno – disse ele. – Chamava-se fogão a lenha. Era um negócio grande, comprido e preto que costumávamos encher de carvão e manter aceso o dia inteiro. Nunca se apagava. E quando não tínhamos carvão usávamos pedaços de lenha.

– Dava para assar faisões nele?

– Dava para assar qualquer coisa, Danny. Era um negócio ótimo aquele velho fogão. Deixava a casa inteira quentinha no inverno.

– Mas *vocês* nunca tiveram um desses, você e a mamãe, depois de casados? Ou um forno?

– Não – disse ele. – Não podíamos comprar coisas desse tipo.

– Então como assavam os faisões?

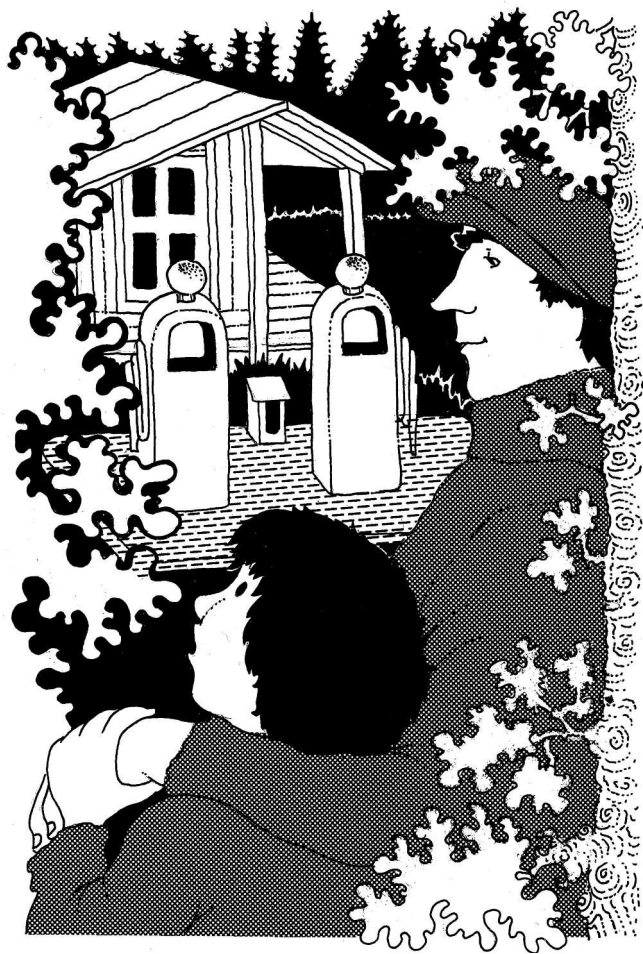
– Ah – disse ele –, esse era nosso truque. Costumávamos fazer uma fogueira fora da carroça e assá-los no espeto, do jeito que os ciganos fazem.

– O que é um espeto? – perguntei eu.

– É apenas um longo pedaço de metal que você enfia no faisão, põe sobre o fogo e fica girando. O que você tem de fazer é fincar duas forquilha de pau no chão, uma de cada lado do fogo, e pousar o espeto sobre elas.

– E eles ficavam bem assados?

– Ficavam – disse ele. – Mas no forno ficam melhor. Veja, Danny, o sr. Wheeler tem todos os tipos de forno na loja dele. Ele tem um com tantos botões e mostradores que parece um painel de avião.



– É esse que você quer comprar?

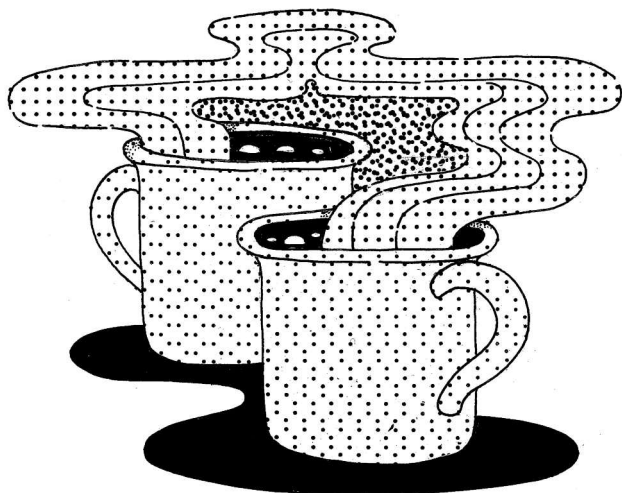
– Não sei – disse ele. – Vamos decidir amanhã.

Continuamos andando e logo vimos o posto iluminado pela luz da lua.

– Você acha que o sr. Rabbetts vai estar esperando por nós, pai?

– Se ele estiver, você não vai vê-lo, Danny. Eles sempre se escondem e ficam espiando atrás de uma cerca ou de uma árvore e só saem se você estiver carregando um saco às costas ou se o seu bolso estiver estufado com alguma coisa suspeita. Nós não estamos carregando nada. Então não se preocupe com isso.

Se o sr. Rabbetts estava ou não à espreita quando entramos no posto, eu não sei. Não vimos nem si-



nal dele. Dentro da carroça meu pai acendeu a lamparina e eu acendi a espiriteira, colocando a chaleira para fazer duas xícaras de chocolate.

– Esta noite – disse meu pai enquanto tomávamos nosso chocolate alguns minutos depois – vivi os melhores momentos da minha vida.

19

Nana, nenê

As oito e meia da manhã seguinte meu pai foi até a oficina e ligou para o dr. Spencer. — Ouça, doutor — disse ele. — Se puder estar aqui no posto em meia hora, acho que terei uma pequena surpresa para você. — O médico respondeu alguma coisa, e meu pai recolocou o telefone no gancho .

Às nove horas o dr. Spencer chegou em seu carro. Meu pai foi até ele, e os dois começaram a cochiçar atrás das bombas. Logo o pequeno médico começou a bater palmas e dar saltos no ar, explodindo em gargalhadas.

— Você está brincando! — disse ele. — Não é possível! — depois correu até mim e apertou minha mão. — Parabéns, meu garoto! — disse ele, chocalhando minha mão para cima e para baixo com tanta força que quase a arrancou. — Que triunfo! Que milagre! Que vitória! Por que, meu Deus, eu nunca pensei nesse mé-

todo? Você é um gênio, rapaz! Salve Danny! Você é o campeão do mundo!

– Lá vem ela! – gritou meu pai, apontando para a estrada. – Lá vem ela, doutor!

– Lá vem quem? – disse o médico.

– A sra. Clipstone. – Ele pronunciou o nome com orgulho, como se fosse um comandante se referindo ao mais bravo de seus soldados.

Nós três ficamos juntos ao lado da bombas olhando para a estrada.

– Consegue vê-la? – perguntou meu pai.

Eu podia apenas vislumbrar bem ao longe uma figura vindo em nossa direção.

– O que ela está empurrando, pai?

Meu pai me deu uma olhada maliciosa.

– Só há uma maneira de entregar faisões com segurança – disse ele. – E é debaixo de um bebê. Não é, doutor?

– Debaixo de um *bebê*? – indagou o dr. Spencer.

– Claro! Num carrinho com um bebê em cima.

– Fantástico! – disse o médico.

– Meu velho pai pensou nisso anos atrás – disse meu pai –, e nunca falhou desde então.

– É brilhante! – disse o dr. Spencer. – Apenas uma mente brilhante poderia pensar numa coisa dessas.

– Ele era um homem brilhante – disse meu pai. – Pode vê-la agora, doutor? E aquele deve ser o jovem Christopher Clipstone sentado no carrinho. Tem um ano e meio. Uma criança adorável.

– Fiz o parto dele – disse o dr. Spencer. – Pesava quatro quilos.

Eu conseguia ver apenas um vulto de bebê sentado no carrinho, cuja capota estava abaixada.

– Há mais de cem faisões embaixo daquele bebezinho – disse meu pai, feliz da vida. – Imagine só!

– Não dá para colocar cem faisões num carrinho de bebê – disse o dr. Spencer. – Não seja ridículo.

– Dá se o carrinho tiver sido feito especialmente para isso – disse meu pai. – Aquele é extracomprido, extralargo e tem uma câmara extrafunda por baixo. Dava para botar uma vaca naquele carrinho. Imagine cem faisões e um bebê!

– Foi você que fez, pai? – perguntei eu.

– Mais ou menos, Danny. Você se lembra de quando eu levei você para a escola e depois fui comprar as passas?

– Anteontem?

– É. Depois eu fui direto para a casa paroquial e converti o carrinho deles nesse Modelo Especial para Caça Extragrande. É uma beleza, não há dúvida. Espere só até ver. E a sra. Clipstone disse que ele é ainda mais fácil de empurrar que o normal. Ela deu uma volta no jardim para testá-lo logo que terminei.

– Fantástico – repetiu o médico. – Absolutamente fantástico.

– Normalmente – prosseguiu meu pai –, um carrinho comum de bebê era suficiente. Mas até hoje ninguém precisou entregar cem faisões.

– Onde o bebê senta? – perguntou o médico.

– Por cima, é claro – disse meu pai. – Só precisa de um lençol para cobrir tudo, e o bebê senta no lençol. Um monte de faisões dá um ótimo colchão para qualquer criança.

– Eu não duvido – disse o médico.

– Ele está fazendo um passeio muito confortável hoje, o pequeno Christopher Clipstone – disse meu pai.

Ficamos ao lado das bombas esperando a sra. Clipstone chegar. Era primeiro de outubro, uma daquelas manhãs de outono quentes e sem vento, com céu escuro e cheiro de trovão no ar.

O que era tão maravilhoso em meu pai, pensei, era a forma como ele surpreendia a gente. Era impossível ficar com ele por muito tempo sem ficar surpreso e pasmo com alguma coisa. Ele era como um mágico que tirava coisas da cartola. Agora era o carrinho de bebê. Em alguns minutos seria alguma outra coisa, eu tinha certeza.

– Bem pelo meio da vila, descaradamente – disse meu pai. – Que ótimo!

– Ela parece estar com uma pressa danada, pai – disse eu. – Está quase correndo. O senhor não acha que ela está quase correndo, dr. Spencer?

– Acho que ela está um pouco ansiosa para entregar a carga – disse o médico.

Meu pai olhou com atenção para a figura que se aproximava.

– Ela parece mesmo estar vindo um pouco rápido, não é? – disse ele cauteloso.

– Ela está vindo *muito* rápido – disse eu.

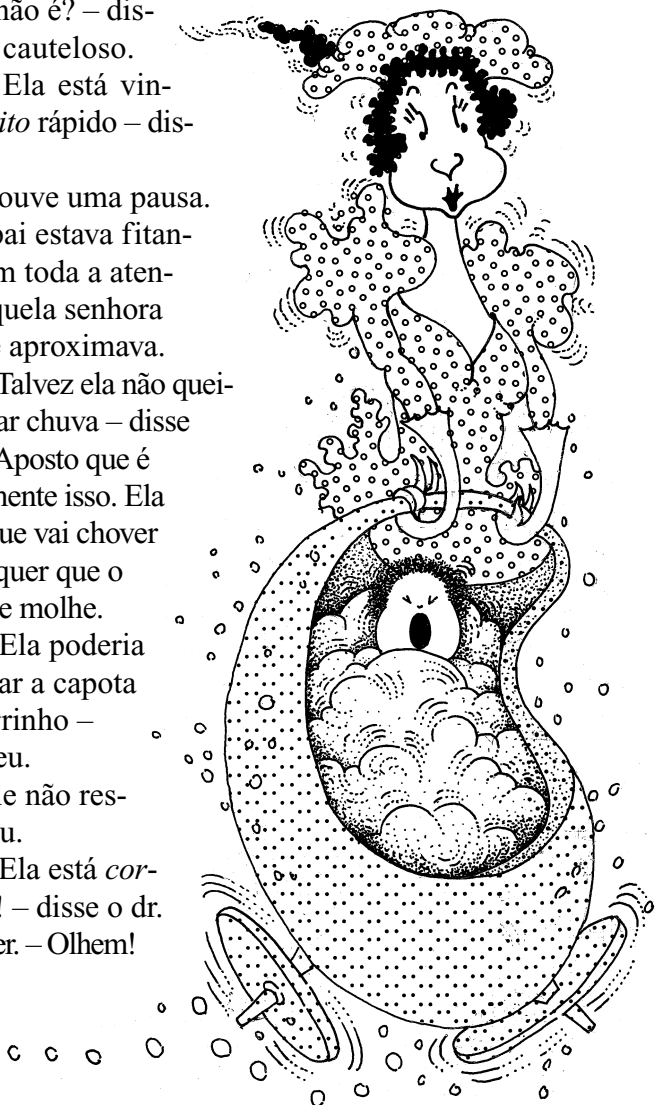
Houve uma pausa. Meu pai estava fitando com toda a atenção aquela senhora que se aproximava.

– Talvez ela não queira pegar chuva – disse ele. – Aposto que é exatamente isso. Ela acha que vai chover e não quer que o bebê se molhe.

– Ela poderia levantar a capota do carrinho – disse eu.

Ele não respondeu.

– Ela está *correndo*! – disse o dr. Spencer. – Olhem!



Era verdade. De repente a sra. Clipstone dera um verdadeiro pique.

Meu pai ficou imóvel, os olhos fixos nela. E, no silêncio que se seguiu, imaginei ouvir um bebê chorando.

– O que está havendo, pai?

Ele não respondeu.

– Há alguma coisa errada com o bebê – disse o dr. Spencer. – Ouçam.

Nesse ponto a sra. Clipstone estava a uns duzentos metros de nós, mas se aproximava rápido.

– Você consegue ouvir o bebê agora, pai?

– Consigo.

– Está berrando feito doido – disse o dr. Spencer.

A voz pequena e estridente aumentava a cada segundo, frenética, penetrante e ininterrupta.

– Ele está tendo uma convulsão – disse meu pai.

– Ainda bem que temos um médico à mão.

O dr. Spencer não disse nada.

– É por isso que ela está correndo, doutor – disse meu pai. – Ele está tendo uma convulsão e quer chegar logo aqui para colocá-lo debaixo de água fria.

– Que zoeira! – disse eu.

– Se não é uma convulsão – disse meu pai –, pode apostar que é alguma coisa do gênero.

– Duvido que seja uma convulsão – disse o médico.

Meu pai trocava o pé de apoio e parecia desconfortável.

– Acontecem mil coisas diferentes todos os dias com os bebês como esse – disse ele. – Não é, doutor?

– Claro – disse o médico. – Todos os dias.

– Uma vez um bebê prendeu os dedos nos raios do carrinho – disse meu pai. – Cortou tudinho fora.

O médico sorriu.

– O que quer que seja – emendou meu pai –, gostaria que ela parasse de correr. Vai acabar revelando tudo.

Um enorme caminhão carregado de tijolos surgiu atrás do carrinho. O motorista diminuiu a velocidade e colocou a cabeça para fora da janela para olhar. A sra. Clipstone o ignorou e continuou correndo. Ela estava tão perto agora que eu podia ver seu grande rosto vermelho com a boca aberta, arquejando. Notei que estava usando luvas brancas muito formais e elegantes. E tinha um chapeuzinho branco engraçado encarapitado bem no topo da cabeça, parecendo um cogumelo.

De repente, saindo do carrinho, direto para o ar, voou um enorme faisão.

Meu pai deixou escapar um grito de horror.

O bobalhão do caminhão caiu na gargalhada.

O faisão voou meio entorpecido por alguns segundos, depois perdeu altura e pousou na grama ao lado da estrada.

– Caramba! – disse o dr. Spencer. – Veja só isso!

Um utilitário da mercearia chegou atrás do caminhão e começou a buzinar, pedindo passagem. A sra. Clipstone continuava correndo.

Então VUM! – um segundo faisão voou para fora do carrinho.

Depois um terceiro e um quarto.

– Santo Deus! – disse o dr. Spencer. – Já sei o que aconteceu! *São as pílulas para dormir! Seu efeito está acabando!*

Meu pai não disse uma palavra.

A sra. Clipstone percorreu os últimos cinquenta metros num ritmo tremendo. Chegou ao posto rebolando toda, com um monte de aves voando para fora do carrinho em todas as direções.

– O que está acontecendo? – estrilou ela. Parou de chofre o carrinho junto à primeira bomba e pegou no colo a criança, que estava aos berros.

Com o peso da criança retirado de repente, uma grande nuvem de faisões surgiu do carrinho gigante. Devia haver bem mais de cem deles, e todo o céu acima de nós se encheu de aves grandes e marrons batendo as asas.

– Uma pílula de dormir não age para sempre – disse o dr. Spencer, balançando a cabeça com tristeza. – Seu efeito sempre acaba na manhã seguinte.

Os faisões estavam muito dopados para voar longe. Em poucos segundos pousaram de novo e se instalaram como um bando de gafanhotos por todo o posto. O lugar ficou repleto de faisões. Pousaram um ao lado do outro no telhado da oficina, e uma dúzia deles apinhou-se no peitoral da janela do escritório. Alguns tinham aterrissado na estante onde ficava o óleo lubrificante, e outros escorregavam pelo capô do car-



ro do dr. Spencer. Um macho de bela cauda estava majestosamente empoleirado em cima de uma das bombas de gasolina, e um bom número deles, aqueles que estavam dopados demais para fazer outra coisa, simplesmente ficaram esparramados no chão aos nossos pés, com as penas fofas e os olhinhos piscando.

Meu pai permaneceu extraordinariamente calmo. Mas a pobre sra. Clipstone não.

– Eles quase o estraçalharam a bicadas! – gritava ela apertando o bebê aos prantos contra o peito.

– Leve-o para dentro da carroça, sra. Clipstone – disse meu pai. – Essas aves todas o estão deixando



nervoso. Danny, leve este carrinho para dentro da oficina rápido.

A sra. Clipstone desapareceu em nossa carroça com o bebê, e eu escondi o carrinho na oficina.

Na estrada uma fila de carros começava a se formar atrás do caminhão de tijolos e do utilitário da mercearia. As pessoas estavam abrindo as portas e saindo, começando a atravessar a estrada para olhar os faisões.

– Cuidado, pai! – disse eu. – Veja só quem está chegando!

Tchauzinho, sr. Hazell

O grande e brilhante Rolls-Royce prateado bre- cou de repente, parando bem ao lado do pos- to. Por trás do volante eu pude ver a enorme cara rosada e cheia de cerveja do sr. Hazell com o olhar fixo nos faisões. Pude ver sua boca aberta, os olhos saltando da cara como dois cogumelos e a pele do rosto mudando de rosado para vermelho brilhante.

A porta do carro se abriu e ele veio, resplande- cente em suas calças de montaria de cor bege e botas de cano alto muito bem polidas. Tinha uma echarpe de seda amarela com pontinhos vermelhos em volta do pescoço e uma espécie de chapéu-coco na cabe- ça. Com o grande festival de caça prestes a começar, ele estava a caminho para receber os convidados.

Deixou a porta do Rolls-Royce aberta e veio até nós feito um touro furioso. Meu pai, o dr. Spencer e eu ficamos bem juntos, num grupinho, esperando ainda por ele. Começou a gritar com a gente desde o

momento em que saiu do carro e continuou a gritar ainda por um bom tempo. Tenho certeza de que vocês gostariam de saber o que ele disse, mas eu não poderia repetir aqui. A linguagem que ele usou era tão imunda e obscena que queimava meus ouvidos. De sua boca saíam palavras que eu nunca tinha ouvido antes e espero nunca mais ouvir. Começaram a se formar pequenas manchas de espuma branca em volta dos seus lábios, escorrendo pelo queixo até a echarpe amarela.

Olhei para meu pai. Ele estava muito calmo e imóvel, esperando a gritaria terminar. A cor tinha voltado às suas bochechas, e agora eu podia ver as pequenas contrações incontidas de um sorriso nos cantos de seus olhos.

O dr. Spencer estava ao lado dele, também muito calmo. Olhava para o sr. Hazell como se estivesse olhando para uma lesma numa folha de alface da salada.

Eu, de minha parte, não me sentia tão calmo.

– Mas eles não são os *seus* faisões – disse meu pai afinal. – São meus!

– Não me venha com mentiras, homem! – berrou o sr. Hazell. – Sou a única pessoa por aqui que possui faisões!

– Eles estão na minha propriedade – disse meu pai serenamente. – Eles voaram para a minha propriedade, e, enquanto ficarem aqui, pertencerão a mim. Você não conhece as regras, seu babuíno balofo da cara azul?

O dr. Spencer começou a rir baixinho. A pele do sr. Hazell, de vermelha, se tornou roxa. Os olhos e as bochechas estavam tão inchados de raiva que parecia que havia alguém inflando sua cara com uma bomba. Ele olhava com ódio para meu pai. Depois olhava para os faisões dopados ocupando todo o posto de gasolina.

– Qual é o problema com eles? – gritou. – O que você fez com eles?

Nesse ponto, pedalando imponente sua bicicleta preta em nossa direção, surgiu o braço da lei na forma do sargento Enoch Samways, brilhando em seu uniforme azul com reluzentes botões prateados. Sempre foi um mistério para mim o modo como o sargento Enoch Samways conseguia farejar uma encrenca onde quer que ela ocorresse. Era só alguns moleques brigarem na calçada ou dois motoristas discutirem por causa de um pára-choque amassado, e podia-se apostar que o policial estaria ali em poucos minutos.

Todos nós o vimos chegar, e um silêncio se instalou entre nós. Imagino que esse mesmo tipo de coisa aconteça quando um rei ou um presidente entra num recinto cheio de gente falando. Todos param de conversar e ficam imóveis em sinal de respeito para com uma pessoa importante e poderosa.

O sargento Samways desceu da bicicleta e caminhou cuidadosamente entre a massa de faisões esparramados no chão. O rosto por trás do grande bigode preto não mostrava surpresa, raiva ou emoção

de qualquer tipo. Estava calmo e neutro, como sempre deveria ser a face da lei.

Durante meio minuto ele deixou os olhos passearem devagar pelo posto, observando a massa de faisões espalhada por toda parte. O resto de nós, incluindo até o sr. Hazell, esperava em silêncio pelo julgamento a ser pronunciado.

– Bem, bem, bem – disse finalmente o sargento Samways, estufando as bochechas sem se dirigir a ninguém em particular. – O que está ocorrendo aqui? pergunto eu.

O sargento Samways tinha o hábito engraçado de trocar dois erres por um erre e vice-versa. Então, se a palavra tinha dois erres, ele a pronunciava com um, e para compensar, se a palavra tinha um erre só, ele pronunciava com dois.

– Vou lhe contar o que está acontecendo por aqui! – gritou o sr. Hazell, avançando em direção ao policial. – Esses faisões são *meus* e este pilantra – apontando para meu pai – os arrancou do meu próprio bosque, trazendo-os para este postinho imundo!

– Arancou? – disse o sargento Samways, olhando primeiro para o sr. Hazell e depois para nós. – Arancou os faisões, você disse?

– Claro que ele arrancou!

– Bem – disse o sargento, encostando sua bicicleta com cuidado em uma de nossas bombas. – Esta é uma acusação muito interessante, porque eu nunca ouvi falar de alguém que arancasse faisões a uma distância de dez quilômetros de campo aberto. Como



acha que essa operação foi realizada, se é que me permite perguntar, sr. Hazell?

– Não me pergunte *como* porque eu não sei! – gritou o sr. Hazell. – Mas que ele fez, ele fez! A prova está à sua volta! Meus melhores faisões estão pousados neste postinho imundo quando deveriam estar lá no meu bosque prontos para a caçada! – As palavras saíam da boca do sr. Hazell como a lava quente de um vulcão em erupção.

– É coreto – disse o sargento Samways –, é absolutamente coreto eu pensar que hoje é seu grande festival de tirros, sr. Hazell?

– Aí é que está – gritou o sr. Hazell, enfiando o indicador no peito do sargento como se estivesse batendo numa máquina de escrever ou numa calculadora. – E, se essas aves não voltarem bem rápido para a minha propriedade, algumas pessoas muito importantes vão ficar zangadas esta manhã. E um de meus convidados, é bom que saiba, sargento, é ninguém menos que o seu chefe, o delegado do distrito! Então é melhor o senhor fazer alguma coisa já, se não quiser perder seus galões de sargento.

O sargento Samways não gostava que ninguém lhe metesse o dedo no peito, menos ainda o sr. Hazell, e demonstrou isso crispando o lábio superior com tanta força que seu bigode tomou vida e ficou pulando como um animalzinho ouriçado.

– Espere um minuto – disse ele para o sr. Hazell.
– Um minuto, por favor. Pelo que eu estou entendendo, você está acusando este cavalheiro aqui de ter cometido este ato?

– Claro que estou! – disse o sr. Hazell. – É claro que foi ele!

– E você tem alguma prrova para sustentar essa acusação?

– A prova está à sua volta! – gritou o sr. Hazell.
– O senhor é cego ou o quê?

A esta altura meu pai deu um passo à frente e fixou o sr. Hazell com seus maravilhosos olhos, que brilhavam e piscavam:

– Com certeza você sabe como esses faisões vieram parar aqui – disse ele com suavidade.

– Com certeza eu *não* sei como eles vieram para cá! – retrucou o sr. Hazell.

– Então eu vou lhe contar – disse meu pai –, porque, na verdade, é muito simples. Eles todos sabiam que iriam ser mortos hoje se ficassem no seu bosque, então voaram para cá, para esperar até o tiroteio terminar.

– Baboseira! – berrou o sr. Hazell.

– Não é baboseira, não – disse meu pai. – Os faisões são aves extremamente inteligentes. Não são, doutor?

– Eles têm uma inteligência enorme – disse o dr. Spencer. – Sabem exatamente de tudo o que acontece.

– Seria, sem dúvida alguma, uma grande honra – disse meu pai – ser caçado pelo delegado do distrito, e mais ainda ser comido depois pelo lorde Thistlewaite, mas acho que um faisão não vê as coisas dessa maneira.

– Vocês são uns miseráveis, os dois! – gritou o sr. Hazell. – Vocês são uns patifes da pior espécie!

– Esperrem, esperrem – disse o sargento Samways. – Insultos não vão levar a lugar algum. Vão apenas agravar as coisas. Por isso, cavalheiros, eu tenho uma sugestão a fazer. Sugirro que todos nós façamos um grande esforço parra conduzir essas aves de volta pela estrada até a propriedade do sr. Hazell. O que acha disso, sr. Hazell?

– Será um passo na direção correta – disse o sr. Hazell. – Adiante com isso, então.

– O que você acha disso, Willum? – disse o sargento para meu pai. – Você concorda?

– Acho a idéia esplêndida – disse meu pai, olhando para o sargento Samways com um daqueles olhares engraçados. – Vou ter muito prazer em ajudar. O Danny também.

Eu me perguntei o que ele estava tramando, porque, quando meu pai olhava para alguém daquele jeito engraçado, significava que alguma coisa divertida ia acontecer. E eu notei que o sargento Samways também tinha um brilho em seu olhar normalmente severo.

– Vamos lá, rapazes! – disse ele. – Vamos empurrar essas aves preguiçosas parra a estrada!

E começou a caminhar a passos largos pelo posto, agitando os braços para os faisões e gritando:

– Xô! Xô! Vão emborra! Vamos lá! Saiam daqui!

Meu pai e eu nos juntamos a ele nesse exercício um tanto absurdo, e, pela segunda vez naquela manhã, nuvens de faisões subiram aos ares, batendo as asas enormes. Foi então que eu percebi que, antes de voarem para a estrada, as aves teriam que passar primeiro sobre o possante Rolls-Royce do sr. Hazell, que estava bem no caminho delas, com a porta ainda aberta. A maioria dos faisões estava muito dopada para conseguir atravessar. Então logo vieram abaixo novamente estatelando-se em cima do carrão prateado. Cobriram todo o teto e o capô, deslizando, escorregando e tentando se agarrar naquela bela superfície polida. Eu podia ouvir suas garras afiadas arra-



nhando a pintura enquanto eles se debatiam tentando se segurar, e logo começaram a depositar suas titicas por todo o teto.

– Tire-os daí! – gritava o sr. Hazell. – Tire-os daí de cima!

– Não se preocupe, sr. Hazell – disse o sargento Samways. – Vamos consertar tudo! Vamos, rapazes! Com jeito vai! Enxotem para o outro lado da estrada.

– Não por cima do meu carro, seu idiota! – bramiu o sr. Hazell, pulando feito um louco. – Mande-os para o outro lado!

– Muito bem, meu senhor, estamos indo! – respondeu o sargento Samways.

Em menos de um minuto o Rolls-Royce estava infestado de faisões, todos se agarrando, riscando e depositando sua sujeira nojenta em cima da brilhante pintura prateada. Pior ainda, eu vi pelo menos uma dúzia deles voar direto para *dentro* do carro pela porta aberta do lado do motorista. Não sei se o sargento Samways os tinha, ele mesmo, engenhosamente levado para lá, mas aconteceu tão rápido que o sr. Hazell nem notou.

– Tire essas aves do meu carro! – bradava o sr. Hazell. – Você não vê que elas estão arruinando a pintura, seu demente?

– Pinturra? – disse o sargento Samways. – Que pinturra?

Ele tinha parado de enxotar os faisões e agora estava lá todo sério olhando para o sr. Hazell e balançando a cabeça de um lado para o outro:

– Fizemos de tudo para levar essas aves para a estrada – disse ele. – Mas elas são ignorrantes demais parra entender.

– Meu carro, homem! – gritou o sr. Hazell. – Tire-as do meu carro!

– Ah! – disse o sargento. – Seu caro. Agorra entendendo o senhor. Os faisões são aves bestas e imundas. Mas por que o senhor não entra e aranca rápido? Aí elas vão ter de sair, não é?

O sr. Hazell, que pareceu muito feliz por ter uma desculpa para escapar daquele lugar de doidos, deu uma corrida até a porta aberta do carro e pulou para o banco do motorista. Assim que entrou, o sargento Samways bateu a porta, e logo estava armado o rebuliço mais infernal dentro do carro, já que uma dúzia ou mais de faisões começou a grasnar e voar por sobre os assentos e em volta da cabeça do sr. Hazell.

– Aranque, sr. Hazell! – gritou o sargento Samways pela janela em seu melhor tom de policial que dá uma ordem. – Vamos, vamos, vamos! Saia corendo! Não há tempo a perder! Ignore esses faisões, sr. Hazell, e acelere essa máquina!

O sr. Hazell não tinha muita escolha. Tinha de sair correndo agora. Ligou o motor, e o grande Rolls-Royce disparou estrada abaixo com nuvens de faisões saindo dele em todas as direções.

Então aconteceu uma coisa extraordinária. Os faisões que tinham voado de cima do carro *ficaram no ar*. Não caíram feito bêbados como esperávamos.

Ficaram lá em cima e continuaram voando. Voaram sobre o teto do posto, sobre a carroça, sobre o terre-ninho dos fundos, onde ficava nosso pequeno lava-tório, sobre o campo seguinte e sobre o cume da mon-tanha, até se perderem de vista.

— Santo Deus! — disse o dr. Spencer. — Olhem aquilo! Eles se recuperaram! O efeito da pílula final-mente terminou!

Agora todos os outros faisões que estavam por ali começaram a despertar. Levantaram-se, eriçando as penas e virando rapidamente a cabeça de um lado para o outro. Um ou dois deles começaram a correr e logo todos estavam correndo, e, quando o sargento Samways bateu palmas para eles, todos voaram por cima do posto e desapareceram.



De repente não havia sobrado um só faisão. E era muito interessante ver que nenhum deles tinha voado para a estrada ou na direção do bosque do sr. Hazell e do festival de caça. Todos tinham voado exatamente na direção oposta.

A surpresa do dr. Spencer

Na estrada principal havia quase vinte carros e caminhões parados em fila, e as pessoas estavam em grupinhos, falando e rindo do espantoso episódio que tinham acabado de presenciar.

– Agorra vamos lá! – disse o sargento Samways, dirigindo-se até eles. – Circulando! Circulando! Assim não dá! Vocês estão barrando a estrada!

Ninguém desobedecia o sargento Samways nunca, e logo as pessoas entraram em seus carros e foram embora. Em poucos minutos todos haviam sumido. Só sobramos nós quatro – o dr. Spencer, o sargento Samways, meu pai e eu.

– Bem, Willum – disse o sargento Samways, voltando da estrada e unindo-se a nós ao lado das bombas. – Esses faisões foram a visão mais espantosa que eu já tive na minha vida inteira!

– Foi lindo – disse o dr. Spencer. – Lindo. Você não gostou, Danny?

– Maravilhoso – disse eu.

– É uma pena que os tenhamos perdido – disse meu pai. – Quase partiu meu coração quando começaram a voar do carrinho. Naquele momento eu soube que os perderíamos.

– Mas como você conseguiu pegá-los, meu Deus do céu? – perguntou o sargento Samways. – Como você conseguiu, Willum? Vamos lá, homem. Também quero saber o segredo.

Meu pai contou a ele resumidamente, mas mesmo assim contou uma bela história. E o tempo todo o sargento ficava dizendo:

– Nossa, eu nunca pensaria nisso! Carramba, estou passado! Essa me derubou! Ele merrece – e coisas assim.

E, quando a história terminou, apontou seu longo dedo de policial para a minha cara dizendo:

– Sserrá possível! Nunca pensei que um molequinho feito você pudesse maquinar uma coisa tão fantástica como essa! Parrabéns, meu jovem!

– O pequeno Danny vai longe, você vai ver – disse o dr. Spencer. – Um dia ele vai ser um grande inventor!

Ser considerado assim pelos dois homens que eu mais admirava no mundo, depois do meu pai, me fez ficar corado e engasgado. E, enquanto eu estava ali pensando no que poderia responder, ouviu-se uma voz atrás de mim:

– Ai, graças a Deus que tudo terminou finalmente!

Essa, claro, era a sra. Grace Clipstone, que agora descia com cuidado os degraus da carroça com o pequeno Christopher nos braços.

– Nunca na vida – dizia ela – eu tinha visto uma confusão dessas!

O chapeuzinho branco ainda estava encarapitado em sua cabeça, e as formais luvas brancas ainda lhe cobriam as mãos.

– Que reunião! – disse ela, avançando em nossa direção. – Que reunião de velhacos e patifes temos aqui! Bom dia, Enoch.

– Bom dia, sra. Clipstone – disse o sargento Samways.

– Como está o bebê? – perguntou meu pai.

– O bebê está melhor, obrigada, William – disse ela. – Embora eu ache que ele nunca mais vai ser o mesmo.

– Claro que vai – disse o dr. Spencer. – Os bebês são fortes.

– Não me importa quão fortes eles sejam! – respondeu ela. – Como *você* se sentiria se fosse levado para um belo e calmo passeio em seu carrinho numa bela manhã de outono... sentado num colchão supermacio... que, de repente, tomasse vida e começasse a sacudir você para cima e para baixo como um mar em tempestade... e a próxima coisa que você percebesse fosse uns cem bicos curvos e afiados cutucando por debaixo do colchão e estraçalhando você a bicadas.

O médico inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, e sorriu para a sra. Clipstone.

– Você acha engraçado? – disse ela. – Deixe estar, dr. Spencer. Um dia eu coloco alguns crocodilos e cobras debaixo do *seu* colchão para ver se vai gostar!

O sargento Samways foi pegar a bicicleta ao lado das bombas.

– Bem, senhorras e senhorres. – disse ele. – Tenho de ir verrificar outras ocorências por aí.

– Sinto imensamente por ter-lhe dado esse trabalho, Enoch – disse meu pai. – E muito obrigado pela ajuda.

– Eu não perderria essa nem por todo o chá da China – disse o sargento Samways. – Mas o que me deixou triste mesmo, Willum, foi ver todas aquelas adorráveis aves escapando de nossas mãos daquele



jeito. Porque, parra mim, não existe um prato mais gostoso do que faisão assado.

– O pastor vai ficar ainda mais triste do que você – disse a sra. Clipstone. – Foi só nisso que ele falou desde que saiu da cama hoje de manhã, no maravilhoso faisão assado que jantaria esta noite!

– Ele vai superar – disse o dr. Spencer.

– Ele não vai superar, e vai ser uma desgraça! – disse a sra. Clipstone. – Porque agora tudo o que eu tenho para oferecer a ele são uns horríveis filés de bacalhau, e ele nunca gostou de bacalhau.



– Mas – disse meu pai – com certeza você não enfiou *todos* aqueles faisões no carrinho, não é? Era para você guardar pelo menos uma dúzia para vocês!

– É, eu sei disso – lamentou ela. – Mas eu estava tão deslumbrada com a idéia de perambular pela vila com o pequeno Christopher sentado sobre cento e vinte faisões que me esqueci de guardar alguns para nós. E agora, infelizmente, todos se foram! E o jantar do pastor, também.

O médico foi até a sra. Clipstone e pegou-a pelo braço.

– Venha comigo, Grace – disse ele. – Tenho uma coisa para lhe mostrar. – Ele a levou até a oficina de meu pai, cujos portões estavam bem abertos.

O resto de nós ficou onde estava e esperou.

– Caramba! Venham ver isto! – gritou a sra. Clipstone. – William! Enoch! Danny! Venham ver!

Corremos para dentro da oficina.

Era uma bela visão.

Deitados sobre a bancada de trabalho do meu pai, no meio das porcas, parafusos e trapos cheios de óleo, havia seis magníficos faisões, três machos e três fêmeas.

– Aí está, senhoras e senhores – disse o médico, com seu rostinho enrugado radiante de alegria. – Que tal?

Estávamos sem fala.

– Dois para você, Grace, para deixar o pastor de bom humor – disse o dr. Spencer. – Dois para o Enoch,

pelo ótimo trabalho que ele fez esta manhã e dois para William e Danny, que os merecem mais que todos.

– E você, doutor? – perguntou meu pai. – Assim não sobra nada para você.

– Minha mulher tem mais o que fazer para ficar depenando aves o dia todo. – disse ele. – E de qualquer forma, quem os tirou do bosque antes de mais nada? Você e o Danny.

– Mas como *você* os pegou, meu Deus? – perguntou meu pai a ele. – Quando você os agarrou?

– Eu não os agarrei – disse o médico. – Só tive um pressentimento.

– Que tipo de pressentimento? – perguntou meu pai.

– Pareceu-me muito óbvio – disse o médico – que alguns daqueles faisões tivessem engolido mais de uma passa cada um. Alguns, bastante rápidos, deviam ter engolido meia dúzia ou mais. E, nesse caso, eles teriam recebido uma dose cavalgar de pílulas para dormir e não acordariam *nunca*.

– Ah! Claro! Claro! – dissemos nós.

– Então, enquanto vocês estavam tão ocupados tocando as aves para cima do Rolls-Royce do velho Hazell, eu entrei aqui sorrateiramente e dei uma olhada no fundo do carrinho. E lá estavam eles!

– Interessante! – disse o sargento Samways. – Absolutamente interessante!

– Esses foram os gulosos – disse o médico. – Nunca vale a pena comer mais do que é realmente preciso.

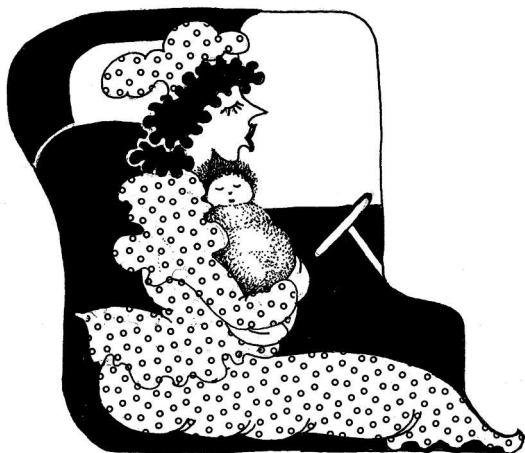
– Maravilha! – disse meu pai. – Muito bem pensado, sim, senhor!

– Oh, você é um homem adorável! – gritou a sra. Clipstone abraçando o pequeno médico e dando um beijo em sua bochecha.

– Agora venha comigo – disse-lhe o médico. – Vou levar você para casa. Pode deixar esse carrinho doido onde está. E, Enoch, levaremos suas aves conosco e as entregaremos em sua casa no caminho. O braço da lei não pode ficar pedalando pela vila com dois faisões pendurados no guidão.

– Fico muito agradecido, doutor – disse o sargento Samways. – Muito mesmo.

Meu pai e eu colocamos quatro faisões dentro do carro do médico. A sra. Clipstone sentou no banco da frente com o bebê, e o médico sentou-se ao volante.



– Não fique triste, William – disse ele a meu pai pela janela quando saía. – Foi uma vitória célebre.

Em seguida o sargento Samways montou em sua bicicleta e acenou em despedida enquanto pedalava estrada abaixo. Pedalava devagar, e havia uma certa majestade em seu porte, a cabeça levantada e as costas bem retas, como se ele estivesse montado num belo puro-sangue, e não numa velha bicicleta preta.

22

Meu Pai

Estava tudo acabado. Meu pai e eu ficamos sozinhos na oficina, e, de repente, aquele lugar pareceu muito silencioso.

– Bem, Danny – disse meu pai, fitando-me com aquele brilho nos olhos. – É isso aí.

– Foi divertido, pai.

– Eu sei – disse ele.

– Gostei demais – comentei.

– Eu também, Danny.

Colocou a mão sobre meu ombro e, lentamente, começamos a andar para a carroça.

– Talvez hoje seja melhor fechar as bombas e tirar uma folga – disse ele.

– Você quer dizer não abrir durante o dia todo?

– Por que deveríamos abrir? Afinal de contas hoje é sábado, não é?

– Mas sempre abrimos aos sábados, pai. E também aos domingos.

– Talvez já esteja na hora de mudar – disse ele. – A gente poderia fazer outra coisa.

Algo mais interessante.

Aguardei curioso o que viria depois.

Quando chegamos à carroça, meu pai subiu os degraus e sentou-se na pequena plataforma de madeira. Deixou as pernas, tanto a engessada quanto a boa, ficar balançando sobre a beirada. Subi e sentei ao seu lado apoiando os pés no degrau da escada.

Era um bom lugar para sentar, a plataforma da carroça. Era um lugar confortável e sossegado para conversar e ficar sem fazer nada em dia de tempo bom. Quem mora em casa tem uma varanda ou terraço com grandes cadeiras para se recostar. Mas eu não trocaria nada pela nossa plataforma de madeira.

– Conheço um lugar a uns cinco quilômetros daqui – disse meu pai. – É do outro lado do Morro do Sapateiro. Lá há um bosque de lariços. É um lugar tranqüilo, com um riacho correndo bem no meio.

– Um riacho? – disse eu.

Ele fez que sim com a cabeça e me fitou outra vez com um brilho nos olhos. – Está cheio de trutas – acrescentou.

– Ah, pai, *será que podemos?* – gritei. – Será que podemos ir lá?

– E por que não? – disse ele. – Podemos tentar fazer cócegas na barriga delas do jeito que o dr. Spencer nos ensinou.

– Você me ensina, pai? – disse eu.

– Não tenho muita prática com trutas – disse ele.
– Meu negócio são os faisões. Mas sempre se pode aprender.

– Podemos ir agora? – indaguei todo animado.

– Achei que, antes, a gente ia dar um pulo até a vila para comprar um forno elétrico – disse ele. – Você não se esqueceu do forno elétrico, não é?

– Mas pai – respondi – isso era quando a gente achava que ia ter um monte de faisões para assar.

– Ainda temos os dois que o dr. Spencer nos deu – disse ele. – E com um pouco de sorte teremos muitos outros em algumas semanas. De qualquer jeito, já está na hora de comprar um forno elétrico. Assim podemos fazer uns bons assados, em vez de ficar esquentando panelas de feijão. Um dia podemos preparar um leitão assado, outro dia podemos preferir uma perna de cabrito ou até mesmo um rosbife. Você não ia gostar?

– É claro que ia gostar – respondi. – Mas, pai, será que você ia poder preparar seu prato preferido?

– Que prato? – perguntou.

– Torta de carne – respondi.

– Eu juro – gritou ele. – Esse vai ser o primeiro prato que vou preparar no nosso forno novo! Torta de carne! Numa fôrma enorme, igual à da minha mãe, com massa Yorkshire, sequinha e bem crescida com grandes bolhas formando montanhas e pedaços de lingüiça aninhados dentro delas.

– Dá para comprar o forno hoje, pai? Eles entregam na hora?

– Talvez, Danny. Vamos ver.

– Não podemos encomendá-lo pelo telefone, agora mesmo?

– Não convém comprar assim – disse meu pai. – Devemos falar pessoalmente com o sr. Wheeler e examinar os vários modelos com muito cuidado.

– Tudo bem – disse eu. – Então vamos.

A essa altura eu estava louco de vontade de comprar um forno elétrico e comer torta de carne, porco assado e coisas assim. Mal podia esperar.

Meu pai levantou-se e disse:

– E, depois de comprar o forno, vamos até o riacho para ver se conseguimos pegar alguma truta-arco-íris. Podemos levar sanduíches e fazer um lanche à beira do riacho. Assim teremos um dia gostoso.

Minutos depois, caminhávamos pela velha estrada em direção à vila para comprar o forno. O pé de ferro de meu pai fazia *toc-toc* ao bater na superfície dura, enquanto, lá no alto, algumas grandes nuvens negras de trovoada se moviam lentamente em direção ao vale.

– Pai – disse eu.

– O que foi, meu querido?

– Quando prepararmos em nosso forno novo os faisões para jantar, não dava para convidar o dr. Spencer e a mulher dele para jantarem com a gente?

– Caramba! – exclamou meu pai. – Que idéia maravilhosa! Que bela sugestão! Vamos oferecer um jantar em homenagem a eles.

– O único problema – disse eu – é que talvez não haja espaço suficiente na carroça para quatro pessoas.

– Acho que há sim – disse ele. – Na medida exata.

– Mas só temos duas cadeiras.

– Isso não é problema, Danny. Você e eu podemos sentar em caixotes.

Houve um breve silêncio,
e em seguida ele disse:



– Mas precisamos de uma coisa. Sabe o que é? Uma toalha para a mesa. Não podemos servir o jantar para o doutor e sua senhora sem uma toalha na mesa.

– Mas não temos uma toalha, pai.

– Não se preocupe – disse ele. – Podemos usar um lençol. Uma toalha de mesa não é uma espécie de lençol?

– E garfos e facas? – perguntei.

– Quantos temos?

– Dois garfos e duas facas – respondi. – E já estão meio tortos.

– Vamos comprar dois de cada – disse meu pai.

– Damos os novos aos hóspedes e nós usamos os velhos.

– Ótimo! – disse eu. – Beleza! – E, estendendo o braço, pus minha mão na dele. Ele envolveu meu pulso com seus dedos longos e segurou firme enquanto seguíamos para a vila, onde logo estaríamos examinando, com o maior cuidado, todos os diferentes tipos de fornos e fogões, e conversando sobre eles com o sr. Wheeler.

Em seguida, voltaríamos para casa e prepararíamos alguns sanduíches para o nosso lanche. E depois, com os sanduíches no bolso, nossas passadas largas nos levariam para o Morro do Sapateiro e, além dele, para o pequeno bosque de lariços cortado pelo riacho.

E depois?

Talvez alguma truta-arco-íris.

E depois?

Alguma outra coisa aconteceria depois.

Porque, na verdade, o que eu estou tentando lhes contar... o que tentei lhes contar o tempo todo é justamente que meu pai, sem a menor sombra de dúvida, foi o pai mais maravilhoso e estimulante que um menino já teve.



UM RECADO

para as crianças que leram este livro.

Quando vocês crescerem e tiverem seus filhos,
por favor, lembrem-se de uma coisa importante:

Um pai convencional *não tem graça nenhuma.*

O que uma criança quer

e merece

é um pai que seja

CHEIO DE VIDA E ALEGRIA.



